



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENHO , CULTURA E IDENTIDADE  
MESTRADO EM DESENHO, CULTURA E INTERATIVIDADE**

**MURILLO ALMEIDA CERQUEIRA CAMPOS**

**CRITÉRIOS EDITORIAIS E VISUAIS NOS LIVROS INFANTIS DA EDUEFS:  
UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE TEXTO, IMAGEM E PROJETO GRÁFICO**

**FEIRA DE SANTANA**

**2025**

**MURILLO ALMEIDA CERQUEIRA CAMPOS**

**CRITÉRIOS EDITORIAIS E VISUAIS NOS LIVROS INFANTIS DA EDUEFS:  
UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE TEXTO, IMAGEM E PROJETO GRÁFICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade, na Área de Concentração de Desenho e Cultura e na Linha de Pesquisa de Desenho: História, Cultura e Interatividade, da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carla Borges de Andrade.

**FEIRA DE SANTANA**

**2025**

## ATA DE DEFESA

Aos três dias do mês de julho de 2025, às 09:00h, realizou-se em sessão presencial, a defesa da dissertação intitulada **A INSERÇÃO DO DESENHO NOS LIVROS INFANTIS PUBLICADOS PELA UEFS EDITORA**, do mestrando **Murillo Almeida Cerqueira Campos**, na Área de Concentração de Desenho Registro e Memória Visual, na Linha de Pesquisa Estudos Interdisciplinares em Desenho. Após análise do material recebido e da exposição feita pelo mestrando, a Banca considera que o trabalho está **APROVADO**, recomendando-se a publicação do trabalho, bem como outras formas de compartilhamento do mesmo, como apresentação em eventos acadêmicos e editoriais. Sugere-se uma revisão profissional que respeite o estilo de escrita do autor, a inserção da ficha avaliativa editorial na íntegra em apêndice do trabalho e uma possível alteração do título que ficaria mais adequada ao que o corpo do texto apresenta.

Feira de Santana, 03 de julho de 2025

Documento assinado digitalmente  
 **FLAVIA GOULART MOTA GARCIA ROSA**  
Data: 03/07/2025 20:37:24-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Flavia Goulart Mota Garcia Rosa - UFBA

Documento assinado digitalmente  
 **CARLA BORGES DE ANDRADE**  
Data: 07/07/2025 08:58:00-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Carla Borges de Andrade (Orientadora) - PPGDCI/ UEFS

Documento assinado digitalmente  
 **LUCIENE SOUZA SANTOS**  
Data: 04/07/2025 09:47:51-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Luciene Souza Santos - UEFS

Documento assinado digitalmente  
 **RAQUEL CRUZ FREIRE RODRIGUES**  
Data: 15/07/2025 09:45:49-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Raquel Cruz Freire Rodrigues - Vice Coordenadora -PPGDCI/UEFS

### Ficha Catalográfica

Campos, Murillo Almeida Cerqueira  
C214c Critérios editoriais e visuais nos livros infantis da EDUEFS: uma  
análise da relação entre texto, imagem e projeto gráfico / Murillo Almeida  
Cerqueira Campos. – 2025.  
100 f.: il.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carla Borges de Andrade.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana,  
Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade, 2025.

1. Editora universitária. 2. Desenho – Ilustração. 3. Livro infantil.  
4. Editoração. I. Título. II. Andrade, Carla Borges de, orient.  
III. Universidade Estadual de Feira de Santana.

CDU 655.254.22:378.4 (814.22)

## Amor Cinza

Na linha do  
horizonte Tem um  
fundo cinza Pra lá  
desta linha  
Eu me lanço e vou

Não aceito quando dizem  
Que o fim é  
cinza Eu vejo o  
cinza  
Como um início em cor

Quando tudo finda  
Dizem: virou cinza  
Equívoco, pois cinza  
cura  
É poesia e eu sou

Um traje  
cinza Lembra  
fidalguia Quarta  
feira cinza É dia  
de louvor

Vamos celebrar  
O amor há de renascer das  
cinzas  
Vamos festejar  
O cinza com  
amor

Gota de orvalho  
Prateada é cinza  
Massa  
encefálica É  
cinza amor

A  
purificação Também se  
faz com cinza  
Fênix renasceu das cinzas com honor

Só quero  
deno Quando o dia  
é cinza  
Lei  
poesia E  
cantarolo só  
Dedilho a viola e sonho colorido  
Me vejo no amante  
Que o cinza  
desnudou

(Mateus Aleluia)

## AGRADECIMENTOS

No fim desta longa caminhada, parei por um instante e olhei para trás, para frente, para dentro. Vi os que permaneceram comigo, firmes, de mãos dadas. Vi também aqueles que, em algum momento, afastaram-se dos meus passos, e os que pararam, descrentes de que eu chegaria até o rio que corre sereno no fim desse estradão.

Mas cheguei. Chegamos. De braços e abraços dados, chegamos juntos:

Seu Gegê, meu pai querido;

Denis, minha mãe amada;

Kauê, meu filho, meu espelho;

Morena, minha filha, minha flor;

Dani, minha companheira de vida;

Marcela, minha irmã de alma e sangue;

Laura e Pedro, meus sobrinhos iluminados.

Agradeço com o coração cheio aos amigos do mundo mágico dos livros, representados por Dona Ana — símbolo de todos que constroem, com tanto zelo, alegria, respeito e dedicação, a nossa querida EDUEFS. Que honra é dividir esse sonho com vocês! Estendo meu abraço também aos amados da ABEU, aqui representados por Flávia, Rita, Manuela, Susane, João e Rubens. Que laços bonitos tecemos juntos!

Do universo da UEFS, minha gratidão às amigas Rita Breda, Luciene Souza, Amali Mussi e em especial a Iatiara Chaves, que me acolheram com generosidade. Aos amigos nada temporários e que o tempo não levou, deixo meu carinho a Carol com “C”, Karol com “K” e a Lizzi com “L” — parceiras de afeto e resistência.

Aos encantados do jogo e do copo, da resenha e da bola, meus parceiros dos babas de quarta e sábado — seguimos jogando a vida com alegria.

Aos colegas de caminhada no mestrado, que tornaram essa jornada mais leve e cheia de sentido, deixo meu agradecimento em nome da querida Renata. Aos que se encantaram com a vida e a arte, salve, Paulo Roberto. Aos que cantaram, sorriram, dançaram, sonharam e comemoraram comigo — obrigado por não desistirem, mesmo nos dias mais difíceis.

Aos que me deram sombra nos dias de sol ardente, água nas horas de sede, colo nos momentos de choro, sacudidas nos instantes de desânimo, e afago quando a alma pedia ternura — vocês moram em mim.

Com um carinho mais que especial, agradeço à minha orientadora, Professora Dr<sup>a</sup> Carla

Borges. Sua escuta sensível, sua presença constante, seu respeito e seu olhar generoso foram luz nos dias nublados. Obrigado por me estender a mão sempre. Você é um presente.

Ao Professor Dr Pedro Vieira, minha gratidão pelo pontapé inicial, pelos trilhos desenhados com sabedoria e incentivo.

Beijos cheios de saudade para Dani, direto das Minas Gerais. Para Joice, lá de São Paulo. Para todos os meus — da Família Campos, da Família Cerqueira.

E para você que leu até aqui, que torceu, que vibrou, que me abraçou em pensamento: receba um beijo meu.

Eu amo vocês. Com tudo o que sou.

## RESUMO

A pesquisa investigou o processo editorial de construção do desenho nos livros infantis da Editora da Universidade Estadual de Feira de Santana (EDUEFS), situando-o no contexto da produção universitária brasileira. Constatou-se que a literatura infantil ainda ocupa espaço marginal nas editoras universitárias, embora possua grande potencial formativo, especialmente por meio das imagens e ilustrações. As publicações infantis da EDUEFS, e a construção do seu processo editorial, sinaliza inovação e compromisso social, ao explorar narrativas diversas, experimentações gráficas e discussões sobre o uso de inteligência artificial.

A análise evidenciou que o desenho constitui linguagem autônoma e estruturante, dialogando com o texto e ampliando a recepção estética infantil. Esse processo requer articulação entre autores, ilustradores, designers e editores, em práticas colaborativas que valorizem a autoria compartilhada. A pesquisa também destacou a importância de instrumentos técnicos, como a ficha analítica, para qualificar a produção infantojuvenil. Ao mesmo tempo, reafirmou o papel das editoras universitárias como mediadoras entre ciência, cultura e sociedade, assumindo a infância como público legítimo.

Historicamente, a trajetória editorial brasileira e baiana mostrou avanços significativos, ampliando a democratização do conhecimento. Nesse cenário, a EDUEFS consolidou-se como espaço de experimentação estética e de inclusão, unindo rigor acadêmico, identidade regional e inovação tecnológica. A pesquisa conclui que os livros infantis universitários, ao conjugar texto e imagem, configuram-se como artefatos culturais, pedagógicos e políticos, capazes de formar leitores críticos e sensíveis, ao mesmo tempo em que demandam reflexão ética e jurídica diante das novas tecnologias.

**Palavras-chave:** Livro infantil; Ilustração — Desenho; Produção editorial universitária.

## ABSTRACT

The research investigated the editorial process of constructing drawings in children's books published by the State University of Feira de Santana Press (EDUEFS), placing it within the context of Brazilian university publishing. It was found that children's literature still occupies a marginal space in university presses, although it has great formative potential, especially through images and illustrations. The children's publications of EDUEFS, and the construction of their editorial process, signal innovation and social commitment by exploring diverse narratives, graphic experiments, and discussions on the use of artificial intelligence.

The analysis revealed that drawing constitutes an autonomous and structuring language, in dialogue with the text and enhancing children's aesthetic reception. This process requires articulation among authors, illustrators, designers, and editors, in collaborative practices that value shared authorship. The research also highlighted the importance of technical tools, such as the analytical record, to qualify children's publishing. At the same time, it reaffirmed the role of university presses as mediators between science, culture, and society, recognizing childhood as a legitimate audience.

Historically, the Brazilian and Bahian editorial trajectory has shown significant advances, expanding the democratization of knowledge. In this context, EDUEFS has consolidated itself as a space for aesthetic experimentation and inclusion, combining academic rigor, regional identity, and technological innovation. The study concludes that university children's books, by combining text and image, are configured as cultural, pedagogical, and political artifacts, capable of shaping critical and sensitive readers, while also demanding ethical and legal reflection in the face of new technologies.

**Keywords:** Children's book; Illustration — Drawing; University Editorial production.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABEU	Associação Brasileira das Editoras Universitárias
CONSAD	Conselho de Administração da UEFS
EBEU	I Encontro Baiano de Editoras Universitárias
EDIÇÕES UESB	Editora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
EDIFBA	Editora do Instituto Federal da Bahia
EDITUS	Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz
EDUEFS	Editora da Universidade Estadual de Feira de Santana
EDUFBA	Editora da Universidade Federal da Bahia
EDUFRB	Editora da Universidade Federal do Recôncavo Baiano
EDUNEB	Editora da Universidade do Estado da Bahia
IA	Inteligência Artificial
IFBA	Instituto Federal da Bahia
LDA	Lei de Direitos Autorais
NUEG	Núcleo de Editoração Gráfica
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UESC	Universidade Estadual de Santa Cruz
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo Baiano
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNIFAP	Universidade Federal do Amapá
USP	Universidade de São Paulo

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Resolução CONSAD 01/2002.	26
<b>Figura 2:</b> Fluxograma	38
<b>Figura 3:</b> Ficha analítica	43
<b>Figura 4:</b> Capa de “Tem morcegos no meu telhado!”	44
<b>Figura 5:</b> Capa de “Nem cobra, nem duas cabeças”	45
<b>Figura 6:</b> Capa de “As aventuras do jacaré Astolfo”	47
<b>Figura 7:</b> Capa de “Lunáticos”	48
<b>Figura 8:</b> Capa de “Papo de Homem”	49
<b>Figura 9:</b> Capa de “Aff o herói: a história do guerreiro nordestino”	50
<b>Figura 10:</b> Capa de “Retirantes”	52
<b>Figura 11:</b> Ficha Analítica de “Nem cobra nem duas cabeças”	54
<b>Figura 12:</b> Ficha Analítica de “Tem morcegos no meu telhado!”	56
<b>Figura 13:</b> Ficha Analítica de “As aventuras do jacaré Astolfo”	57
<b>Figura 14:</b> Ficha Analítica de “Lunáticos”	60
<b>Figura 15:</b> Ficha Analítica de “Papo de Homem”	63
<b>Figura 16:</b> Ficha Analítica de “Aff, o herói: a história do guerreiro nordestino”	65
<b>Figura 17:</b> Ficha Analítica “Retirantes”	67
<b>Figura 18:</b> Originais de “Tem morcegos no meu telhado”	70
<b>Figura 19:</b> Originais de “Nem Cobra, nem duas Cabeças”	71
<b>Figura 20:</b> Originais de “Aventuras do Jacaré Astolfo”	72
<b>Figura 21:</b> Arquivo final de “Aventuras do Jacaré Astolfo”	73
<b>Figura 22:</b> Originais de “Aff, o herói: a história do guerreiro nordestino”	74
<b>Figura 23:</b> Arquivo final de “Aff, o herói: a história do guerreiro nordestino”	76
<b>Figura 24:</b> Arquivo final de “Papo de homem”	77
<b>Figura 25:</b> Arquivo final de “Retirantes”	79

# SUMÁRIO

	<b>f.</b>	
<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	12
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA</b>	18
2.1	MÉTODOS	18
2.1.1	Pesquisa Bibliográfica	18
2.1.2	Pesquisa Documental	19
2.1.3	Análise Descritiva	19
<b>3</b>	<b>A EDITORAÇÃO UNIVERSITÁRIA</b>	21
3.1	A PRODUÇÃO DE LIVROS INFANTIS EM EDITORAS UNIVERSITÁRIAS: REFLEXÕES SOBRE O DESENHO	29
<b>4</b>	<b>O ILUSTRADOR COMO AUTOR: CONVERGÊNCIAS ENTRE ARTE E LETRA NA PUBLICAÇÃO DE LIVROS INFANTOJUVENIS PELA EDUEFS</b>	35
4.1	A FICHA ANALÍTICA COMO INSTRUMENTO TÉCNICO NA EDITORAÇÃO DE LIVROS INFANTIS NA EDUEFS	39
<b>5</b>	<b>APRESENTANDO OS LIVROS INFANTIS DA EDUEFS</b>	44
5.1	ANÁLISES EDITORIAIS DOS LIVROS INFANTIS DA EDUEFS	68
5.2	DIREITOS AUTORAIS E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO EDITORIAL UNIVERSITÁRIA	80
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	83
	<b>REFERÊNCIAS</b>	93
	<b>ANEXOS</b>	98

## 1 INTRODUÇÃO

Incunábulo, manuscrito, impresso, narrado ou desenhado de um determinado pensamento. Materialização em um objeto de uma ideia ou de um conjunto delas. Caminho de exploração de um autor em sintonia a um sentido de construção do leitor. Ator protagonista dos processos de transformações das sociedades. Organizador, orientador, instigador, doutrinador, formador, libertador, transmissor. Ou simplesmente livro.

Nas minhas andanças nesse universo do mundo editorial universitário, frequentando e construindo os espaços dos livros e analisando todos os seus elementos, verifiquei que o livro infantil era algo raro no catálogo e nas estantes das editoras universitárias brasileiras, em especial as baianas, durante muito tempo. Considerando que, num universo em que cada vez mais a universidade brasileira se dá conta de que a atividade editorial acadêmica é, antes de mais nada, parte construtiva do processo de maturação da instituição e da sociedade em geral, o modelo de construção de sua linha editorial determina o caminho a ser percorrido pela universidade na sua relação com a comunidade científica e, conseqüentemente, com o seu leitor.

As editoras universitárias brasileiras, historicamente comprometidas com a publicação de obras de cunho científico, técnico e acadêmico, têm apresentado uma atuação ainda incipiente no campo da literatura infantil. Apesar de algumas iniciativas pontuais sinalizarem tentativas de diversificação editorial, a presença de publicações voltadas ao público infantil permanece restrita, tanto em volume quanto em alcance. Tal limitação pode ser explicada, em grande medida, pela priorização de linhas editoriais diretamente vinculadas às demandas institucionais de ensino e pesquisa, bem como pela ausência de políticas públicas e incentivos específicos voltados à promoção da literatura infantil no âmbito das universidades.

Essa conjuntura contribui para que a relação entre as editoras universitárias e o público infantil se mantenha frágil e pouco estruturada, dificultando a consolidação de vínculos consistentes com leitores em fase de alfabetização e em processo de desenvolvimento cognitivo e cultural. Nesse sentido, a presença da literatura infantil nos catálogos das editoras universitárias ainda configura uma exceção, revelando um cenário marcado por desafios editoriais, institucionais e estruturais no que tange à democratização do acesso ao livro e à leitura desde as primeiras idades.

A esse respeito, Bufrem (2001, p. 33) destaca que a editora universitária é um órgão institucional responsável pela publicação de textos diversos, previamente selecionados por um

conselho editorial, e cuja função implica não apenas a produção, mas também a divulgação e circulação desses materiais, independentemente do suporte adotado. Nesse contexto, torna-se evidente que a editora universitária exerce papel fundamental na consolidação da identidade da instituição, ao materializar projetos acadêmicos, pesquisas e expressões do conhecimento por meio de suas publicações.

Dessa forma, a produção editorial universitária não deveria negligenciar a interlocução com o público infantil, sobretudo diante da importância da literatura como agente formador. Tal produção deve contemplar o universo da infância e o processo de formação cultural e literária da criança, reconhecendo a imagem como elemento constitutivo da leitura e canal essencial para a construção do conhecimento, e para o exercício da cidadania desde os primeiros anos de vida.

A escolha deste tema se deu pelo reconhecimento da relevância das editoras universitárias no contexto histórico da construção social brasileira e, principalmente, da baiana. A investigação abrange, além da representação, o caminho da construção da imagem nesses espaços editoriais universitários, em especial nos livros infantis, trazendo como concepção elementos do desenho, da leitura da imagem e do registro de memória.

Outro fator determinante para a escolha do objeto de estudo em questão é a pequena quantidade de material pesquisado e publicado sobre os elementos que envolvem a imagem nos livros infantis publicados por editoras universitárias.

A partir de um levantamento sistêmico das pesquisas acadêmicas sobre o tema "desenho no livro infantil universitário", realizadas em universidades brasileiras através dos seus repositórios ou bancos de teses e dissertações como os do Instituto Federal da Bahia (IFBA), Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Estadual da Bahia (UNEB), Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), e Universidade de São Paulo (USP), buscou-se identificar a quantidade de teses e dissertações que abordam a temática, bem como a distribuição desses estudos entre diferentes universidades. A escassez de pesquisas na área ressalta a necessidade de aprofundamento acadêmico e indica uma lacuna no campo investigativo.

Foram encontrados alguns trabalhos que se aproximam da temática em algumas universidades brasileiras. Em cada uma das seguintes instituições foi identificado apenas um estudo: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade Federal do Ceará (UFC). Já a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) destacaram-se por apresentarem dois trabalhos cada, sendo, portanto, as instituições com o maior número de produções acadêmicas relacionadas ao tema, entre as analisadas.

No que se refere às universidades baianas, a investigação revelou a ausência de dissertações ou teses específicas sobre o desenho no livro infantil. Assim, nenhuma produção acadêmica com essa abordagem foi localizada nos repositórios da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e do Instituto Federal da Bahia (IFBA). Esses resultados reforçam a necessidade de incentivo à pesquisa acadêmica nessa área, especialmente nas instituições baianas, de modo a contribuir para o avanço do conhecimento sobre o papel do desenho na literatura infantil.

Dentre as instituições analisadas, apenas a USP apresentou um estudo diretamente vinculado ao desenho no livro infantil universitário. O estudo de Gobbi (2009), intitulado *Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisas com crianças pequenas*, explora o uso do desenho infantil e da oralidade como ferramentas metodológicas em pesquisas com crianças pequenas. Embora não trate exclusivamente do processo de criação do desenho no livro infantil, sua abordagem sugere conexões importantes para futuras investigações na área.

Diante desse cenário, tem-se a necessidade de uma ampliação das investigações acadêmicas sobre o tema, considerando sua relevância no campo da editoração universitária, da literatura infantil, do desenho e da educação em si. Além disso, é fundamental que novas pesquisas sejam realizadas a fim de contribuir para a compreensão do papel do desenho no desenvolvimento infantil, da aproximação desse público às atividades desenvolvidas pelas universidades e na produção de livros para esse público como um todo.

A minha trajetória com a leitura e, por consequência, com o mundo dos livros, começou de forma singela, mas profundamente afetiva. Os primeiros contatos com o universo literário se deram por meio dos livros infantis de contos de fadas conhecidos pelo público em geral, das revistas em quadrinhos e, especialmente, dos jornais, por cuja linguagem desenvolvi uma paixão precoce. Lembro-me com nitidez do fascínio pelos cadernos impressos dos jornais:

*Feira Hoje, A tarde e Jornal dos Sports*. Suas colunas, manchetes e ilustrações eram elementos que despertavam em mim não apenas a curiosidade, mas um prazer quase lúdico, que precedia qualquer intenção pedagógica.

Na adolescência, no entanto, a experiência leitora tomou contornos distintos. As exigências do currículo escolar impuseram a leitura dos clássicos da literatura brasileira, os quais, embora fundamentais do ponto de vista formativo, pareciam, naquele momento, distantes da minha realidade cotidiana. Faltavam-lhes os cheiros, as vozes, as paisagens e os afetos que me eram familiares. Havia ainda a “concorrência” desleal, mas encantadora, das oralidades: as histórias narradas ao pé do ouvido por meus pais, seus amigos e meus avós, nos mais diversos cantos, quintais, bares, praças, varandas e campos de futebol. Essas vozes, repletas de cadência, ou outrora aceleradas, cheias de sabedoria e improviso, teciam um tipo de literatura viva, compartilhada, comunitária, que me tocava de maneira mais profunda do que muitos textos impressos.

Ainda que a leitura sempre tenha me acompanhado de perto ao longo da Graduação, ela nunca ocupou, à época, o lugar de projeto profissional. Não imaginava, então, que um dia estaria envolvido com o universo dos livros de forma tão intensa, seja por meio da produção, da divulgação ou da editoração de obras. O livro, antes objeto de contemplação e prazer íntimo, tornou-se também instrumento de trabalho, canal de expressão e campo de pesquisa. Essa caminhada, marcada por momentos de encantamento, distanciamento e reencontro, compõem uma tessitura afetiva que se entrelaça com a construção do meu olhar sobre o mundo editorial, especialmente no que diz respeito à literatura infantil e à sua potência formadora. É a partir desse lugar, ao mesmo tempo pessoal e político, que se estrutura a presente investigação.

Como se observa, este objeto de estudo não surge aleatoriamente. Ao contrário, estou totalmente implicado nele. Entrei no universo do mundo editorial no ano de 2012, através da aprovação via concurso público na UEFS, sendo designado para trabalhar na área comercial da EDUEFS, no espaço da Livraria da UEFS. Em fevereiro de 2020, ao assumir a direção da EDUEFS, deparei-me com o desafio de ampliar a atuação da Editora no mercado editorial nacional. Uma das lacunas era a área da literatura infantil, pois até então a EDUEFS tinha publicado apenas três livros desse gênero. Com o aprofundamento nas atividades da área editorial, retomei o processo de publicação de livros infantis da EDUEFS e, ao apresentar obras relacionadas às diversas áreas de pesquisa desenvolvidas pela UEFS, percebi a possibilidade, de através da pesquisa, aprofundar-me no modelo de construção desses livros e construir um entendimento maior dos processos editoriais

dessas publicações.

Destaco a relevância da relação editorial com o uso e a construção do desenho para a formatação das suas publicações, no que se refere a cada instituição representada, ao território como um todo, ao mercado editorial e, conseqüentemente, toda comunidade acadêmica, social e científica, seja ela local, regional, nacional ou internacional. Assim, a proposta desta pesquisa é mergulhar no contexto do processo de construção da imagem nas publicações infantis da EDUEFS.

A história do livro infantil na EDUEFS começa no ano de 2015, com três publicações: *Tem Morcegos no meu telhado*, de autoria de Maria da Conceição Gomes e ilustrações de Leonardo Matheus Pereira Aguiar e Erick Santos Silva; *Nem cobra, nem duas cabeças: quem sou eu? Uma abordagem sobre os Amphisbaenia*, de autoria de Maria Celeste Costa Valverde e ilustrações de Daniel de Jesus Ferreira; e *As aventuras do jacaré Astolfo*, de autoria de Zenilda de Oliveira Novais Santana e Anna Beatriz Novais Santana, com ilustrações e projeto gráfico de Erica Silva.

Com um hiato de oito anos sem publicações, a EDUEFS, no ano de 2023, volta ao universo das publicações de livros infantis com a obra *Lunáticos*, de autoria de Carol Lima e ilustrações de Paula Gesteira. Em 2024, a EDUEFS lança mais três livros, sendo o livro infantil *Papo de Homem*, de autoria de Evanilda Souza e com ilustrações de Erica Silva; *Aff, o herói: a história do guerreiro nordestino*, com desenhos e textos de Glaucia Trinchão e texto e música de Valéria Nanci; e, por fim, a obra *Retirantes*, de autoria de Lara Leal Marques e Aristeu Vieira da Silva, e ilustrações originais geradas com a ajuda do *ChatGPT* da OpenAI modificadas por Aristeu Vieira de Lima, que quebra uma certa ordem de construção do livro infantil na EDUEFS, trazendo o universo da Inteligência Artificial (IA) como ferramenta de construção de parte de processos editoriais.

Este estudo analisa como ocorreu a construção desses processos editoriais, identificando o percurso histórico da arte da ilustração desses livros, as concepções técnicas desenvolvidas para a harmonização do desenho e do texto como elemento visual da formatação desses livros, além de localizar influências e bases de conhecimento para a construção dessas peças editoriais.

A pesquisa busca trazer à tona as relações dos elementos do desenho e a sua utilização nos processos de construções editoriais das publicações dos livros infantis da EDUEFS. Outro fator a se destacar é a importância da compreensão por parte dos atores do cenário editorial: ilustrador, autor, *designer* e editor, das metodologias de utilização dos aspectos técnicos e suas ferramentas que formam o universo do desenho no desenvolvimento das atividades editoriais

dos livros infantis na EDUEFS.

Neste contexto, surgiu o problema da pesquisa: como se dá o processo editorial de construção do desenho nos livros infantis publicados pela EDUEFS? Para respondê-lo, foram traçados os seguintes objetivos: Como objetivo geral, pretende-se analisar o processo editorial de construção de desenho nos livros infantis publicados pela EDUEFS, especificamente, identificar o modelo de processo editorial desses livros; bem como apresentar como se constrói a relação entre autor, ilustrador e editora na composição do projeto gráfico desses livros.

Para uma melhor compreensão deste estudo, ele se encontra organizado em capítulos: no primeiro, está a Introdução, no qual apresentamos o tema, os objetivos e a justificativa. A seguir, um capítulo dedicado à Metodologia, explicando os procedimentos que utilizamos para conduzir a pesquisa. O terceiro se dedica à análise da história da edição universitária e seus contextos produtivos. No quarto capítulo, apresentamos e discutimos os livros infantis publicados pela EDUEFS. Por fim, listamos as referências que utilizamos ao longo do trabalho.

## 2 METODOLOGIA

A pesquisa está pautada na abordagem qualitativa, buscando entender e trazer à vista detalhes e elementos do objeto de estudo (os desenhos nos livros infantis da EDUEFS), com profundidade e coerência. De acordo com Minayo (2000), a pesquisa qualitativa responde a questões particulares, focando num nível de realidade que não pode ser quantificado, e trabalha com um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

Nesse sentido, Silveira e Córdova (2009) descrevem que “[...] a abordagem qualitativa possui como uma das principais características a objetivação do fenômeno a ser pesquisado, por meio da compreensão da percepção subjetiva do sujeito, que será descrita e explicada a partir da relação estabelecida entre o sujeito e o contexto no qual o fenômeno insere-se”.

### 2.1 MÉTODOS

#### 2.1.1 Pesquisa Bibliográfica

Inicialmente, realizamos uma pesquisa bibliográfica (Gil, 2008) para fins de fundamentação do presente estudo, a partir do levantamento, análise e interpretação de materiais publicados com ênfase sobre o conceito e a construção do desenho, da imagem, dos aspectos da cultura e da memória visual e suas representações, para poder, então, analisar especificamente os livros infantis publicados pela EDUEFS, investigando o contexto histórico da formação dos processos editoriais no mundo, chegando ao Brasil e, por fim, à Bahia.

A pesquisa bibliográfica se deu através de obras publicados por pesquisadores do tema, como: Martine Joly (2007), pesquisadora na área de análise da imagem; Luiz Vidal Negreiros Gomes (1996), pesquisador da área de desenhismo; Rosa Ramos (2011), pesquisadora de imagem nos livros infantis e de André Melo Mendes (2019), que trabalha com processos para análise de imagens fixas.

Já no contexto histórico editorial, a pesquisa se desenvolveu através dos estudos de Leilah Brufem (2002), professora da Universidade Federal do Paraná e pesquisadora de grande importância no estudo da formação editorial universitária no Brasil, com uma gama de textos publicados sobre o tema; Laurence Hallewell (2012), historiador que possui estudos

significativos e publicações relevantes do processo de constituição e construção das editoras no Brasil e Flávia Goulart Mota Garcia Rosa (1989), professora da Universidade Federal da Bahia, ex-diretora da Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA), pessoa de destaque histórico, teórico e profissional no cotidiano das editoras universitárias no país e da Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU), além de pesquisadora expressiva do contexto editorial nacional nos últimos 40 anos.

Além disso, a pesquisa bibliográfica foi utilizada para o levantamento de dados deste estudo, que inclui a análise dos livros infantis publicados pela UEFS até 2024.

### **2.1.2 Pesquisa Documental**

Também foi utilizada a Pesquisa Documental, que se deu através de um amplo e profundo estudo de documentos e dos vários materiais coletados e utilizados durante a pesquisa. Segundo Helder (2006, p. 1-2): “A técnica documental vale-se de documentos originais, que ainda não receberam tratamento analítico por nenhum autor. [...] é uma das técnicas decisivas para a pesquisa em ciências sociais e humanas”.

Nesse caso, no presente estudo, a pesquisa documental se deu através da análise dos arquivos originais de textos e ilustrações dos livros infantis publicados pela EDUEFS até o ano de 2024. Os critérios de inclusão adotados são os documentos originais e os arquivos finais editorados que compõem os livros infantis publicados. Estão excluídos da análise quaisquer materiais que já tenham sido objeto de tratamento analítico prévio, publicações que não pertençam ao catálogo da EDUEFS, obras que não se enquadrem na categoria de literatura infantil, bem como livros em processo de publicação e não concluídos. Esses critérios asseguram a originalidade das fontes utilizadas e a adequação da análise documental junto aos objetivos da pesquisa.

### **2.1.3 Análise Descritiva**

Para a análise dos dados, utilizamos a análise descritiva que constitui uma das etapas fundamentais no processo de investigação científica. Nesse sentido, Lakatos e Marconi (2003) pontuam que a análise descritiva refere-se ao exame detalhado dos dados empíricos com o intuito de identificar características, padrões e tendências, permitindo ao pesquisador compreender a

distribuição e a frequência dos fenômenos estudados. Dessa forma, ela serve como uma base sólida para interpretações mais profundas e posteriores análises inferenciais.

Gil (2008), complementa esse entendimento ao afirmar que a descrição precisa dos dados é essencial para que se possam validar as hipóteses de pesquisa ou, ao menos, nortear a formulação de novas hipóteses. Ele ainda acrescenta que este tipo de análise, ao oferecer uma descrição sistemática e fiel dos dados, contribui para a validade da pesquisa, especialmente em investigações que envolvem o levantamento e a categorização de conteúdos.

No caso desta pesquisa, a aplicação dessa técnica permitiu compreender como a produção de livros infantis pela EDUEFS se constitui como prática editorial no âmbito universitário. Assim, a análise descritiva configura-se como um recurso indispensável para a compreensão inicial do material empírico e para a construção de um olhar crítico e fundamentado sobre o objeto de estudo. Sua aplicação adequada contribui significativamente para a validade dos resultados e para a credibilidade científica da pesquisa.

### 3 O LIVRO E A EDITORAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Não há exatidão sobre quando se deu o nascimento do primeiro livro no mundo. Desde as primeiras experiências com modelos de organização da escrita, há cerca de seis mil anos, o ser humano tem buscado registrar o conhecimento por meio de diferentes suportes e sistemas simbólicos. Na China antiga, destaca-se o *I Ching*, ou *Livro das Mutações*, cuja estrutura baseia-se em grupos de caracteres formados por três linhas (trigramas), que representam princípios filosóficos e cósmicos fundamentais. Esse modelo de escrita evidencia uma tentativa inicial de sistematização simbólica e textual no contexto oriental (Youyi, 2024).

Paralelamente ao desenvolvimento de formas simbólicas de registro na China antiga, a civilização suméria, estabelecida na região da Mesopotâmia (atualmente sul do Iraque), desenvolveu por volta de 3.200 a.C. um dos sistemas de escrita mais antigos de que se tem conhecimento: a escrita cuneiforme. O termo “cuneiforme” deriva do latim *cuneus*, que significa “cunha” e refere-se à forma dos caracteres gravados com um estilete em tábuas de argila úmida. Este sistema inicialmente surgiu para atender às necessidades práticas de controle econômico, como registros de comércio, estoques de grãos e transações agrícolas (Cambridge University Press, 1990).

Nesta caminhada histórica, surge a figura emblemática de Johannes Gutenberg, por volta de 1450, na cidade de Mainz, Alemanha, que marcou um ponto de inflexão no desenvolvimento da cultura escrita e na disseminação do conhecimento na Europa. Antes da sua inovação, a chamada “invenção da imprensa de tipos móveis”, os livros eram copiados manualmente por monges copistas em *scriptoria*, o que tornava o processo de produção extremamente lento, caro e suscetível a erros.

Gutenberg revolucionou esse cenário ao desenvolver uma técnica que combinava a prensa mecânica, tinta à base de óleo, tipos móveis de metal fundido e um novo tipo de papel mais acessível, inspirado no modelo usado na China e no mundo islâmico (Febvre; Martin, 1993). Sua obra mais emblemática, a “Bíblia de 42 linhas” (c. 1455), não só demonstrou a eficácia da nova técnica, como também foi responsável por tornar o livro um objeto de circulação mais amplo, possibilitando maior acesso à informação.

A invenção da imprensa contribuiu diretamente para transformações sociais e culturais profundas, como o fortalecimento do pensamento científico, a difusão das ideias reformistas e a consolidação da linguagem escrita como ferramenta central para a educação e a crítica (Febvre; Martin, 1993).

Independentemente da ausência de precisão quanto à sua origem e aos processos iniciais, o livro rapidamente passou a se tornar um elemento fundamental na construção e no acúmulo do conhecimento. Mais do que um mero objeto físico, o livro passou a ser compreendido como um artefato cultural e epistemológico central na história do pensamento ocidental. Através dele, gerações de leitores puderam ter acesso às obras de referência de sua época e de tempos passados, permitindo o diálogo entre tradições, o avanço das ciências e a consolidação das humanidades como campo de estudo. Como afirma Roger Chartier (1990), o livro não apenas conserva o saber, mas também o organiza e o legitima, funcionando como elo entre o autor, o texto e o leitor em diferentes contextos históricos. Em síntese, o livro tornou-se uma das principais ferramentas da humanidade para preservar, transmitir e acumular o conhecimento ao longo dos séculos.

Buscando estender um pouco esse contexto histórico, a editoração universitária teve início em 1534, na Inglaterra, através da Universidade de Cambridge, por meio da Cambridge University Press, que fora “[...] destacada pelos estatutos da Universidade para desenvolver a área de publicações, cujo objetivo é disseminar o conhecimento de uma forma genérica e contribuir para o avanço do ensino da pesquisa e da literatura” (Cambridge University Press, 1990). A partir da experiência de Cambridge, a Europa começa sua caminhada editorial universitária durante os séculos XVI e XVII.

O nível cultural da Europa Renascentista e a movimentação constante vinda das universidades por lá criadas estimularam processos e práticas ligadas ao desenvolvimento das atividades editoriais, levando essas práticas para outros setores da sociedade europeia (os mosteiros, por exemplo), espalhando-as pelas universidades inglesas, italianas, espanholas e alemãs, onde alunos e professores participavam de forma ativa da criação, escrita e organização dos escritos produzidos (Hallewell, 2012).

Embora a Europa vivesse a efervescência dos processos criativos e de produção editorial, no Brasil, todo esse processo foi tardio, e as poucas experiências de introdução de tipografias não vingaram, a exemplo da tentativa dos holandeses no Nordeste brasileiro através do Supremo Conselho Holandês, em 1642, com a chegada de um tipógrafo encarregado dos trabalhos no Recife (Hallewell, 2012).

Até a chegada da corte, a impressão de qualquer espécie de livro era proibida na colônia. Somente em maio de 1808 começa oficialmente a história da produção de livros no Brasil, com a criação da Imprensa Régia, órgão da monarquia que deteve o monopólio de todo e qualquer impresso até o ano de 1821. Desse modo, só após a Proclamação da Independência, em 1822, começaram a surgir as tipografias, as quais, ainda que de forma tímida, ajudaram a crescer e a diversificar a produção de livros no país (Hallewell, 2012).

Apesar de um crescimento gradual, o desenvolvimento do mercado editorial brasileiro durante o século XIX foi marcado por um ritmo lento e por fortes limitações estruturais. Nesse período, muitos autores nacionais, como José de Alencar e Machado de Assis, recorriam à impressão de suas obras em editoras francesas, dado o prestígio da França como centro editorial mundial e a incipiência da infraestrutura gráfica no Brasil (Silva, 2010). A produção nacional concentrava-se majoritariamente em livros didáticos, impressos por livrarias e editoras de pequeno porte, com alcance limitado e capacidade técnica restrita (Lima, 2001).

Somente no início do século XX é que se observa um marco significativo na história da edição de livros no Brasil, com o surgimento da Editora Francisco Alves, sediada no Rio de Janeiro. Esta foi a primeira editora brasileira a apresentar condições de competir com as editoras estrangeiras, em especial as francesas, consolidando-se como protagonista na transformação do fluxo editorial nacional (Cunha, 2015). A partir desse momento, verifica-se uma mudança progressiva no processo de produção e circulação de obras literárias no país.

Na década de 1920, o panorama editorial brasileiro passa por uma renovação significativa, impulsionada principalmente pela atuação de Monteiro Lobato. Insatisfeito com a escassez de editoras interessadas em literatura infantil, Lobato iniciou a impressão de suas obras nas oficinas do jornal *O Estado de S. Paulo* e, posteriormente, fundou a Companhia Editora Nacional, que se tornou uma das mais influentes do país (Pinheiro, 2007). Essa iniciativa não apenas ampliou o acesso à literatura infantil como também representou um passo importante para a consolidação do setor editorial brasileiro.

Mesmo diante de obstáculos consideráveis, como o elevado índice de analfabetismo, as dificuldades logísticas para a aquisição de maquinário e a distribuição de livros, a década de 1920 testemunhou o surgimento de diversas editoras em outras regiões do Brasil. Esse movimento foi essencial para a descentralização da produção editorial e para a formação de um mercado editorial mais amplo e diversificado (Ramos, 2012).

Desde o surgimento dos primeiros modelos para produção de livros no Brasil, no início do século XX, os primeiros protótipos organizados de produção editorial aconteceram na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no fim dos anos 1950, e na Universidade de São Paulo (USP) no ano de 1962 (Bufrem, 2015). Com o passar do tempo, e com certa maturidade alcançada pelo contexto editorial universitário nacional, a editora universitária brasileira tomou cada vez mais lugar já ocupado por centenárias experiências de universidades internacionais, passando a ser um forte elo entre a produção acadêmica e a sociedade, o que amplia as relações das universidades: elas deixam de dialogar exclusivamente com seus pares acadêmicos e

passam a se comunicar de forma direta com a comunidade científica, e com uma imensa gama de outros leitores antes não alcançados.

O mundo da produção editorial universitária no Brasil começa a sair do papel em meados dos anos 1950. Segundo estudo realizado pela ABEU, em 1989, somente na segunda metade do século XX é que surge a primeira editora universitária, através do experimento editorial da Universidade Federal de Pernambuco, no ano de 1955 (Rosa, 1989). Nesse mesmo estudo, foi verificado que boa parte das editoras universitárias brasileiras só surgiram durante a década de 1980.

Todavia, Leilah Bufrem (2002), pesquisadora do universo editorial, informa que as primeiras editoras universitárias brasileiras foram as da Universidade de São Paulo, a EDUSP, criada em 1962, e da Universidade de Brasília, criada em 1966. Essa divergência de datas e dados é decorrente da informalidade do surgimento das editoras nas universidades brasileiras, uma vez que a maioria delas surge como pequenos núcleos editoriais atrelados a pequenas gráficas universitárias, e principalmente sem documentos comprobatórios de ata ou data de criação das editoras.

No contexto da história editorial baiana, observa-se uma trajetória marcada por iniciativas pioneiras, alternando-se entre empreendimentos privados, esforços institucionais e ações autorais isoladas. No âmbito universitário, tal panorama começou a se consolidar a partir da segunda metade do Século XX, especialmente com a participação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em experiências editoriais que contribuíram de forma significativa para a difusão do conhecimento acadêmico no estado.

Um dos episódios mais emblemáticos nesse processo remonta ao ano de 1957, quando o reitor da UFBA, professor Edgard Santos, firmou uma parceria com a Livraria Progresso Editora, dirigida por Manoel Pinto de Aguiar, figura de destaque no mercado editorial local. A colaboração previa a publicação de obras universitárias mediante um acordo de divisão de exemplares entre a editora e a instituição de ensino superior (Tavares, 1993). Essa iniciativa destacou-se não apenas pelo volume de publicações, que alcançou cerca de 450 (quatrocentos e cinquenta) títulos ao longo de 16 (dezesesseis) anos, mas também por inaugurar uma nova fase na circulação do saber universitário na Bahia.

Apesar da relevância dessas iniciativas, a UFBA carecia até o início da década de 1970, de uma estrutura organizacional capaz de coordenar suas ações editoriais. Somente em 1971 foi criado o Centro Editorial e Didático da UFBA (CED), responsável por sistematizar a produção editorial da universidade. A partir de 1972 o CED passou a operar de forma contínua,

respondendo pela editoração de livros, periódicos e outros materiais acadêmicos até o início da década de 1990. Em seu *site* institucional, a EDUFBA traz como relato histórico o seguinte:

Em 1959, por meio do Departamento Cultural, a UFBA publicou a revista *Universitas*, o *Jornal da Universidade* e diversas coleções. Em 1968, com a Reforma Universitária, esse departamento foi extinto e dois anos depois criou-se o Programa de Textos Didáticos, com a missão de publicar textos encaminhados pelos departamentos de ensino para auxiliar estudantes nos diversos cursos. Em 1971, inaugurou-se formalmente o Centro Editorial e Didático, englobando as atividades do extinto Departamento Cultural, o Programa de Textos Didáticos e o Núcleo de Recursos Audiovisuais, passando a funcionar de fato com essa estrutura a partir de 1972. Após dois anos, já funcionava em prédio próprio e agregou também a pequena Gráfica Universitária. Em 1991, o Conselho Universitário aprovou a proposta de transformação do Centro Editorial e Didático em Editora Universitária, o que se concretizou em 26 de abril de 1993. Em 1997, a Edufba passou a funcionar com a estrutura atual, distinta da Gráfica da UFBA, buscando a cada dia consolidar uma política editorial que privilegia a qualidade do seu produto (EDUFBA..., Apresentação, 2024, p. 1).

No entanto, as origens do setor editorial na Bahia remontam ao Século XIX, quando o empresário português Manoel Antônio da Silva Serva fundou, em 1811, a primeira tipografia do estado, introduzindo a atividade gráfico-editorial em Salvador. Serva foi responsável pela publicação de aproximadamente 170 (cento e setenta) títulos, com predominância para temas ligados à história, direito, política, religião e medicina, atendendo, entre outros, à demanda da Faculdade de Medicina da Bahia (Tavares; Rosa, 2010).

Nesse início de caminhada, durante o Século XIX e início do Século XX, outras casas editoriais surgiram, como a Livraria Catilina fundada em 1835 por Carlos Poggetti e a Tipografia e Livraria de Epiphânio Pedroza, também ativa em meados do século. A Livraria Catilina notabilizou-se pela publicação de obras de autores como Castro Alves, Ruy Barbosa, Coelho Neto e Ernesto Carneiro Ribeiro, sendo considerada uma das editoras mais longevas do estado, com mais de um século de funcionamento (Hallewell, 2005).

Outros atores importantes incluem os monges beneditinos do Mosteiro de São Bento, que fundaram uma tipografia própria em 1909, e a Imprensa Oficial do Estado da Bahia (IOB), criada em 1915, cuja atuação editorial estendeu-se até 1989, com significativo volume de publicações institucionais e literárias (Veiga, 2019; Barros, 2006).

Entre as décadas de 1950 e 1990, observou-se um crescimento modesto, mas significativo, do número de editoras privadas na Bahia, destacando-se iniciativas como Dinamene, Macunaíma, Corrupio, Contemp, Janaína, entre outras. Essas editoras, em sua maioria, foram impulsionadas por intelectuais e artistas locais, motivados pelo desejo de

difundir obras literárias e científicas, ainda que sem o apoio de políticas públicas estruturadas ou investimentos consistentes do setor privado (Rosa; Barros, 2004). O perfil dessas editoras era marcado pela valorização da cultura regional e pela resistência frente às limitações estruturais do mercado editorial baiano, como a baixa profissionalização, o reduzido poder aquisitivo da população e a escassez de incentivos governamentais.

A partir da década de 1990, em um contexto de ampliação das instituições de ensino superior e de fortalecimento da produção científica regional, inicia-se um novo ciclo de desenvolvimento editorial, agora liderado pelas editoras universitárias. Nesse cenário, consolida-se a atuação de editoras como a EDUFBA, vinculada à Universidade Federal da Bahia, e de outras editoras acadêmicas associadas a instituições públicas estaduais, como a EDITUS (UESC), EDIÇÕES UESB (UESB), EDUEFS (UEFS), EDUNEB (UNEB) e a EDUFRB (UFRB), além de projetos editoriais surgidos em instituições privadas (Barros, 2007). O fortalecimento institucional da EDUFBA, ao longo da década de 1990, exerceu papel catalisador para o surgimento de outras iniciativas editoriais no interior do estado.

Nesse contexto, destaca-se a criação, em 1996, da primeira editora universitária vinculada a uma instituição estadual na Bahia: a EDITUS – Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), sediada na cidade de Ilhéus. A fundação da EDITUS representou um marco para a democratização do acesso ao conhecimento produzido na academia baiana e respondeu a uma demanda histórica da comunidade acadêmica regional, que enfrentava severas dificuldades para divulgar suas pesquisas por meio de canais editoriais consolidados (EDITUS, 2025). A criação da editora formalizou não apenas um espaço de publicação institucional, mas também reafirmou o compromisso da universidade pública com a valorização da produção intelectual local e com a consolidação de uma política editorial voltada à ciência, à cultura e à educação.

Anos depois, em 1999, foi criada na cidade de Vitória da Conquista a Edições UESB, Editora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, órgão vinculado à Assessoria Especial de Comunicação, Editoração e Vídeo, que teve seu regimento aprovado pelo Conselho Universitário da instituição em agosto de 2001 (EDIÇÕES UESB, 2025).

Já no ano de 2002, foi criada a UEFS Editora, pertencente à Universidade Estadual de Feira de Santana e vinculada ao gabinete da reitoria, que formalizou, enfim, um setor específico para organização e produção de suas publicações, as quais, antes da criação da editora, eram realizadas de forma independente e esporádica (EDUEFS, 2025).

A trajetória da atividade editorial na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

revela um desenvolvimento significativo ao longo das décadas, desde suas primeiras iniciativas até a consolidação como uma Editora Universitária. Inicialmente, a publicação das obras acadêmicas da UEFS ocorria por meio de convênios com gráficas privadas, em concomitante com outras obras publicadas pelo Núcleo de Editoração Gráfica (NUEG), da própria UEFS. Eram publicadas revistas científicas, como: *A cor das letras* e *Sitientibus*, e livros como: *Repensando Cidadania*, do autor Eliab Barbosa Gomes, publicado em 1999, e *Oritamejí*, do autor Julio Braga, publicado no ano de 2000. Apenas em 30 de janeiro de 2002, através da resolução do Conselho Administrativo da UEFS CONSAD 01/2002, foi aprovada a alteração do regulamento da instituição, criando como órgão suplementar a UEFS Editora ou EDUEFS (Figura 1).

Entre o ano de formalização da EDUEFS e o ano de 2024, data de corte para esta pesquisa, a EDUEFS já publicou mais de 300 títulos de diversos gêneros. Nesse sentido, foi desenvolvido o entendimento que, além de um simples processo editorial, a construção da publicação de um livro infantil universitário se dá pela soma de diversos fatores, dentre os quais encontram-se as imagens, que constituem o foco deste estudo que se insere no Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade, da UEFS.

**Figura 1:** Resolução CONSAD 01/2002



**Fonte:** Acervo pessoal do autor (2025).

Nesse mesmo fluxo, no ano de 2006, foi criada a EDUNEB - Editora da Universidade do Estado da Bahia, fechando um conjunto de núcleos organizados para editoração e publicação de seus livros e, por conseguinte, difusão do conhecimento produzido nas universidades baianas, por muito tempo aprisionado entre os muros institucionais (EDUNEB, 2025).

Com a criação das quatro editoras universitárias estaduais baianas, somadas à EDUFBA, que já atuava no mercado editorial universitário, a Bahia ganha, em março do ano de 2010, a EDUFRB, Editora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, com sua sede na cidade de Cachoeira, atendendo à demanda dos cursos da recém-criada Universidade e de sua região de grande importância no estado. Vinculada diretamente ao Gabinete da Reitoria, a EDUFRB surge com os objetivos de regular e produzir as múltiplas edições de livros no âmbito da Universidade, intensificar o intercâmbio com instituições congêneres, incentivar e promover a publicação científica, técnica, didática e artísticas da UFRB (EDUFRB, 2025).

Cinco anos mais tarde, em outubro de 2015, é criada a Editora do Instituto Federal da Bahia (EDIFBA): vinculada à Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PRPGI), é uma das metas do Planejamento Estratégico da instituição. A proposta é que ela atenda as demandas de coordenar, fomentar, editar e divulgar a produção de conteúdos do Instituto (EDIFBA, 2025).

Nesse sentido, temos de ressaltar o papel desenvolvido pela ABEU no apoio e auxílio às sete editoras universitárias baianas que, como associadas, usufruíram da troca de experiências e das parcerias formadas em diversas áreas, seja do processo editorial ou até mesmo dos mecanismos administrativos para a condução de suas editoras e para a divulgação e comercialização dos seus livros. Essa caminhada editorial, em grande parte apoiada pelas ações coletivas da ABEU, teve no ano de 2010, através de publicações de algumas editoras universitárias, uma maior presença na área de livros infantis e um ponto de impulsionamento para esse de tipo de publicação, que hoje está presente em quase a totalidade das editoras universitárias brasileiras (ABEU, 2022).

Para coroar essa expansão do livro infantil e universitário, a ABEU cria a categoria Literatura Infantil na sua 9ª Edição, no ano de 2023, na premiação anual desta Associação, buscando além de criar um espaço para divulgação do gênero, consolidar estas obras no cenário editorial universitário e também comercial, tanto em nível nacional como internacional (ABEU, 2025).

### 3.1 A PRODUÇÃO DE LIVROS INFANTIS EM EDITORAS UNIVERSITÁRIAS: REFLEXÕES SOBRE O DESENHO

A concretização das primeiras publicações organizadas de livros brasileiros, temos como primeiro registro de publicação voltada prioritariamente para o público infantil, datada do ano de 1894, o livro “Os Contos da Carochinha”, escrito por Figueiredo Pimentel, lançado pela Livraria Quaresma (Lajolo, 2022).

Sem acompanhar o desenvolvimento editorial infantil nacional, as editoras universitárias demoraram quase 50 anos, desde o início de sua criação, para incluírem em seus catálogos produções voltadas para o público infantil e só por volta do ano de 2010 começou um movimento de produção editorial universitária mais efetivo, que veio acompanhado por uma ruptura de um certo confinamento do livro infantil ao didático e trazendo novos aspectos acadêmicos de texto e imagem para sua concepção e forma de leitura (ABEU, 2022).

Fazendo a análise do catálogo das editoras universitárias baianas, esse processo começa de fato com as publicações da Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz (EDITUS), por volta do ano de 2010, com publicações como *Maricot* e *Contos a Contar*. Tem nas publicações da Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA), a partir do ano de 2018 e da EDUEFS a partir de 2023, sua afirmação, devido a uma quantidade mais corrente de lançamento de livros infantis com representações significativas do desenho de diversas áreas do conhecimento.

A relação de um modelo editorial universitário desenvolvido na Bahia com texto articulado aos elementos visuais, que juntos compõem as publicações infantis, tem sido um exercício recente e numericamente não tão volumoso, quando comparado a outras áreas da produção editorial dessas universidades. Contudo, essa prática vem crescendo e já tem demarcado território entre as publicações anuais dessas editoras. A ocupação de um espaço de contato e convívio entre o que é produzido e pesquisado nas universidades, alinhado a um objeto de contato tão importante como o livro, acaba trazendo uma ligação mais cedo e um impacto na relação entre a comunidade infantil com as universidades em si, atendendo inclusive às atividades de extensão voltadas para as crianças, nas quais o livro infantil deve também ser elemento importante deste contexto.

Graça Ramos (2011, p. 23), ressalta que “[...] no caso da relação das crianças com as ilustrações dos livros, as imagens se tornam de fundamental importância para a adesão delas à história narrada”. Ainda nessa discussão, a leitura de imagens pode ser uma atividade

desafiadora tanto quanto a leitura da escrita, nessa perspectiva, a autora afirma: “[...] debruçar-se sobre o que os olhos captam provocará análises e, o mais produtivo, provavelmente ativará a capacidade de inventar. Olhar, portanto, é uma soma que inclui o físico, o psicológico, a percepção e a criação” (Ramos, 2011, p. 34).

Num universo em que cada vez mais a universidade brasileira se dá conta de que a atividade editorial acadêmica é, antes de mais nada, parte constitutiva do processo de maturação da instituição e da sociedade em geral, o modelo de construção de sua linha editorial determina o caminho a ser percorrido pela universidade na sua relação com a comunidade científica e, conseqüentemente, com o seu leitor (Castilho, 2006).

Essa relação mostra de forma bem clara a importância da editora na construção da identidade da instituição e também como ela é uma das vertentes responsáveis por materializar os projetos, as pesquisas e as faces do conhecimento produzido pela universidade, e sua produção editorial não poderia deixar de conversar com o público infantil e com o contexto da formação literária e cultural da criança, tendo o papel do desenho como um dos centros do estudo, sendo ferramenta de leitura do texto e canal fundamental de construção do conhecimento e da formação social (ABEU, 2022).

Na sociedade moderna, as mensagens não são transmitidas apenas por elementos da linguagem falada ou escrita; elas também podem chegar por meio das imagens, carregadas em seu corpo de conceitos e ideias, formando uma encruzilhada de significados a depender do ponto visual. Sobre o conceito de imagem, temos como um dos primeiros registros Platão (2012), no sexto livro da República, onde ele define imagem como “[...] primeiramente sombras, depois reflexos que se veem nas águas ou na superfície dos corpos opacos, polidos e brilhantes, e a todas representações semelhantes”.

Já em um contexto atual, Donis A. Dondis (2000, p. 31) defende que as imagens “Podem ser imediatas e práticas, tendo a ver com questões triviais da vida cotidiana, ou podem estar voltadas para necessidades mais elevadas de auto expressão de um estado de espírito, de uma ideia ou de um fato histórico”. E explica ainda que “Os dados visuais podem transmitir informação: mensagens específicas ou sentimentos expressivos” (Dondis, 2000, p. 183).

Segundo Derdyk (2016), o desenho, desde tempos imemoriais, constitui uma das formas mais primordiais de expressão humana. Nas paredes das cavernas, os registros gráficos já revelavam uma linguagem visual potente, capaz de narrar histórias, registrar vivências e comunicar ideias muito antes do advento da escrita. Assim, o desenho se configura como uma linguagem autônoma, que transcende palavras e articula um vocabulário visual próprio.

Ela ainda complementa quando fala que o desenho é uma linguagem que atravessa todos os tempos e civilizações, estando presente desde as inscrições rupestres até os meios digitais contemporâneos. Para a autora, desenhar é um gesto sensível, que mobiliza corpo e pensamento em um processo expressivo que antecede o código linguístico verbal. Tal perspectiva evidencia o desenho como uma estrutura comunicativa completa, com suas próprias regras, signos e significados.

Nesse mesmo sentido, Vilanova (2019) considera o desenho como uma das primeiras formas de linguagem da criança, sendo essencial no processo de alfabetização e desenvolvimento cognitivo. Em suas práticas com o chamado “ditado visual”, a autora explora o desenho como meio de significação e organização do pensamento, mostrando como ele permite a expressão de ideias antes mesmo da fluência verbal e escrita.

Rudolf Arnheim, em “Arte e Percepção Visual” (Arnheim, 1986), argumenta que o desenho pode ser entendido como uma linguagem porque organiza a percepção visual de maneira estruturada e significativa. Para Arnheim, a visão não é um processo passivo, mas ativo e interpretativo, por meio da qual formas, linhas e composições comunicam ideias, emoções e conceitos de maneira análoga à linguagem verbal. Ele destaca que o desenho utiliza elementos visuais como ponto, linha, forma e cor para construir mensagens que podem ser compreendidas independentemente da oralidade ou da escrita. Assim, o desenho não é apenas uma representação do mundo visível, mas uma forma de pensamento visual, permitindo a expressão e a comunicação de significados complexos por meio da organização perceptiva.

Quando entramos no universo da produção editorial de livros infantis, particularmente nas editoras universitárias, isso exige um olhar mais atento à integração entre texto verbal, imagem e projeto gráfico, considerando as especificidades do público leitor e os objetivos pedagógicos e culturais das instituições. Nesse contexto, as imagens desempenham papel crucial não apenas como elementos ilustrativos, mas como dispositivos discursivos e cognitivos que contribuem ativamente para a construção de sentido. A esse respeito, o estudo de Martine Joly (2007) oferece bases teóricas e metodológicas que permitem compreender as imagens como linguagem, expressão e signo cultural.

No entanto, além da imagem em si, Gomes (1996) fala que é fundamental reconhecer o papel do responsável pelo traço como agente criativo, autoral e colaborador ativo nos processos editoriais. Buscando ampliar este olhar sobre o desenho e a imagem, o trabalho de André Melo Mendes (2019) oferece ferramentas conceituais e metodológicas fundamentais para compreender e analisar criticamente as imagens fixas no campo da comunicação e da

edição.

Martine Joly (2007) propõe uma abordagem semiótica da imagem, ao situá-la como discurso codificado, estruturado por convenções visuais, culturais e históricas. Para a autora, a imagem não é um espelho da realidade, mas uma construção que obedece a códigos específicos de representação. Nesse sentido, Joly afirma que “[...] a imagem não é uma janela aberta sobre o mundo, mas uma representação codificada” (Joly, 2007, p. 24), que requer leitura e interpretação. A autora rejeita a ideia de que a imagem possui um sentido natural ou imediato, destacando que sua decodificação depende do contexto sociocultural, do repertório do observador e das intenções comunicativas do autor da imagem.

Esse entendimento transfere o olhar do espectador para uma postura ativa, crítica e reflexiva diante da imagem. Como observa Joly (2007, p. 28), “[...] toda imagem é objeto de interpretação, e sua leitura envolve um saber do mundo [...]”, o que significa que compreender uma imagem exige não apenas uma percepção sensorial, mas também uma bagagem simbólica e cultural. No universo da literatura infantil ilustrada, esse aspecto adquire uma relevância ainda maior, uma vez que o público leitor está em pleno processo de formação não apenas textual, mas também visual e simbólico. Assim, a criança, ao se deparar com a imagem, começa a desenvolver competências de leitura que extrapolam o verbal, aprendendo a atribuir significados a formas, cores, gestos, planos e composições.

Dessa forma, é fundamental considerar o repertório visual e simbólico do ilustrador como parte constitutiva da obra. O ilustrador, como produtor de discurso visual, mobiliza uma série de códigos e referências que não apenas acompanham, mas frequentemente expandem ou reinterpretam o texto escrito. Em muitos casos, a imagem ilustra o não dito, constrói atmosferas narrativas ou cria contrastes irônicos que enriquecem a obra e desafiam o leitor a interpretar múltiplas camadas de sentido. Joly (2007, p. 32) enfatiza que “[...] o sentido não está na imagem em si, mas no conjunto de relações que ela mantém com outros signos e com os sistemas de representação cultural [...]”, o que posiciona o ilustrador como um coautor fundamental da narrativa.

A abordagem semiótica proposta por Joly, ao desnaturalizar a imagem e reconhecer sua complexidade linguística, permite uma leitura crítica e aprofundada das ilustrações em livros infantis. No contexto da edição universitária, onde há uma valorização do rigor metodológico e da formação leitora, essa perspectiva oferece um referencial sólido para pensar a produção e a curadoria das imagens, assegurando sua função formativa, estética e discursiva.

Já Gomes (1996), ao introduzir o conceito de *desenhismo*, aprofunda a noção do desenho

como uma linguagem visual autônoma, criativa e expressiva. Distanciando-se de uma visão utilitária da ilustração, o autor propõe que o desenhismo transcende a função de complementar ou repetir o texto escrito, atuando como linguagem plena, com potência narrativa, estética e simbólica própria. Para Gomes (1996, p. 33), “[...] o desenhismo não se limita à ilustração didática ou à reprodução do real, mas atua como linguagem visual plena, regida por princípios internos e sensibilidade artística”. Essa concepção amplia o entendimento do papel do desenho nas publicações, reconhecendo sua capacidade de produzir significados de forma independente ou em diálogo com o texto verbal.

Ao pensar o desenho como prática discursiva e poética, Gomes (1996) reposiciona o ilustrador como coautor do projeto editorial, uma vez que sua produção não se limita à tradução gráfica de conteúdos pré-estabelecidos, mas envolve escolhas criativas, interpretações subjetivas e articulações visuais que influenciam diretamente a forma como o leitor experiência a obra. O ilustrador, nesse contexto, participa desde as etapas iniciais de concepção do livro, em diálogo com autores, editores e *designers*, contribuindo para a materialização de uma proposta estética e comunicacional integrada.

No âmbito da edição de livros, especialmente aqueles voltados ao público infantil, infantojuvenil, paradidático ou de divulgação científica, o conceito de desenhismo torna-se fundamental para compreender a imagem como elemento estruturante do projeto gráfico. Nessas publicações, o desenho não atua apenas como ornamento ou acessório, mas como parte essencial da construção do conteúdo e da mediação com o leitor. A abordagem defendida por Gomes permite romper com a tradição editorial que subordina a imagem ao texto, promovendo uma valorização do visual como linguagem legítima, capaz de propor leituras próprias, subjetivas e interativas (Gomes, 1996).

Em seu ensaio “Metodologia para análise de imagens fixas”, Mendes (2019) propõe uma abordagem analítica fundamentada em três níveis principais de leitura: descritivo, analítico e interpretativo. O nível descritivo corresponde à identificação dos elementos visuais da imagem, como formas, cores, linhas, enquadramentos e composição, sem ainda atribuir sentido a eles. No nível analítico, essas escolhas formais são examinadas em sua articulação interna, buscando-se entender como produzem significados por meio de relações entre os elementos. Por fim, o nível interpretativo considera os contextos culturais, históricos e sociais nos quais a imagem está inserida, abrindo espaço para uma leitura mais ampla de seus efeitos simbólicos e comunicacionais (Mendes, 2019, p. 4-6).

Essa metodologia revela-se especialmente frutífera quando aplicada à análise do trabalho do ilustrador em projetos editoriais. O ilustrador não apenas desenha ou representa

visualmente os conteúdos, mas realiza escolhas estéticas e conceituais que dialogam com o texto, ampliando ou reinterpretando suas camadas de sentido. Como observa Mendes (2019, p. 7), “[...] a imagem é um processo de significação que se dá pela articulação de seus elementos plásticos e simbólicos [...]”, o que pressupõe a existência de uma intencionalidade comunicativa por parte do autor da imagem – neste caso, o ilustrador.

Dessa forma, é possível compreender o ilustrador como coautor da narrativa editorial, já que sua produção não se limita à ornamentação do texto, mas atua como instância discursiva que afeta diretamente a leitura e a recepção da obra. Em livros infantis, por exemplo, as imagens assumem uma função narrativa e formativa fundamental, muitas vezes antecipando, complementando ou até mesmo contradizendo o conteúdo verbal. A aplicação da metodologia proposta por Mendes permite reconhecer esses jogos de sentido e valorizar o trabalho do ilustrador como componente crítico da produção editorial.

No ambiente da edição universitária, em que predominam valores como a interdisciplinaridade, o rigor acadêmico e o compromisso com a formação crítica, o papel do ilustrador adquire contornos ainda mais relevantes. Muitas vezes, essas editoras atuam em parceria com programas de extensão, grupos de pesquisa e iniciativas educacionais voltadas para o desenvolvimento de materiais didáticos e literários voltados à infância. Nesses contextos, o ilustrador é convidado a colaborar não apenas com sua habilidade técnica, mas também com sua capacidade de traduzir conceitos pedagógicos, valores culturais e sensibilidades sociais em imagens significativas e acessíveis.

É nesse ponto que se consolida uma visão ampliada da produção editorial, na qual texto, imagem e *design* gráfico são concebidos de forma colaborativa e integrada. A atuação do ilustrador como coautor enriquece a obra final e contribui para a formação estética e intelectual do leitor infantil, conforme apontam os referenciais de Joly (2007), Gomes (1996) e Mendes (2019). Tais contribuições possibilitam que a edição universitária exerça um papel bem amplo na promoção da leitura crítica, na valorização da cultura visual e na democratização do acesso ao livro, especialmente ao livro infantil.

#### **4 O ILUSTRADOR COMO AUTOR: CONVERGÊNCIAS ENTRE ARTE E LETRA NA PUBLICAÇÃO DE LIVROS INFANTOJUVENIS PELA EDUEFS**

No campo da literatura infantojuvenil, a figura do ilustrador tem se destacado como elemento fundamental na constituição da obra, extrapolando o papel tradicionalmente secundário ou meramente técnico que lhe foi historicamente atribuído. As normas editoriais recentemente estabelecidas pela UEFS Editora, direcionadas à publicação de livros infantojuvenis, reconhecem a importância do ilustrador como coautor da obra, consolidando, assim, um entendimento mais contemporâneo e ampliado da autoria. Este capítulo analisa criticamente esse reconhecimento à luz das diretrizes propostas pela referida editora, situando-o no contexto das práticas editoriais e dos debates teóricos sobre autoria, arte e literatura.

Durante muito tempo, o conceito de autoria esteve restrito à figura do escritor, sendo o texto verbal a instância prioritária na constituição de uma obra literária. No entanto, conforme aponta Foucault (2006), a noção de "autor" é uma construção histórica e discursiva, que pode variar conforme os modos de produção e circulação dos discursos. Na literatura infantojuvenil, essa noção tem sido desafiada pela presença das ilustrações como parte integrante da narrativa.

Autores como Nikolajeva e Scott (2001) demonstram que os livros ilustrados não apenas complementam o texto com imagens, mas constituem verdadeiras co-narrativas visuais, estabelecendo com o texto verbal uma relação dialógica que exige do leitor múltiplas competências de leitura. Assim, o ilustrador assume um papel ativo na produção de sentidos, tornando-se co-autor da obra. As diretrizes da UEFS Editora (2025) incorporam essa perspectiva ao reconhecer explicitamente o ilustrador como autor, habilitado a submeter propostas de publicação. Essa decisão institucional possui implicações significativas, tanto no reconhecimento profissional do ilustrador quanto na configuração dos processos editoriais.

Segundo o manual de normas da UEFS Editora (2025), serão aceitas obras inéditas destinadas ao público infantil e infantojuvenil, desde que apresentem originalidade, relevância temática e adequação linguística e visual à faixa etária pretendida. Um dos aspectos centrais das orientações é o reconhecimento do ilustrador como sujeito de autoria, com direito à submissão e à avaliação de suas contribuições visuais como parte constitutiva da obra. O documento estabelece que cada livro poderá ter até dois autores e dois ilustradores, e que as ilustrações serão avaliadas juntamente com os textos. Além disso, exige-se que o portfólio do

ilustrador seja apresentado, inclusive no caso de imagens geradas por inteligência artificial, reafirmando a curadoria estética e a responsabilidade artística do ilustrador como autor.

Esse reconhecimento formal reflete uma mudança de paradigma nas práticas editoriais universitárias, ao romper com o binarismo texto/imagem e valorizar o potencial narrativo das ilustrações. Como lembra Ramos (2008), a imagem em livros infantis não é um mero adereço, mas elemento essencial de mediação estética e cognitiva.

A ilustração, especialmente na literatura voltada ao público infantil, deve ser compreendida como linguagem visual autônoma e portadora de significados. Eco (2004) destaca que toda forma de comunicação visual envolve sistemas de signos que operam com regras próprias, podendo, portanto, constituir discurso. No caso dos livros infantojuvenis, as imagens não apenas ilustram o conteúdo verbal, mas também instauram atmosferas, sugerem interpretações e constroem identidades culturais. A construção de personagens, ambientações e dinâmicas de enredo muitas vezes se dá por meio da visualidade, especialmente em faixas etárias em que a leitura verbal ainda está em desenvolvimento.

As normas da UEFS Editora reconhecem esse papel discursivo da ilustração ao exigir que a linguagem visual seja adequada à faixa etária e ao conteúdo científico ou cultural da obra. A ilustração deixa de ser decorativa para se tornar parte integrante do processo educativo, contribuindo para a alfabetização científica e estética das crianças e jovens leitores.

O manual da UEFS Editora também estabelece diretrizes quanto às responsabilidades legais e técnicas do ilustrador. Em conformidade com a Lei nº 9.610/98 (Brasil, 1998), toda imagem utilizada deve ter autorização expressa para uso, seja ela de criação própria, de terceiros ou de domínio público. Além disso, o ilustrador deve entregar os arquivos em formatos editáveis e de alta resolução, o que exige competências técnicas específicas e participação direta no processo de editoração. Caso sejam necessárias modificações nas imagens, essas devem ser realizadas pelo próprio ilustrador, reforçando seu papel como agente ativo e responsável pela materialidade visual da obra. Esse nível de exigência técnica reforça o *status* de autoria, pois desloca o ilustrador da posição subalterna de executor para o lugar de co-criador, participe dos rumos estéticos e narrativos da publicação.

Além do reconhecimento formal da autoria do ilustrador, a clareza e a previsibilidade do processo editorial são componentes essenciais para a profissionalização da produção científica e cultural no âmbito universitário. Nesse sentido, a UEFS Editora estabelece um fluxo editorial definido, no qual cada etapa está vinculada a critérios objetivos de avaliação,

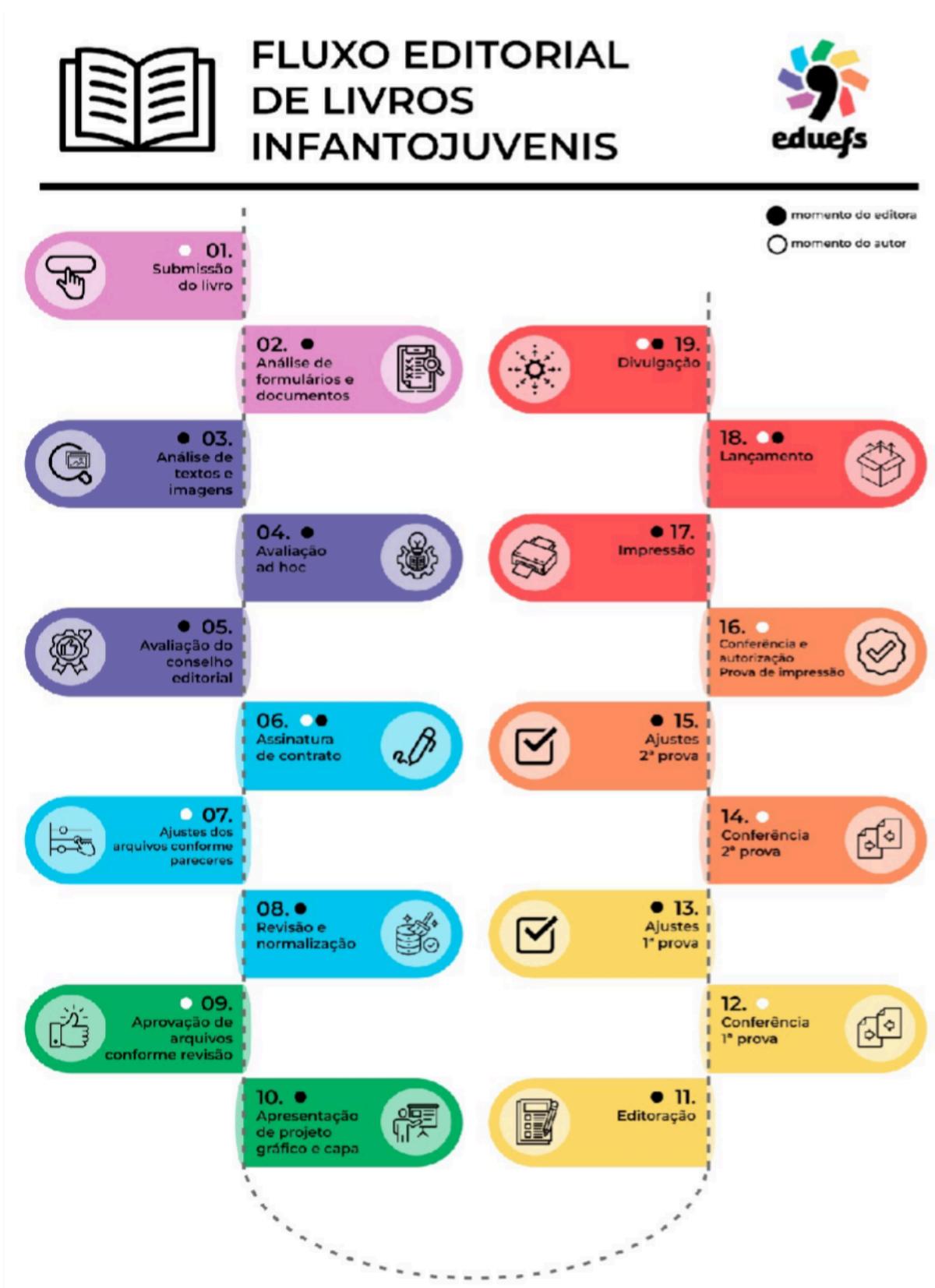
responsabilidades bem delimitadas e prazos institucionais. Tal organização fortalece a relação de confiança entre os autores e a editora, além de fomentar uma cultura editorial mais transparente e acessível.

Com o objetivo de ampliar a compreensão e a participação dos envolvidos, apresenta-se a seguir um fluxograma representativo de todas as etapas do processo editorial das obras infantojuvenis submetidas à UEFS Editora (Figura 02). O fluxograma sintetiza a jornada de uma obra desde a submissão até sua publicação final. A transparência desse processo reafirma o compromisso da UEFS Editora com a valorização de todas as dimensões criativas envolvidas na produção de um livro infantojuvenil, sobretudo quando se trata da atuação conjunta entre autores de texto e ilustradores como coautores.

O reconhecimento do ilustrador como autor nos processos de submissão e publicação da UEFS Editora, representa um avanço significativo na valorização da linguagem visual na literatura infantojuvenil. Tal medida acompanha uma tendência contemporânea de compreensão ampliada da autoria, alinhando-se aos debates acadêmicos e editoriais sobre a coautoria entre texto e imagem. Ao legitimar institucionalmente a contribuição estética e narrativa do ilustrador, a UEFS Editora não apenas enriquece o processo editorial, como também promove uma prática mais equitativa e representativa no campo da produção literária voltada à infância e juventude.

Esse movimento é fundamental para a construção de um catálogo editorial comprometido com a diversidade de linguagens, saberes e formas de expressão, contribuindo para uma formação leitora mais crítica, sensível e integrada.

Figura 02: Fluxograma



Fonte: UEFS Editora (2025, p.1).

#### 4.1 A FICHA ANALÍTICA COMO INSTRUMENTO TÉCNICO NA EDITORAÇÃO DE LIVROS INFANTIS DA EDUEFS

A produção editorial de livros infantis demanda atenção específica a uma série de elementos textuais, visuais e pedagógicos que se distinguem dos demais segmentos editoriais. Dessa forma, as análises detalhadas de obras editoriais representam uma etapa fundamental no processo de produção e avaliação de publicações, especialmente no campo do *design* gráfico e da editoração de livros ilustrados. Esse tipo de análise, frequentemente denominado ficha analítica, consiste na sistematização de dados técnicos, estéticos e editoriais que auxiliam a compreensão da estrutura e dos elementos constituintes de uma obra. Tal prática é essencial não apenas para a editoração propriamente dita, mas também para o desenvolvimento de projetos gráficos coerentes e para a manutenção da qualidade editorial.

Segundo Corrêa (2015), o projeto gráfico de um livro ilustrado infantil exige a integração plena entre texto e imagem, o que demanda uma abordagem editorial minuciosa e sensível às especificidades do público-alvo. A autora destaca que “[...] o livro ilustrado deve apresentar uma unidade entre texto verbal e imagem, promovendo a interdependência desses elementos na construção do sentido da narrativa” (Corrêa, 2015, p. 47). Tal unidade, observada por meio da análise de elementos como tipografia, diagramação, cores e formato, é parte integrante do que uma ficha analítica deve registrar e interpretar, especialmente em publicações voltadas para a infância, em que os aspectos visuais possuem peso significativo na mediação da leitura.

De maneira complementar, Kishi (2005) discute o papel do editor na cadeia produtiva do livro, enfatizando a necessidade de procedimentos técnicos organizados para garantir a consistência das obras publicadas. Ela argumenta que “[...] a produção editorial é um processo que se apoia na coordenação entre várias etapas e profissionais, exigindo um planejamento detalhado e conhecimento técnico das características do livro” (Kishi, 2005, p. 32). Nesse contexto, a ficha analítica pode ser compreendida como uma ferramenta que consolida informações essenciais para o planejamento editorial, tais como dados bibliográficos, público-alvo, objetivos da obra, recursos gráficos utilizados, estilo da linguagem, entre outros aspectos relevantes.

Dessa forma, tanto Corrêa (2015) quanto Kishi (2005) fornecem subsídios teóricos que fundamentam a prática das análises detalhadas em editoras, especialmente aquelas que

trabalham com publicações visuais, como os livros infantis ilustrados. A ficha analítica, portanto, configura-se como um instrumento técnico e crítico, que colabora para o aperfeiçoamento dos processos editoriais e para a formação de uma cultura de excelência na produção gráfica e textual dos livros.

Em síntese, a elaboração de análises detalhadas de obras editoriais deve ser compreendida como parte integrante do fazer editorial, estando diretamente relacionada à qualidade final da publicação. A partir dos aportes teóricos de Corrêa (2015) e Kishi (2005), observa-se que a sistematização das informações por meio da ficha analítica contribui para o planejamento gráfico, para a curadoria do conteúdo e para a coerência geral do projeto editorial, sendo, portanto, uma prática indispensável no contexto contemporâneo da produção de livros.

Nesse contexto, a elaboração de uma ficha analítica se revela uma ferramenta fundamental para orientar o processo editorial de forma sistemática e criteriosa, garantindo a qualidade da obra e sua adequação ao público leitor infantil. A ficha analítica de editoração para livros infantis propõe uma abordagem integrada que contempla aspectos literários, gráficos, técnicos e pedagógicos.

Em sua primeira seção, são registrados os dados gerais da obra, como título, autoria, gênero, faixa etária e características materiais (impresso, digital ou híbrido). Essas informações são essenciais para o planejamento editorial e a definição do público-alvo, conforme destacam Kishi (2005) e Corrêa (2015) em seus estudos sobre a produção editorial no Brasil. A avaliação de conteúdo literário representa um dos eixos centrais da ficha, considerando critérios como adequação da linguagem à faixa etária, pertinência temática e potencial formativo. Tais elementos dialogam com os pressupostos de Coelho (2000), que defende uma literatura infantil comprometida com a sensibilidade e o desenvolvimento cognitivo da criança, e de Colomer (2007), ao tratar da importância da mediação literária na infância e do estímulo à leitura crítica.

Além do conteúdo textual, os livros infantis dependem fortemente de seus elementos visuais. A ficha propõe a análise do estilo ilustrativo, da tipografia, das cores e do diálogo entre texto e imagem. Campos (2013) ressalta que, nos livros ilustrados, a imagem não apenas complementa, mas amplia e ressignifica o texto, sendo imprescindível sua avaliação estética e funcional. Corrêa (2015) acrescenta que a escolha do projeto gráfico deve considerar aspectos de acessibilidade e fruição visual, especialmente para leitores em processo de alfabetização.

A seção dedicada aos aspectos técnicos e de produção permite acompanhar o estado do original, as necessidades de preparação e revisão, bem como os prazos para cada etapa do

processo editorial. Segundo Kishi (2005), o controle dessas etapas é vital para garantir a fluidez do fluxo editorial e a conformidade com os cronogramas de publicação, especialmente em projetos com tiragens destinadas a escolas ou políticas públicas.

Neste sentido, apresentamos uma proposta de ficha analítica (Figura 03) para acompanhamento, avaliação e gestão de processos editoriais de livros infantis da EDUEFS.

**Figura 03:** Ficha analítica



### **LIVRO INFANTIL (EXEMPLO FICTÍCIO PREENCHIDO)**

#### **1. Dados Gerais da Obra**

<b>Critério</b>	<b>Observações / Preenchimento</b>
Título provisório	O Caracol e o Vento
Autor(es)	Lara Sampaio
Ilustrador(es)	Bruno Teixeira
Editora / Coedição (se aplicável)	Borboleta Azul Editora
Gênero literário	Narrativa poética / Fábula
Faixa etária indicada	5 a 8 anos
Obra inédita ou adaptação?	Inédita
Número estimado de páginas	32 páginas
Suporte previsto	Ambos (impresso e digital)

#### **2. Avaliação de Conteúdo Literário**

<b>Critério</b>	<b>Observações / Preenchimento</b>
Pertinência temática para a infância	Alta – aborda amizade e empatia
Adequação da linguagem à faixa etária	Muito adequada, com linguagem poética e acessível
Estímulo à imaginação, criatividade ou pensamento crítico	Estimula reflexão sobre identidade e ritmo de vida
Representatividade e diversidade	Sim – fauna brasileira representada
Consonância com valores éticos e pedagógicos	Sim – promove valores de forma sutil e envolvente
Narrativa visual complementar ou redundante?	Complementar e enriquecedora
Potencial de formação de leitores	Alto – convida à releitura e interpretação
Comentários adicionais sobre o texto	Leitura fluida, sensível e com ritmo próprio

#### **3. Avaliação Visual e Gráfica**

<b>Critério</b>	<b>Observações / Preenchimento</b>
Estilo das ilustrações	Aquarela com contornos suaves, paleta pastel
Diálogo entre texto e imagem	Muito bem integrado, reforça a metáfora

	do vento
Adequação ao público-alvo	Excelente – cores suaves e formas amigáveis
Formato sugerido	21 x 21 cm (formato quadrado)
Tipo de papel sugerido	Couchê fosco 150g (miolo), cartão 250g c/ laminação fosca (capa)
Cores	4x4 (colorido)
Tipografia	Humanista com excelente legibilidade
Sugestão de acabamento	Brochura com orelhas e laminação fosca
Comentários sobre aspectos visuais	Ilustrações envolventes que ampliam a narrativa textual

#### 4. Aspectos Técnicos e de Produção

Critério	Observações / Preenchimento
Estado do original	Digital
Necessidade de preparação de texto?	Sim – mínima
Necessidade de revisão gramatical/ortográfica?	Sim – uma rodada
Original já diagramado ou será produzido?	A diagramação será produzida
Prazos estimados - Preparação	7 dias
Prazos estimados - Revisão	5 dias
Prazos estimados - Ilustração	Finalizada
Prazos estimados - Diagramação	10 dias
Prazos estimados - Prova final	3 dias
Prazos estimados - Impressão/publicação	15 dias

#### 5. Propostas de Difusão e Ações Educativas

Critério	Observações / Preenchimento
Potencial para uso em escolas?	Sim – temas transversais
Sugestão de material de apoio	Guia de leitura e atividades lúdicas
Parcerias possíveis	Bibliotecas comunitárias, secretarias de educação
Inclusão em projetos ou editais?	Sim – PNLD e editais regionais

#### 6. Observações Finais e Parecer Editorial

Critério	Observações / Preenchimento
Pontos fortes da obra	Equilíbrio entre texto e imagem, lirismo, acessibilidade
Riscos ou limitações percebidas	Curto número de páginas pode limitar uso didático extensivo
Recomendações para aprovação e ajustes	Aprovar com ajustes gráficos de paginação
Parecer editorial	✓ Aprovar com ajustes

UEFS Editora, 2025

Por fim, a ficha contempla também a projeção de ações educativas e de difusão, com sugestões para uso pedagógico, produção de materiais de apoio e inserção em programas de leitura. Esse componente reforça o papel social do livro infantil como instrumento de formação de leitores, conforme apontam Colomer (2007) e Campos (2013). Portanto, a ficha analítica proposta neste estudo não se limita ao preenchimento burocrático de dados, mas se constitui como uma ferramenta reflexiva e operacional, alinhada às práticas contemporâneas de produção

editorial voltadas ao público infantil. Seu uso sistemático contribui para elevar os padrões de qualidade das obras publicadas, ampliando sua relevância cultural e acadêmica.

## 5 APRESENTAÇÃO DOS LIVROS INFANTIS DA EDUEFS

A caminhada da EDUEFS no universo das publicações infantis se iniciou no ano de 2015, decorrente de um edital específico para publicações infantis lançado no ano de 2014, trazendo para o cenário editorial de publicações voltadas para o mundo infantil as obras: *Tem Morcegos no meu telhado!*, de autoria de Maria da Conceição Gomes e ilustrações de Leonardo Matheus Pereira Aguiar e Erick Santos Silva; e *Nem cobra, nem duas cabeças: quem sou eu? Uma abordagem sobre os Amphisbaenia*, de autoria de Maria Celeste Costa Valverde e ilustrações de Daniel de Jesus Ferreira.

O livro *Tem morcegos no meu telhado!* (Figura 4) narra a história do jovem Átila que, ao explorar o forro de sua residência na cidade de Feira de Santana, descobre a presença de uma colônia de morcegos. Inicialmente tomado pelo medo, o protagonista tranquiliza-se ao encontrar Quira Quiróptera, uma simpática morceguinha que o introduz ao universo desses animais, explicando aspectos de sua biologia e modo de vida.

**Figura 04:** Capa de *Tem morcegos no meu telhado!*



**Fonte:** Gomes (2015).

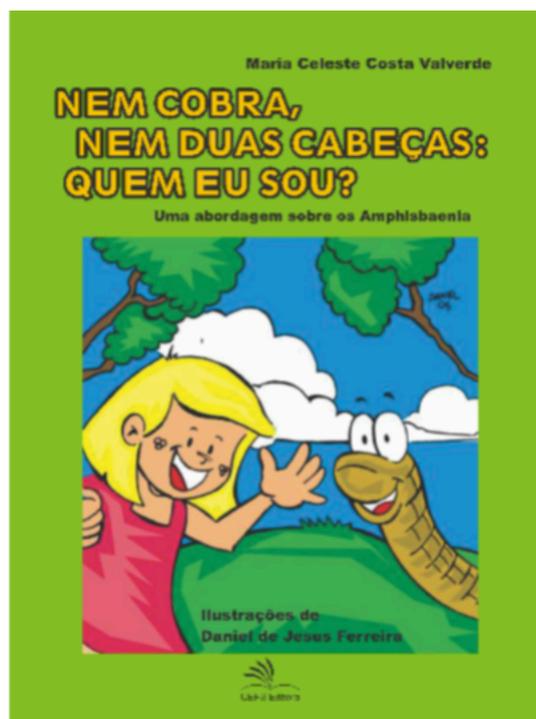
Ao longo da narrativa, Quira esclarece a importância ecológica dos morcegos, destacando seu papel fundamental na dispersão de sementes, na polinização de plantas e no controle de populações de insetos. Além disso, a personagem contribui para desconstruir a associação equivocada entre morcegos e vampiros, um estereótipo amplamente difundido por obras de ficção.

Por meio de uma abordagem lúdica e acessível, a obra busca promover a valorização dos morcegos e a conscientização ambiental desde a infância, ressaltando a relevância desses mamíferos para a conservação da biodiversidade.

Este livro foi composto no formato 20 x 20 cm, utilizando as fontes Colibri e Minion Pro para o texto principal, e Gill Sans MT para cabeçalhos, títulos e tópicos. O miolo foi impresso em papel couché fosco de 115 g/m<sup>2</sup>, e a capa foi produzida em papel Duo Design de 250 g/m<sup>2</sup>. A impressão e o acabamento foram realizados pela Empresa Gráfica da Bahia (EGBA). A tiragem foi de 300 (trezentos) exemplares, concluída em outubro de 2015.

Já o livro *Nem cobra, nem duas cabeças: quem sou eu?* (Figura 5) é apresentado no formato de cartilha e se destina a leitores de diferentes faixas etárias, incluindo crianças, adolescentes, jovens e adultos. A obra tem como personagem central um réptil conhecido como anfisbena, cujo nome tem origem no grego e significa “aquele que vai por dois caminhos”.

**Figura 05** – Capa de *Nem cobra, nem duas cabeças*



**Fonte:** Valverde (2015).

Escrito por Maria Celeste Costa Valverde, professora do Departamento de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), o livro explica, de maneira didática e acessível, que esse animal é frequentemente identificado de forma equivocada no Brasil como "cobra-de-duas-cabeças" ou "cobra-cega". Para facilitar a compreensão do público, a obra adota o formato de história em quadrinhos, na qual a personagem Tamile encontra uma anfisbena em seu quintal e estabelece um diálogo com ela, aprendendo sobre suas características biológicas e as adaptações evolutivas que essa espécie sofreu ao longo do tempo.

Além de sua abordagem educativa, o livro apresenta grande relevância para o contexto escolar, uma vez que contribui para a promoção do conhecimento científico e para o desenvolvimento de uma convivência mais consciente e respeitosa com a natureza.

Em sua ficha técnica editorial, esse livro foi produzido no formato 20,0 x 27,5cm, utilizando as fontes Geomet 212 KBT e Arial para a composição do texto principal. O miolo foi impresso em papel fosco de 115 g/m<sup>2</sup>, e a capa foi confeccionada em papel Duo Design de 250 g/m<sup>2</sup>. A impressão e o acabamento foram realizados pela EGBA, com uma tiragem de 500 (quinhentos) exemplares, concluída em dezembro de 2015.

Ainda em 2015, fugindo um pouco da concepção das duas primeiras obras, cujos processos de ilustração foram executados fora da gestão da EDUEFS, em *As aventuras do jacaré Astolfo* (Figura 6), de autoria de Zenilda de Oliveira Novais Santana e Anna Beatriz Novais Santana, as ilustrações e todo o projeto gráfico foram realizados pela *designer* e ilustradora Erica Silva, servidora da UEFS e lotada na EDUEFS. Nessa publicação, muda-se a estrutura e o modelo de produção editorial do livro, pelo fato de uma das autoras e da ilustradora terem vínculo com a editora: a relação imagem e texto foi realizada com a presença maior dos entes em suas concepções, desenvolvendo traço e texto dentro de um processo harmônico de transmissão de informação.

Neste livro, Zenilda e sua filha, Anna Beatriz, desenvolveram conjuntamente uma narrativa infantil. A escolha do protagonista coube a Anna, que optou por um jacaré, nomeando-o Astolfo. Zenilda concordou com a proposta e sugeriu que a filha definisse o cenário da história. Após uma pesquisa na internet, Anna decidiu situar a trama no Pantanal do Mato Grosso, uma região caracterizada por sua abundância de recursos hídricos e por ser habitat natural de diversas espécies de jacarés.

**Figura 06** – Capa de *As aventuras do jacaré Astolfo*



Fonte: Santana (2015).

A partir dessa premissa, a história começou a ser estruturada. Para complementar a obra, a amiga Érica ofereceu-se para elaborar as ilustrações, que se destacam pelo nível de detalhamento e apelo visual. Um dos elementos mais marcantes do livro é o fato de que Astolfo, o jacaré protagonista, possui a habilidade de falar, o que lhe permite explicar sobre as ameaças a sua espécie e compartilhar suas experiências e aventuras na vasta paisagem pantaneira.

Esse livro foi composto no formato 30,0 x 30,0cm, utilizando as fontes Honey Notes e MTF Pork Chop para o texto principal. O miolo foi impresso em papel couché fosco de 115 g/m<sup>2</sup> e a capa em papel Duo Design de 250 g/m<sup>2</sup>. A impressão e o acabamento ficaram a cargo da EGBA. Essa edição teve tiragem de 500 (quinhentos) exemplares, concluída em dezembro de 2015.

Após oito anos sem publicações infantis, a EDUEFS volta a este universo com a obra *Lunáticos* (Figura 7), de autoria de Carol Lima e ilustrações da *designer* e ilustradora de seu quadro de funcionários, Paula Gesteira. Nesse livro, a editora buscou equilibrar as funções e reconhecer igualmente a importância da autora e da ilustradora.

**Figura 07** – Capa de *Lunáticos*



**Fonte:** Lima (2023).

*Lunáticos* é uma obra de ficção que narra a trajetória de dois jovens com personalidades contrastantes, atuando como apresentadores de um telejornal singular. Ambos fazem parte de uma comunidade de seres auto-denominados “Lunáticos”, que acreditam ter origem extraterrestre e vivem disfarçados entre os humanos na Terra.

O primeiro protagonista, Calisto, é um jovem idealista que vive com sua mãe e sua irmã, ambas cientistas, cujas pesquisas servem de base para as reportagens do telejornal. Seu colega de apresentação, Narvi, por sua vez, adota uma postura menos engajada: descendente de uma das famílias mais abastadas da comunidade Lunática, ele enxerga o programa jornalístico sobretudo como uma vitrine de seu prestígio social.

Ao longo da narrativa, o livro explora as singularidades da vida dessas personagens e oferece ao leitor a oportunidade de refletir sobre teorias científicas, bem como sobre questões socioambientais contemporâneas, por meio de uma abordagem criativa e instigante.

Nos créditos editoriais, informa-se que o livro foi composto no formato 20,0 x 20,0cm,

utilizando a fonte Dunbar Text tanto para o texto principal quanto para os títulos. O miolo foi impresso em papel couché fosco de 115 g/m<sup>2</sup>, e a capa em papel couché fosco de 250 g/m<sup>2</sup>. A edição teve uma tiragem de 300 (trezentos) exemplares, concluída em abril de 2023.

Em 2024, a EDUEFS lançou o livro infantil “Papo de Homem” (Figura 8), de autoria da professora e enfermeira Evanilda Souza e ilustrações de Erica Silva, em seu segundo livro na casa.

**Figura 08** – Capa de “Papo de Homem”



Fonte: Carvalho (2024).

O livro *Papo de Homem* aborda questões relacionadas à masculinidade e à sexualidade na infância, sob a perspectiva de uma criança negra que, por meio de sinais dolorosos, descobre ser portadora da doença falciforme. Trata-se de uma enfermidade genética que afeta os glóbulos vermelhos do sangue, provocando diversas alterações e sintomas, incluindo dores em diferentes órgãos do corpo humano.

O protagonista, Amaury, é diagnosticado com essa condição e, posteriormente, identifica os sinais de uma complicação conhecida como priapismo. A obra destaca as possíveis consequências dessa condição, caso não haja um tratamento preventivo adequado.

O livro tem como objetivo apresentar, de maneira acessível ao público infantil, as possíveis complicações decorrentes da doença falciforme, como o priapismo, ao mesmo tempo em que busca sensibilizar o leitor para a importância do diagnóstico precoce e das estratégias de tratamento.

Esse livro foi composto no formato 20,0 x 20,0cm, utilizando as fontes Filson Pro Black, Glacial Indifference e Tahoma para o texto principal e os títulos. O miolo foi impresso em papel couché fosco de 115 g/m<sup>2</sup>, e a capa em papel couché fosco de 300 g/m<sup>2</sup>. A tiragem foi de 300 (trezentos) exemplares, concluída em outubro de 2024. A impressão e o acabamento foram realizados pela EGBA.

Ainda em 2024, chega o livro *Aff, o herói: a história do guerreiro nordestino*” (Figura 9), com desenhos e textos de Gláucia Trinchão e texto e música de Valéria Nanci, obra que quebra uma certa ordem de construção do livro infantil. Nessa produção, a construção do desenho foi o ponto de partida para a escrita da obra, ou seja, a história primeiro foi contada pelos traços, pelas formas, pelas cores, pelos desenhos e, só depois, completada com o texto.

**Figura 09** – Capa de *Aff, o herói: a história do guerreiro nordestino*



**Fonte:** Trinchão (2024).

O livro *Aff, o herói: a história do guerreiro nordestino* narra o cotidiano de Alfredo, um carismático calango, popularmente conhecido como Aff, que vive no agreste nordestino brasileiro. A obra retrata, com sensibilidade e humor, a rotina árdua e dedicada do protagonista em atividades tradicionais como o cultivo e a colheita da mandioca, bem como o preparo de

farinha, tapioca e beiju, sob o sol intenso característico da região.

A narrativa se desenvolve por meio das interações de Aff com seus companheiros: o gato Mimo, a cadela Paçoca e o cavalo Panga. E acompanha o sonho do protagonista de tornar-se, a qualquer custo, um grande herói. O enredo culmina em um desfecho surpreendente, que convida à reflexão sobre o verdadeiro significado da coragem e da heroicidade.

A obra destaca, de maneira lúdica e envolvente, a importância da valorização das tradições culturais nordestinas, reafirmando a riqueza do patrimônio imaterial brasileiro. Trata-se, portanto, de uma contribuição relevante para o fortalecimento das identidades regional e nacional, ao incentivar o reconhecimento e o respeito pelas raízes culturais do Brasil.

Nas informações técnicas editoriais, o livro foi produzido no formato 20,0 x 20,0cm, utilizando a fonte Uberhund para o texto principal e a fonte Prater para os títulos. O miolo foi impresso em papel couché fosco de 115 g/m<sup>2</sup>, e a capa utilizou papel couché fosco de 300 g/m<sup>2</sup>. A tiragem foi de 300 (trezentos) exemplares, concluída em fevereiro de 2024. A impressão e o acabamento foram realizados pela EGBA.

Também em 2024, é publicada a obra *Retirantes* (Figura 10), de autoria de Lara Leal Marques, ilustrada com imagens originais geradas com o auxílio do *ChatGPT*, desenvolvido pela OpenAI, e posteriormente modificadas por Aristeu Vieira da Silva. O livro é resultado do projeto “Noite de Morcego Bahia”, uma iniciativa conjunta entre a UEFS, a UESC, a UFOB e a UFBA.

A publicação é a primeira dentro desse universo emergente do uso da Inteligência Artificial (IA) como ferramenta de apoio à criação de imagens no universo editorial da EDUEFS, sendo citada tanto na capa, quanto na sua ficha catalográfica. O tema inteligência artificial passa por estudos e, dentro do meio editorial universitário, ainda é tratado com muita cautela, pois busca um aprofundamento do tema e está ligado diretamente às questões de direitos autorais<sup>1</sup>.

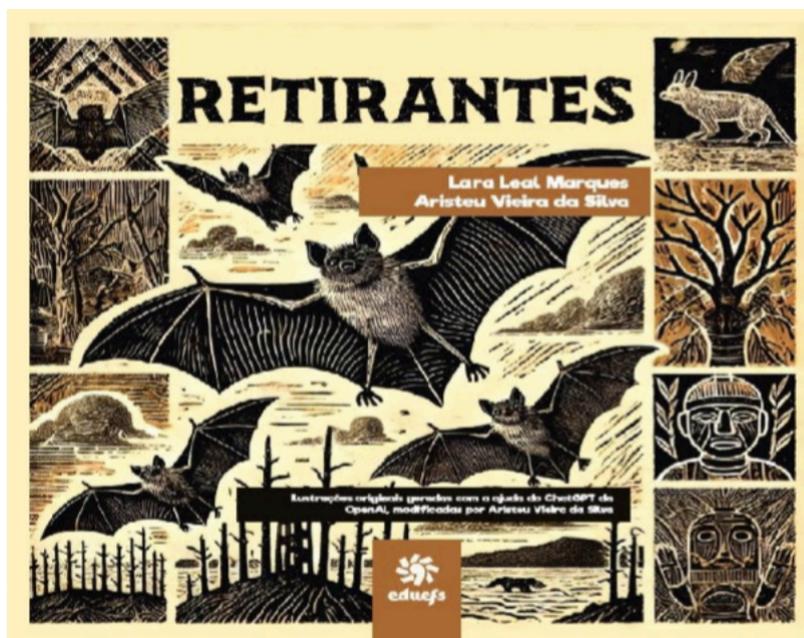
Trata-se de um poema narrado por um morcego da espécie *Molossus molossus*, cuja proposta é desconstruir estigmas historicamente atribuídos às populações de morcegos. A obra denuncia os impactos negativos decorrentes do desmatamento e de outras ações antrópicas sobre esses animais, frequentemente mal compreendidos. O texto poético evidencia os riscos

---

<sup>1</sup> O desenvolvimento das tecnologias digitais, especialmente a inteligência artificial, tem promovido profundas transformações nos meios de produção e disseminação de conteúdos culturais, acadêmicos e comerciais. No campo editorial, essas mudanças têm impacto direto na maneira como imagens e textos são criados e utilizados em obras publicadas. A Lei nº 9.610/1998, que regula os direitos autorais no Brasil, constitui o principal marco jurídico aplicável à matéria. No entanto, diante das inovações proporcionadas pela inteligência artificial, diversos aspectos da legislação atual demandam reinterpretações ou atualizações normativas para que se mantenham eficazes frente às novas realidades tecnológicas.

enfrentados pelos morcegos em decorrência da ignorância humana e reforça, de forma sensível e crítica, a urgência da preservação ambiental e da valorização da biodiversidade.

**Figura 10:** Capa de “Retirantes”



Fonte: Silva (2024).

O livro *Retirantes* tem em sua composição técnica editorial um formato de 20,0 x 20,0 cm, foi utilizada a fonte Cordel Rustika no texto principal e nos títulos. O seu miolo foi impresso em papel couché fosco IMUNE 115 g/m<sup>2</sup> e a sua capa foi impressa em papel couché fosco 300 g/m<sup>2</sup> 250 g/m<sup>2</sup>. Teve tiragem de 1000 (hum mil) exemplares, concluída em 2024. A impressão e o acabamento foram realizados pela Empresa Gráfica Feirense.

Ampliando a análise dos livros em estudo nesta pesquisa, foi realizada a aplicação dos materiais encontrados desses no modelo de Ficha Analítica de Editoração de Livro Infantojuvenil construído e já apresentado na seção anterior. Sendo assim, e considerando a ficha analítica de editoração como um instrumento técnico-metodológico utilizado no processo editorial para sistematizar informações fundamentais sobre uma obra, permitindo uma avaliação criteriosa de seus aspectos literários, visuais, técnicos e de difusão, apresentamos os resultados a seguir:

Começando pelo do livro *Nem cobra, nem duas cabeças: quem eu sou?*, de autoria de Maria Celeste Costa Valverde, com ilustrações de Daniel de Jesus Ferreira, a ficha revelou um conjunto de dados que evidenciam a consistência e o potencial da publicação. A obra,

inédita e direcionada à faixa etária de oito a doze anos, foi classificada como literatura infantojuvenil em quadrinhos, e apresenta alta pertinência temática para a infância, aliando conhecimento técnico à ludicidade.

O texto mostra-se fluido, acessível e alinhado a valores éticos e pedagógicos, enquanto a narrativa visual complementa e enriquece o conteúdo textual. As ilustrações cartunescas, de cores suaves e formas amigáveis, demonstram harmonia com o público-alvo, contribuindo para uma experiência estética e formativa.

Do ponto de vista técnico, a ficha indica que o original digital já chegou diagramado, necessitando apenas de preparação mínima e uma rodada de revisão. A proposta gráfica contempla formato 20 x 27,5 cm, papel couchê e acabamento em canoa com laminação fosca. Em termos de difusão, destaca-se o potencial da obra para uso em contextos escolares, com previsão de material de apoio pedagógico e inclusão em projetos públicos, como o Edital Livro Infantil 01/2025. O parecer editorial final recomendou a aprovação da obra com pequenos ajustes gráficos, destacando seu equilíbrio entre conteúdo e forma, e seu valor formativo no campo da literatura infantil ilustrada (Figura 11).

Figura 11: Ficha Analítica de *Nem cobra nem duas cabeça*



## FICHA ANALÍTICA DE EDITORAÇÃO LIVRO INFANTIL

### 1. Dados Gerais da Obra

Critério	Observações / Preenchimento
Título provisório	<b>Nem cobra, nem duas cabeças: quem eu sou?</b>
Autor(es)	Maria Celeste Costa Valverde
Ilustrador(es)	Daniel de Jesus Ferreira
Editora / Coedição (se aplicável)	EDUEFS
Gênero literário	Literatura infantil/juvenil, história em quadrinhos
Idade etária indicado	8 a 12 anos
Obra inédita ou adaptação?	Inédita
Número estimado de páginas	24 páginas
SupORTE previsto	Impresso

### 2. Avaliação de Conteúdo Literário

Critério	Observações / Preenchimento
Fertilidade temática para a infância	<b>Alta – aborda conhecimento técnico</b>
Adequação da linguagem à faixa etária	Muito adequada, com linguagem acessível
Estímulo à imaginação, criatividade ou pensamento crítico	Estimula reflexão e boas orientações sobre um animal do dia a dia
Representatividade e diversidade	Sim – é uma brasileira representante
Consistência em valores éticos e pedagógicos	Sim – permeia valores de forma sutil e não óbvia
Narrativa visual complementar ou redundante?	Complementar e enriquecedora
Potencial de formação de leitores	Bom – convicia à releitura e interpretação
Comentários e diálogos sobre texto	Linha fluida, sensível e com ritmo próprio

### 3. Avaliação Visual e Gráfica

Critério	Observações / Preenchimento
Estilo das ilustrações	Cartoonista
Diálogo entre texto e imagem	Bom harmonia
Adequação ao público-alvo	Evidente – cores vivas e formas amigáveis
Formato sugerido	25 x 27,5 cm
Tipo de papel sugerido	Couchê fosco 115mg (miolo), cartão 230g e/ou laminação fosca (capa)
Cores	4x1 (colorido)
Tipografia	Geometrica e BKTBT e Arial
Sugestão de acabamento	Canoa/grampo com laminação fosca
Comentários sobre aspectos visuais	Ilustrações envolventes que ampliam a narrativa textual

### 4. Aspectos Técnicos e de Produção

Critério	Observações / Preenchimento
Estado do original	<b>Digital</b>
Necessidade de preparação de texto?	Sim – mínima
Necessidade de revisão gramatical/ortográfica?	Sim – uma rodada
Original já diagramado ou será produzido?	Já Diagramado
Prazos estimados - Preparação	Sem informação
Prazos estimados - Revisão	Sem informação
Prazos estimados - Ilustração	Finalizada
Prazos estimados - Diagramação	Finalizada
Prazos estimados - Prova final	Sem informação
Prazos estimados - Impressão/publicação	30 dias

### 5. Propostas de Difusão e Ações Educativas

Critério	Observações / Preenchimento
Potencial para iniciativas educativas?	Sim – temas relevantes
Sugestão de material de apoio	Guia do leitor e atividades lúdicas
Parcerias possíveis	Bibliotecas comunitárias, secretarias de educação
Inclusão em projetos editoriais?	Sim – Edital Livro Infantil 01/2025

### 6. Observações Finais e Parecer Editorial

Critério	Observações / Preenchimento
Pontos fortes da obra	Equilíbrio entre texto e imagem, acessibilidade
Riscos ou limitações percebidas	Necessidade de pequenos ajustes técnicos
Recomendações para aprovação e ajustes	Aprovar com ajustes gráficos
Parecer editorial	✓ Aprova com ajustes

Já a ficha analítica de editoração referente ao livro infantil *Tem Morcegos no meu telhado*, de autoria de Maria da Conceição Gomes, com ilustrações de Leonardo Matheus Pereira Aguiar e Erick Santos Silva, evidencia uma proposta editorial voltada à promoção da leitura e à divulgação científica para o público infantojuvenil. A obra, inédita e classificada no gênero narrativo, é destinada a leitores entre oito e doze anos e foi publicada pela EDUEFS, com possibilidades de circulação nos formatos impresso e digital.

Do ponto de vista literário, o texto apresenta alta pertinência temática ao universo infantil, abordando de forma acessível e sensível aspectos do cotidiano e do comportamento de um animal da fauna brasileira, o morcego. A linguagem é adequada à faixa etária e estimula a imaginação, a curiosidade científica e o pensamento crítico, ao mesmo tempo que promove valores éticos de forma sutil. A presença de uma narrativa visual complementar potencializa a formação leitora e amplia a experiência estética.

A avaliação visual e gráfica aponta para um projeto ilustrativo de estilo cartunesco e *clip art*, com boa harmonia entre texto e imagem, cores suaves e formas amigáveis. O formato sugerido (20 x 20 cm) e os acabamentos gráficos propostos (impressão colorida, laminação fosca e tipografias Calibri e Minion Pro) reforçam a atratividade do livro. As ilustrações desempenham papel significativo na ampliação do conteúdo narrativo.

Do ponto de vista técnico, a obra já chegou à EDUEFS digitalizada, com ilustração e diagramação finalizadas, demandando apenas preparação textual mínima e uma rodada de revisão. A previsão de impressão foi de 30 dias, embora não haja informações específicas sobre os prazos das demais etapas editoriais.

Quanto às ações de difusão, a obra apresenta grande potencial de inserção em contextos escolares, especialmente por tratar de temas transversais e propor a elaboração de material de apoio, como guias de leitura e atividades lúdicas. Teve sua submissão ao Edital Livro Infantil 01/2025 da EDUEFS e parcerias com bibliotecas comunitárias e secretarias de educação. Já o parecer editorial final foi favorável, recomendando a aprovação da obra com ajustes gráficos pontuais. Entre os principais pontos fortes, destacam-se a acessibilidade, o equilíbrio entre texto e imagem, e a relevância educativa e cultural da narrativa, que valoriza a fauna brasileira e contribui para a formação sensível e crítica do leitor infantil (Figura 12).

Figura 12: Ficha Analítica de *Tem Morcegos no meu telhado*

## FICHA ANALÍTICA DE EDITORAÇÃO LIVRO INFANTIL

### 1. Dados Gerais da Obra

Critério	Observações / Preenchimento
Título provisório	<b>Tem Morcegos no meu telhado</b>
Autor(es)	Maria da Conceição Gomes
Ilustração(es)	Leonardo Matheus Pereira Açaiz e Erick Santos Silva
Editora / Coleção (se aplicável)	EDUEFS
Gênero literário	Narrativo
Faixa etária indicada	3 a 10 anos
Obra infantil ou didática?	Infantil
Número estimado de páginas	28 páginas
Suporte previsto	Ambos (impresso e digital)

### 2. Avaliação de Conteúdo Literário

Critério	Observações / Preenchimento
Fertilidade temática para a infância	<b>Alta – aborda conhecimento técnico</b>
Adequação da linguagem à faixa etária	Muito adequada, com linguagem acessível
Estímulo à imaginação, criatividade ou pensamento crítico?	Estímulo reflexivo através das questões de hábitos sobre um animal e o dia a dia.
Representatividade e diversidade	Sim – fauna brasileira representada
Consonância com valores éticos e pedagógicos	Sim – promove valores de forma sutil e envolvente
Narrativa visual complementar ou redundante?	Complementar e enriquecedora
Potencial de formação de leitores	Alta – convida à releitura e interpretação
Os recursos ilustrativos são essenciais?	Textos curtos, sensível a uma ótima ilustração

### 3. Avaliação Visual e Gráfica

Critério	Observações / Preenchimento
Estilo das ilustrações	<b>Cartinesco e clipart</b>
Diálogo entre texto e imagem	Bom harmonia
Adequação ao público-alvo	Excelente cores suaves e formas amigáveis e texto de bom entendimento
Formato sugerido	20 x 20 cm (formato quadrado)
Tipo de papel a ser usado	Comilê (150g e 180g). Duo Design 20-09 e/ laminação fosca (capa)
Cores	4sc (colorido)
Tipografia	Calibri e Minion Pro
Sugestão de acabamento	Comilê/grupo com laminação fosca
Comentários sobre aspectos visuais	Ilustrações envolventes que ampliam a narrativa textual

### 4. Aspectos Técnicos e de Produção

Critério	Observações / Preenchimento
Estado do original	<b>Digital</b>
Necessidade de preparação de texto?	Sim – mínima
Necessidade de revisão gramatical/ortográfica?	Sim – mínima
Original já diagramado ou será produzido?	Já Diagramado
Prazos estimados - Preparação	Sem informação
Prazos estimados - Revisão	Sem informação
Prazos estimados - Ilustração	Finalizada
Prazos estimados - Diagramação	Finalizada
Prazos estimados - Prova final	Sem informação
Prazos estimados - Impressão/publicação	30 dias

### 5. Propostas de Difusão e Ações Educativas

Critério	Observações / Preenchimento
Potencial para uso em escolas?	Sim – temas transversais
Sugestão de material de apoio	Guia de leitura e atividades lúdicas
Parcerias possíveis	Bibliotecas comunitárias, secretarias de educação
Inclusão em projetos ou editais?	Sim – Edital Livro Infantil 01/2025

### 6. Observações Finais e Parecer Editorial

Critério	Observações / Preenchimento
Pontos fortes da obra	Equilíbrio entre texto e imagem, acessibilidade
Forças ou limitações percebidas	Necessidade de papéis e ajustes editoriais
Recomendações para aprovação e ajustes	Aprovar com ajustes gráficos
Parecer editorial	✓ Aprovar com ajustes

Com base na aplicação dos materiais encontrados, na ficha analítica de editoração referente ao livro infantil *As aventuras do jacaré Astolfo*, apresenta-se, em linguagem adequada e descritiva, a seguinte análise editorial: a obra, de autoria de Zenaida Novais e Anna Beatriz Novais Santana, com ilustrações de Erica Silva, integra o catálogo da EDUEFS como proposta inédita de literatura infantil voltada ao público que possui de quatro a oito anos. Com estimativa de 32 páginas, o livro se destina à publicação em suporte impresso e digital, articulando narrativa textual e visual em formato 20 x 20 cm. O conteúdo aborda conhecimentos técnicos sobre a fauna brasileira, promovendo representatividade e estímulo à reflexão por meio de linguagem acessível e sensível.

Do ponto de vista literário, a narrativa revela fluidez e cadência apropriadas à faixa etária proposta, apresentando valores éticos e pedagógicos de maneira envolvente. As ilustrações digitais complementam a narrativa, ampliando sua expressividade e fortalecendo a integração entre texto e imagem. O projeto gráfico utiliza tipografias lúdicas (Honey Notes e MTF Pork Chop), papel couchê fosco 115g para o miolo e cartão 250g com laminação fosca para a capa, sugerindo acabamento em canoa/grampo.

Em termos de produção editorial, o original chegou em formato digital e foi diagramado internamente pela EDUEFS. A preparação textual e revisão ortográfica previstas foram realizadas com prazos definidos para cada etapa, incluindo sete dias para preparação, cinco dias para revisão, trinta dias para diagramação e outros trinta para impressão. A prova final foi avaliada em cinco dias. Embora não vinculada a edital específico, a obra poderá ser difundida por meio de ações educativas e parcerias com bibliotecas comunitárias e secretarias de educação. Em seu parecer, a equipe editorial destacou o equilíbrio entre texto e imagem e a acessibilidade do projeto, recomendando sua aprovação com ajustes gráficos pontuais. Trata-se, portanto, de um material com significativo potencial formativo e adequado à política editorial da EDUEFS, voltada à literatura infantil de caráter informativo e inclusivo (Figura 13).

Figura 13: Ficha Analítica de *As aventuras do jacaré Astolfo*



## FICHA ANALÍTICA DE EDITORAÇÃO LIVRO INFANTIL

### 1. Dados Gerais da Obra

Critério	Observações / Preenchimento
Título provisório	<b>As aventuras do jacaré Astolfo</b>
Autor(es)	Zenilda Novais e Ana Beatriz Novais Santana
Ilustrador(es)	Erico Silva
Editora / Coedição (se aplicável)	EDUEFS
Gênero literário	Literatura infantil
Faixa etária indicada	4 a 8 anos
Obra infantil ou didática?	Infantil
Número estimado de páginas	32 páginas
Suporte previsto	Ambos (impresso e digital)

### 2. Avaliação de Conteúdo Literário

Critério	Observações / Preenchimento
Fertilidade temática para a infância	<b>Bom</b> – aborda conhecimento técnico
Adaptação da linguagem à faixa etária	Muito adequada, com linguagem acessível
Estímulo à imaginação, criatividade ou pensamento crítico?	Estímulo reflexivo sobre as ações sobre um animal do dia a dia
Representatividade e diversidade	Sim – fauna brasileira representada
Consonância com valores éticos e pedagógicos	Sim – promove valores de forma sutil e envolvente
Narrativa visual complementar ou redundante?	Complementar e enriquecedora
Potencial de formação de leitores	Bom – convida à releitura e interpretação
Os recursos ilustrativos são necessários?	Textos curtos, sensível a uma única página

### 3. Avaliação Visual e Gráfica

Critério	Observações / Preenchimento
Estilo das ilustrações	<b>Digital</b>
Diálogo entre texto e imagem	Muito bem integrado
Adaptação ao público-alvo	Excelente cores suaves e formas amigáveis
Formato sugerido	20 x 20 cm (formato quadrado)
Tipo de papel a ser usado	Comilê (150g) ou (200g) com iluminação fosca (caps)
Cores	4sc (colorido)
Tipografia	Honey Notes e M.F Fork Chop
Sugestão de acabamento	Com o grampeio com iluminação fosca
Comentários sobre aspectos visuais	Ilustrações envolventes que ampliam a narrativa textual

### 4. Aspectos Técnicos e de Produção

Critério	Observações / Preenchimento
Estado do original	<b>Digital</b>
Necessidade de preparação de texto?	Sim
Necessidade de revisão gramatical/ortográfica?	Sim
Original já diagramado ou será produzido?	Edição EduEFS
Prazos estimados - Preparação	7 dias
Prazos estimados - Revisão	5 dias
Prazos estimados - Ilustração	Finalizada
Prazos estimados - Diagramação	30 dias
Prazos estimados - Fim de obra	5 dias
Prazos estimados - Impressão/publicação	30 dias

### 5. Propostas de Difusão e Ações Educativas

Critério	Observações / Preenchimento
Potencial para uso em escolas?	Sim – temas transversais
Sugestão de material de apoio	Guia de leitura e atividades lúdicas
Parcerias possíveis	Bibliotecas comunitárias, secretarias de educação
Inclusão em projetos ou editais?	Não – Fluxo Contínuo

### 6. Observações Finais e Parecer Editorial

Critério	Observações / Preenchimento
Pontos fortes da obra	Equilíbrio entre texto e imagem, acessibilidade
Riscos ou limitações percebidas	Necessidade de papames ajustados em alguns pontos
Recomendações para aprovação e ajustes	Aprovar com ajustes gráficos
Parecer editorial	✓ Aprovar com ajustes

A ficha analítica da obra *Lunáticos* configura-se como instrumento técnico fundamental no processo de avaliação editorial da EDUEFS, detalhando aspectos literários, gráficos e pedagógicos da publicação. Trata-se de um conto voltado para o público infantojuvenil (oito a doze anos), inédito, com previsão de 56 páginas e circulação em formatos impresso e digital.

O conteúdo apresenta elevada pertinência temática para a infância ao abordar, de maneira sutil e envolvente, conhecimentos técnicos e reflexões sobre a vida no planeta Terra, integrando elementos científicos com linguagem acessível. A obra se destaca pela fluidez narrativa, sensibilidade textual e potencial de releitura, promovendo a formação crítica e criativa de leitores. As ilustrações, em aquarela com paleta pastel, complementam a narrativa ao reforçar metáforas visuais, especialmente a do vento, em sintonia com a proposta estética e poética do livro.

A produção chegou até a editora em estágio avançado, com ilustrações finalizadas e editoração pela EDUEFS, além de revisão gramatical e preparação textual mínima. O formato gráfico de 20x20 cm e o acabamento em laminação fosca adequam-se ao público-alvo e ampliam o apelo visual da obra.

A proposta de difusão contempla uso escolar, atividades lúdicas e parcerias com bibliotecas comunitárias, embora a publicação esteja vinculada ao fluxo contínuo da editora, e não a um edital específico. O parecer editorial recomendou a aprovação com ajustes gráficos, destacando como pontos fortes o equilíbrio entre texto e imagem e a acessibilidade da narrativa (Figura 14).

Figura 14: Ficha Analítica de *Lunáticos*



## FICHA ANALÍTICA DE EDITORAÇÃO LIVRO INFANTIL

### 1. Dados Gerais da Obra

Critério	Observações / Preenchimento
Título provisório	<b>Lunáticos</b>
Autor(es)	Carolina Lima
Ilustrador(es)	Paula Gesteira
Editora / Colecção (se aplicável)	EDUEFS
Gênero literário	Conto
Idade etária indicada	5 a 12 anos
Obra inédita ou reedição?	Inédita
Número estimado de páginas	65 páginas
Suporte previsto	Ambos (impresso e digital)

### 2. Avaliação de Conteúdo Literário

Critério	Observações / Preenchimento
Fertilidade temática para a infância	<b>Alta – aborda conhecimento técnico</b>
Adequação da linguagem à faixa etária	Muito adequada, com linguagem acessível
Estímulo à imaginação, criatividade e pensamento crítico	Estímulo de reflexão sobre o mundo através de histórias
Representatividade e diversidade	Sim – elementos científicos
Consonância com valores éticos e pedagógicos	Sim – promove informações de forma sutil e envolvente
Narrativa visual complementar ou redundante?	Complementar e enriquecedora
Potencial de formação de leitores	Alta – convida à releitura e interpretação
Os recursos gráficos são relevantes?	Textos e imagens, sensível para o público

### 3. Avaliação Visual e Gráfica

Critério	Observações / Preenchimento
Estilo das ilustrações	<b>Aquarela com contornos suaves, paleta pastel</b>
Diálogo entre texto e imagem	Muito bem integrado, reforça o conteúdo
Adequação ao público-alvo	Excelente
Formato sugerido	20 x 20 cm (formato quadrado)
Tipo de papel a utilizar	Comelê 150g (miolo), cartão 230g e/ laminação fosca (caps)
Cores	4sc (colorido)
Tipografia	Dunbar Text
Sugestão de acabamento	Com lamination fosca
Comentários sobre aspectos visuais	Ilustrações envolventes que ampliam a narrativa textual

### 4. Aspectos Técnicos e de Produção

Critério	Observações / Preenchimento
Estado do original	<b>Digital</b>
Necessidade de preparação de texto?	Sim
Necessidade de revisão gramatical/ortográfica?	Sim
Original já diagramado ou será produzido?	Escritório Eduefs
Prazos estimados - Preparação	7 dias
Prazos estimados - Revisão	7 dias
Prazos estimados - Ilustração	Finalizada
Prazos estimados - Diagramação	30 dias
Prazos estimados - Prova final	5 dias
Prazos estimados - Impressão/publicação	30 dias

### 5. Propostas de Difusão e Ações Educativas

Critério	Observações / Preenchimento
Potencial para uso em escolas?	Sim – temas transversais
Sugestão de material de apoio	Guia de leitura e atividades lúdicas
Parcerias possíveis	Bibliotecas comunitárias, secretarias de educação
Inclusão em projetos ou editais?	Não – Fluxo contínuo da Eduefs

### 6. Observações Finais e Parecer Editorial

Critério	Observações / Preenchimento
Pontos fortes da obra	Equilíbrio entre texto e imagem, acessibilidade
Riscos ou limitações percebidas	Necessidade de papéis e ajustes editoriais
Recomendações para aprovação e ajustes	Aprovar com ajustes gráficos
Parecer editorial	✓ Aprovar com ajustes

Dando continuidade às análises, temos a ficha analítica de editoração do livro infantil *Papo de homem*, de autoria de Evanilda Souza de Santana Carvalho, com ilustrações de Erica Silva, que revela um projeto editorial cuidadosamente estruturado e coerente com as diretrizes contemporâneas da literatura infantojuvenil. A obra, inédita, foi submetida à avaliação da EDUEFS, editora universitária vinculada à Universidade Estadual de Feira de Santana, demonstrando potencial para atuação tanto no suporte impresso quanto no digital, o que amplia sua acessibilidade e alcance.

No que tange aos dados gerais, o título *Papo de homem* sugere uma abordagem temática voltada para questões de saúde masculina, mais especificamente a doença falciforme, sob o viés da literatura infantil. A obra é indicada para o público entre oito e doze anos, faixa etária que corresponde ao início do letramento crítico e à consolidação de valores éticos e sociais. O caráter inédito do texto reforça sua originalidade no mercado editorial, apresentando uma estimativa de 36 páginas em formato quadrado (20 x 20 cm), o que é adequado ao público-alvo.

A avaliação de conteúdo literário destaca a pertinência temática, ao tratar de um tema técnico-científico — a doença falciforme — com sensibilidade e linguagem acessível. A narrativa é considerada estimulante, promovendo reflexão e interpretação a partir de elementos do cotidiano, como o uso simbólico de um animal. Além disso, a obra contempla critérios de representatividade e diversidade ao abordar aspectos da saúde brasileira, com consonância ética e pedagógica. A integração entre texto e imagem é descrita como complementar, enriquecendo a narrativa e aumentando seu potencial formativo. A leitura é fluida e bem ritmada, fatores que favorecem a apropriação crítica do conteúdo por parte das crianças. Já no campo da avaliação visual e gráfica, a ficha aponta o uso de ilustrações digitais que dialogam harmoniosamente com o texto. A escolha por cores suaves, formas amigáveis e tipografias legíveis (Filson Pro Black, Glacial Indifference e Tahoma) demonstra atenção à recepção infantil, contribuindo para uma experiência estética acessível e envolvente. O uso de papel couchê fosco no miolo e capa, associado ao acabamento em canoa com laminação, confere durabilidade e qualidade tátil ao livro.

Do ponto de vista dos aspectos técnicos e de produção, o original está em formato digital e requer preparação textual e revisão ortográfica, etapas indispensáveis à garantia da qualidade editorial. A diagramação será realizada internamente pela editora, com prazos estimados razoáveis para cada fase do processo. A ilustração já se encontra finalizada, o que indica adiantamento produtivo relevante. Sendo assim, em relação às propostas de difusão e ações

educativas, o livro mostra forte potencial de inserção em contextos escolares, especialmente por sua abordagem de temas transversais como saúde, identidade e diversidade. A sugestão de material de apoio, como guia de leitura e atividades lúdicas, e a possibilidade de parcerias com bibliotecas, secretarias de educação e saúde, evidenciam a intenção de ampliar o impacto social da obra. Além disso, a inclusão em projetos e editais regionais potencializa sua circulação institucional.

Desta forma, no campo das observações finais e parecer editorial, a obra é reconhecida por seu equilíbrio entre texto e imagem, bem como por sua acessibilidade discursiva e visual. Os ajustes editoriais sugeridos são considerados pontuais, não comprometendo a aprovação do projeto, que recebe parecer favorável à publicação, com ajustes gráficos. Por fim, a ficha analítica evidencia que *Papo de homem* é uma obra que se alinha às práticas editoriais voltadas à formação leitora crítica, ao mesmo tempo em que contribui para a valorização da saúde como temática literária no campo da infância. A mediação cuidadosa entre linguagem, estética e conteúdo técnico-pedagógico aponta para um produto editorial relevante e socialmente engajado (Figura 15).

Figura 15: Ficha Analítica de *Papo de Homem*





## FICHA ANALÍTICA DE EDITORAÇÃO-LIVRO INFANTIL

### 1. Dados Gerais da Obra

Critério	Observações / Preenchimento
Título provisório	Papo de homem
Autor(es)	Evanílda Souza de Santana Carvalho
Ilustrador(es)	Érica Silva
Editora / Coedição (se aplicável)	EDUEFS
Gênero literário	Literatura infantil doença fácil/forme - saúde do homem
Faixa etária indicada	8 a 12 anos
Obra inédita ou adaptação?	Inédita
Número estimado de páginas	36 páginas
Supporte previsto	Ambos (impresso e digital)

### 3. Avaliação Visual e Gráfica

Critério	Observações / Preenchimento
Estilo das ilustrações	Digital
Diálogo entre texto e imagem	Muito bem integrado
Adequação ao público-alvo	Excelente – cores suaves e formas amigáveis
Formato sugerido	20 x 20 cm (formato quadrado)
Tipo de papel sugerido	Couchê fosco 115g (miolo), Couchê Fosco 300g c/ laminação fosca (capa)
Cores	4x4 (colorido)
Tipografia	Fonte Filson Pro Black, Glacial Indifference e Tahoma
Sugestão de acabamento	Canoa/grampo com laminação fosca
Comentários sobre aspectos visuais	Ilustrações envolventes que ampliam a narrativa textual

### 5. Propostas de Difusão e Ações Educativas

Critério	Observações / Preenchimento
Potencial para uso em escolas?	Sim – temas transversais
Sugestão de material de apoio	Guia de leitura e atividades lúdicas
Parcerias possíveis	Bibliotecas comunitárias, secretarias de educação e saúde
Inclusão em projetos ou editais?	Sim e editais regionais

### 2. Avaliação de Conteúdo Literário

Critério	Observações / Preenchimento
Pertinência temática para a infância	Bom – aborda conhecimento técnico e científica
Adequação da linguagem à faixa etária	Muito adequada, com linguagem acessível
Estímulo à imaginação, criatividade ou pensamento crítico	Estimula reflexão e traz orientações sobre um animal do dia a dia
Representatividade e diversidade	Sim – Saúde brasileira representada
Consonância com valores éticos e pedagógicos	Sim – promove valores de forma sutil e envolvente
Narrativa visual complementar ou redundante?	Complementar e enriquecedora
Potencial de formação de leitores	Bom – convida à releitura e interpretação
Comentários adicionais sobre o texto	Leitura fluida, sensível e com ritmo próprio

### 4. Aspectos Técnicos e de Produção

Critério	Observações / Preenchimento
Estado do original	Digital
Necessidade de preparação de texto?	Sim
Necessidade de revisão gramatical/ ortográfica?	Sim
Original já diagramado ou será produzido?	Edição Eduefs
Prazos estimados - Preparação	7 dias
Prazos estimados - Revisão	5 dias
Prazos estimados - Ilustração	Finalizada
Prazos estimados - Diagramação	30 dias
Prazos estimados - Prova final	5 dias
Prazos estimados - Impressão/publicação	30 dias

### 6. Observações Finais e Parecer Editorial

Critério	Observações / Preenchimento
Pontos fortes da obra	Equilíbrio entre texto e imagem, acessibilidade
Riscos ou limitações percebidas	Necessidade de pequenos ajustes editoriais
Recomendações para aprovação e ajustes	Aprovar com ajustes gráficos
Parecer editorial	<input checked="" type="checkbox"/> Aprovar com ajustes

Neste mesmo sentido, a ficha analítica de editoração referente ao livro infantil *Aff, o herói: a história do guerreiro nordestino* apresenta uma análise detalhada dos aspectos fundamentais para a produção editorial da obra. Com autoria de imagem de Gláucia Trinchão e texto de Valéria Nanci, esta obra inédita, em formato de poema, destina-se ao público infantojuvenil, de oito a doze anos, com suporte previsto tanto impresso quanto digital.

A avaliação do conteúdo literário destaca a alta pertinência temática para a infância, evidenciando uma linguagem poética acessível que estimula a reflexão sobre identidade e ritmo de vida. A obra promove representatividade da fauna e flora brasileiras e valores éticos de forma sutil e envolvente, com narrativa visual complementar e enriquecedora que favorece o desenvolvimento do potencial formativo dos leitores. Em termos visuais, as ilustrações em aquarela com contornos suaves e técnica mista dialogam harmoniosamente com o texto, utilizando cores e formas adequadas ao público-alvo, em formato quadrado de 20x20 cm, com acabamento sugerido em laminação fosca.

O processo técnico e de produção chegou até a editora bem organizado e com ilustrações e textos separados e com ótima qualidade visual, com original digital e etapas de preparação, revisão, ilustração e diagramação previstas para cumprimento em prazos razoáveis. Destacam-se propostas de difusão que contemplam o uso escolar, com materiais de apoio e parcerias estratégicas, além da inclusão da obra em programas de acesso e promoção da leitura e editais regionais. O parecer editorial final recomenda aprovação com ajustes gráficos, ressaltando o equilíbrio entre texto e imagem, o lirismo e a acessibilidade da obra, além da necessidade de pequenas correções editoriais (Figura 16).

Figura 16: Ficha Analítica de *Aff*



## FICHA ANALÍTICA DE EDITORAÇÃO LIVRO INFANTIL

### 1. Dados Gerais da Obra

Critério	Observações / Preenchimento
Título provisório	<i>Aff, o herói: a história do guerreiro nordestino</i>
Autor(es)	Valéria Nardi e Gláucia Trinchão
Ilustrador(es)	Gláucia Trinchão
Editora / Coleção (se aplicável)	EDUEFS
Gênero literário	Poema
Faixa etária indicada	3 a 12 anos
Obra infantil ou adaptada?	Infantil
Número estimado de páginas	48 páginas
Suporte previsto	Ambos (impresso e digital)

### 2. Avaliação de Conteúdo Literário

Critério	Observações / Preenchimento
Fertilidade temática para a ilustração	Alta
Adaptação da linguagem à faixa etária	Muito adequada, com linguagem poética e acessível
Estímulo à imaginação, criatividade ou pensamento crítico?	Estímulo reflexivo sobre ideias, valores e ritmo de vida
Representatividade e diversidade	Sim – fauna brasileira representada
Consonância com valores éticos e pedagógicos	Sim – promove valores de forma sutil e envolvente
Narrativa visual complementar ou redundante?	Complementar e enriquecedora
Potencial de formação de leitores	Alto – convida à releitura e interpretação
Os desenhos/ilustrações dialogam com o texto?	Textos curtos, sensível a uma ótima ilustração

### 3. Avaliação Visual e Gráfica

Critério	Observações / Preenchimento
Estilo das ilustrações	Aquarela com contornos suaves, técnica mista
Diálogo entre texto e imagem	
Adaptação ao público-alvo	Excelente – cores suaves e formas amigáveis
Formato sugerido	30 x 30 cm (formato quadrado)
Tipo de papel sugerido	Comulê 150g (miolo), cartão 250g e/ou minúsculo (capa)
Cores	4sc (colorido)
Tipografia	Ubertand
Sugestão de acabamento	Capa/grupo com laminação fosca
Comentários sobre aspectos visuais	Ilustrações envolventes que ampliam a narrativa textual

### 4. Aspectos Técnicos e de Produção

Critério	Observações / Preenchimento
Estado do original	Digital
Necessidade de preparação de texto?	Sim
Necessidade de revisão gramatical/ortográfica?	Sim
Original já diagramado ou será produzido?	Edição Eduefs
Prazos estimados - Preparação	7 dias
Prazos estimados - Revisão	5 dias
Prazos estimados - Ilustração	Finalizada
Prazos estimados - Diagramação	4 dias
Prazos estimados - Prova final	5 dias
Prazos estimados - Impressão/publicação	30 dias

### 5. Propostas de Difusão e Ações Educativas

Critério	Observações / Preenchimento
Potencial para uso em escolas?	Sim – temas transversais
Sugestão de material de apoio	Guia de leitura e atividades lúdicas
Parcerias possíveis	Bibliotecas comunitárias, secretarias de educação
Inclusão em projetos ou editais?	Sim – PNLD e editais regionais

### 6. Observações Finais e Parecer Editorial

Critério	Observações / Preenchimento
Pontos fortes da obra	Equilíbrio entre texto e imagem, ritmo, acessibilidade
Forças ou limitações percebidas	Necessidade de pequenos ajustes editoriais
Recomendações para aprovação e ajustes	Aprovar com ajustes gráficos
Parecer editorial	✓ Aprovar com ajustes

Por fim, no caso do livro infantil *Retirantes*, esta ferramenta foi estruturada em seis blocos que contemplam dados gerais, análise do conteúdo, avaliação visual e gráfica, aspectos técnicos e de produção, propostas de difusão e parecer editorial. A seção inicial apresenta os dados básicos da obra, como título provisório, autoria, gênero literário, faixa etária recomendada e suporte previsto, fornecendo o contexto para o enquadramento editorial. A avaliação do conteúdo literário destaca a pertinência temática para o público infantojuvenil, a adequação da linguagem, o estímulo à imaginação e pensamento crítico, bem como a representatividade cultural expressa pela fauna brasileira, além da consonância com valores éticos e pedagógicos.

No âmbito visual, a análise evidencia a utilização de xilogravuras produzidas por inteligência artificial, que estabelecem um diálogo harmonioso com o texto e apresentam adequação ao público-alvo. São também indicados aspectos técnicos, como o formato, tipo de papel, tipografia e acabamento sugeridos, demonstrando preocupação com a qualidade estética e tátil da obra. A ficha ainda contempla o estado do original, necessidade de preparação textual e revisão, prazos estimados para as etapas do processo produtivo, bem como estratégias de difusão que ressaltam o potencial educativo do livro, incluindo parcerias institucionais e participação em editais. Por fim, o parecer editorial recomenda a aprovação da obra com ajustes gráficos, reafirmando seu equilíbrio entre texto e imagem e a acessibilidade para o público infantil.

Dessa forma, a ficha analítica de editoração, exemplificada no livro *Retirantes*, revela-se fundamental para garantir a qualidade e a coerência da publicação, orientando decisões editoriais e estratégias de circulação (Figura 17).

Figura 17: Ficha Analítica de *Retirantes*

## FICHA ANALÍTICA DE EDITORAÇÃO LIVRO INFANTIL

### 1. Dados Gerais da Obra

Critério	Observações / Preenchimento
Título provisório	<b>Retirantes</b>
Autor(es)	Lara Leal Marques Aristeu Vieira da Silva
Ilustrador(es)	Xilogravura por OpenIA (ChatGPT)
Editora / Coedição (se aplicável)	EDUEFS
Gênero literário	Literatura infantojuvenil: história em quadrinhos
Faixa etária indicada	8 a 12 anos
Obra inédita em português?	Inédita
Número estimado de páginas	23 páginas
Suporte previsto	Impresso

### 2. Avaliação de Conteúdo Literário

Critério	Observações / Preenchimento
Pertinência temática para a infância	<b>Bom</b> - aborda conhecimento técnico
Adequação da linguagem à faixa etária	Muito adequada, com linguagem acessível
Estímulo à imaginação, criatividade ou pensamento crítico	Estímulo reflexivo e traz orientações sobre como agir no mundo real
Representatividade e diversidade	Sim - fauna brasileira representada
Consonância com valores éticos e pedagógicos	Sim - promove valores de forma sutil e envolvente
Narrativa visual complementar ou redundante?	Complementar e enriquecedora
Potencial de formação de leitores	Bom - convida à leitura e interpretação
Quais temas são mais salientes?	Temas finais, sensível sobre o meio ambiente

### 3. Avaliação Visual e Gráfica

Critério	Observações / Preenchimento
Estilo das ilustrações	<b>Xilogravuras realizadas por IA</b>
Dialógo entre texto e imagem	Muito bom diálogo
Adequação ao público-alvo	Excelente - cores suaves e formas amigáveis
Formato sugerido	20,0 x 20,0 cm
Tipo de papel sugerido	Conteúdo fosco 120g (miolo), Couchê 150g 300mg (capa)
Cores	4sc (colorido)
Tipografia	Cordal Recstika (Texto Principal e Títulos)
Sugestão de acabamento	Capa/grampo com laminação fosca
Comentários sobre aspectos visuais	Ilustrações envolventes que ampliam a narrativa textual

### 4. Aspectos Técnicos e de Produção

Critério	Observações / Preenchimento
Estado do original	<b>Digital</b>
Necessidade de preparação de texto?	S: m - mínima
Necessidade de revisão gramatical/ortográfica?	S: m - mínima
Original já diagramado ou será produzido?	S: m
Prazos estimados - Preparação	5 dias
Prazos estimados - Revisão	5 dias
Prazos estimados - Ilustração	Finalizada
Prazos estimados - Diagramação	Finalizada
Prazos estimados - Finais finais	5 dias
Prazos estimados - Impressão/publicação	15 dias

### 5. Propostas de Difusão e Ações Educativas

Critério	Observações / Preenchimento
Potencial para uso em escolas?	S: m - temas transversais
Sugestão de material de apoio	Guia de leitura e atividades lúdicas
Parcerias possíveis	Bibliotecas comunitárias, secretarias de educação
Inclusão em projetos ou editais?	S: m - Fapesb

### 6. Observações Finais e Parecer Editorial

Critério	Observações / Preenchimento
Pontos fortes da obra	Equilíbrio entre texto e imagem, acessibilidade
Forças ou limitações percebidas	Necessidade de papéis e ajustes finais
Recomendações para aprovação e ajustes	Aprovar com ajustes gráficos
Parecer editorial	✓ Aprovar com ajustes

Após a aplicação dos materiais disponíveis, conclui-se que a ficha analítica de editoração constitui-se um instrumento técnico-metodológico indispensável para a avaliação sistemática e integrada das obras infantis produzidas pela EDUEFS e por outras editoras que tenham esse tipo de publicação no seu catálogo. A aplicação dessa ferramenta possibilita a análise criteriosa dos aspectos literários, visuais, técnicos e de difusão, proporcionando uma visão abrangente e detalhada do potencial formativo, estético e pedagógico das publicações. Nos livros analisados, a ficha evidenciou a pertinência temática, a adequação linguística e a consonância ética, bem como a qualidade estética das ilustrações e a organização dos processos editoriais.

Além disso, destaca-se o papel estratégico da ficha na identificação de ajustes necessários e na definição de estratégias de circulação e divulgação, especialmente em contextos escolares e comunitários. Assim, a utilização da ficha analítica contribui significativamente para a qualidade, coerência e sucesso editorial, reafirmando seu valor como ferramenta de apoio à tomada de decisões na gestão editorial de obras infantis no âmbito da EDUEFS.

## 5.1 ANÁLISES EDITORIAIS DOS LIVROS INFANTIS DA EDUEFS

Nos processos editoriais da EDUEFS, foram observadas as etapas envolvidas na criação e editoração de ilustrações em livros infantis, considerando os aspectos técnicos, estéticos e de harmonização do *design* gráfico. Nesse sentido, buscaram-se relatar os caminhos e os critérios que orientaram os ilustradores, os editores e os *designers* no desenvolvimento dos projetos visuais dessas obras voltadas ao público infantil.

O processo de elaboração das ilustrações envolve decisões que vão desde a escolha da paleta de cores e estilo visual até a organização espacial das imagens em harmonia com o texto. Como apontam Costa (2013) e Kane (2011), o *design* gráfico é uma prática orientada por princípios estruturais — como contraste, repetição, alinhamento e proximidade — que contribuem para a clareza, a coesão e o impacto da mensagem visual. No contexto dos livros infantis, esses princípios assumem um papel essencial, já que o público leitor, em fase de desenvolvimento cognitivo, é particularmente sensível aos estímulos visuais.

Além disso, conforme destaca Lupton (2015), o uso consciente da tipografia e sua integração com a imagem também se tornam parte da narrativa. O tipo, o espaçamento e o ritmo visual do texto são elementos que influenciam diretamente a leitura e a interpretação da história. A escolha tipográfica não deve apenas facilitar a leitura, mas também dialogar com o universo estético da obra, contribuindo para uma experiência imersiva.

Williams (2015) complementa essa discussão ao enfatizar que o *design* acessível e bem estruturado pode ser alcançado por qualquer pessoa, desde que haja atenção aos fundamentos do bom *design*. Isso é particularmente relevante na editoração de livros infantis, em que a clareza e a atratividade visual são indispensáveis para manter o interesse e facilitar a compreensão do conteúdo.

Na análise editorial da obra *Tem morcegos no meu telhado*, que abriu as publicações de livros infantis da EDUEFS no ano de 2015, percebemos que integra um conjunto de publicações voltadas ao público infantojuvenil com enfoque na educação ambiental, o que é ponto focal do desejo da EDUEFS nesta conversa de ciência com o público infantil através de seus livros. Do ponto de vista técnico, o livro foi recebido com as ilustrações e textos previamente desenvolvidos e formatados. A etapa editorial concentrou-se, portanto, na realização de ajustes específicos e na finalização do material em ambiente digital. O *software CorelDraw* foi utilizado para a edição vetorial das imagens, permitindo correções pontuais em aspectos visuais, como cores, formas e diagramação dos elementos gráficos. Essa prática está em consonância com os princípios do *design* gráfico contemporâneo, que valoriza a clareza visual, a legibilidade e a harmonia entre imagem e texto (Lupton, 2015).

A finalização da obra foi realizada por meio do *software Adobe InDesign*, ferramenta amplamente empregada na indústria editorial por suas funcionalidades voltadas à diagramação profissional. Através desse programa, foram ajustados elementos como margens, espaçamento, padronização tipográfica e organização dos blocos de texto e imagem, visando assegurar a coesão visual e a adequação técnica do arquivo para impressão. A integração entre os dois *softwares* permitiu uma finalização eficiente, respeitando os critérios técnicos de produção gráfica e mantendo a integridade estética da obra (Figura 18).

**Figura 18:** Originais de *Tem morcegos no meu telhado*



**Fonte:** Gomes (2015).

Ainda que o processo não tenha envolvido a criação original de ilustrações, o trabalho desenvolvido evidencia competências específicas do *design* editorial, que exige sensibilidade estética, domínio técnico e atenção às particularidades do público-alvo. A combinação entre texto narrativo e elementos visuais cuidadosamente ajustados reforça o caráter didático da obra, tornando-a não apenas atrativa, mas também funcional em seu propósito de sensibilizar e informar as crianças sobre a importância da conservação da fauna brasileira.

Em seu segundo livro infantil, *Nem cobra, nem duas cabeças: quem sou eu?*, a EDUEFS seguiu o mesmo modelo de apresentação do livro *Tem morcegos no meu telhado*, com ilustrações e formatação já prontas e trazidas pela autora. Foi apresentado em formato de cartilha, tendo como objetivo dialogar com leitores de diferentes faixas etárias, especialmente crianças e adolescentes, por meio de uma abordagem acessível e lúdica. Com base em estratégias de divulgação científica e educação ambiental, o livro tem o papel de esclarecer um equívoco comum na cultura popular brasileira: a identificação errônea da anfisbena como “cobra-de-duas-cabeças” ou “cobra-cega”.

Para facilitar a compreensão do conteúdo científico e promover o engajamento do público-alvo, a autora trouxe uma narrativa que adota a linguagem dos quadrinhos, recurso reconhecido por sua eficácia na mediação entre conhecimento técnico e público leigo (Ramos, 2012). A história se desenvolve a partir do encontro da personagem Tamile com uma anfisbena em seu quintal, momento em que se estabelece um diálogo entre ambas. Ao longo da conversa,

são apresentados aspectos biológicos e adaptativos da espécie, com destaque para suas peculiaridades morfológicas, sua evolução e seu papel ecológico.

No aspecto técnico-editorial, o livro foi recebido com ilustrações e textos previamente desenvolvidos. A etapa de produção concentrou-se na revisão gráfica e nos ajustes digitais necessários à padronização e finalização do arquivo. Para tanto, utilizou-se o *software CorelDraw*, responsável pelas adequações vetoriais das imagens e pela harmonização visual dos elementos gráficos. Essa fase permitiu a correção de cores, o reposicionamento de balões de fala e a organização do *layout* das páginas, seguindo os princípios do *design* gráfico funcional. A finalização editorial foi realizada por meio do *Adobe InDesign*, *software* amplamente utilizado na produção de materiais para impressão, cuja aplicação permitiu a formatação precisa da cartilha, com ajustes de margens, sangrias, tipografia e disposição dos elementos visuais e textuais. Tal processo garantiu a coesão entre conteúdo e forma, além de assegurar a qualidade gráfica do material final (Figura 19).

**Figura 19:** Originais de *Nem Cobra, nem duas cabeças*, *nem duas Cabeças*



**Fonte:** Valverde (2015).

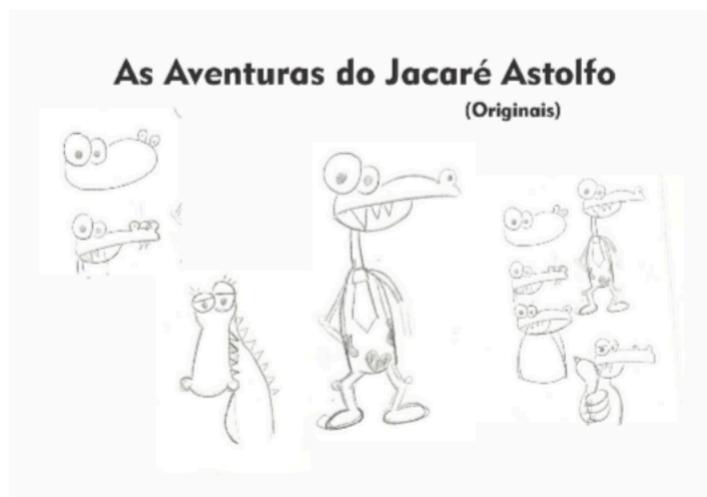
Assim, *Nem cobra, nem duas cabeças: quem sou eu?* Constitui-se como uma ferramenta didática relevante, tanto pelo conteúdo informativo que oferece, quanto pela atenção dada à clareza visual e à acessibilidade da linguagem. Sua produção gráfica e editorial, ainda que não envolva a criação original de ilustrações, demonstrou domínio técnico e sensibilidade

pedagógica, reafirmando o potencial dos materiais paradidáticos na formação de leitores críticos e ambientalmente conscientes.

Completando a trinca de publicações do ano de 2015, a EDUEFS traz o livro *As aventuras do Jacaré Astolfo* que, juntamente com outros dois livros lançados no mesmo ano, coincidentemente, também apresenta animais como protagonistas e seguindo o objetivo da introdução desse gênero editorial com relação a essa conversa entre ciência e público infantil. Com uma linguagem textual simples e direta, o livro foi concebido para garantir a imediata compreensão por parte de seu público-alvo.

O processo de ilustração desta obra envolveu uma abordagem híbrida que conjugou técnicas tradicionais e digitais. Inicialmente, os desenhos foram realizados manualmente, em papel, possibilitando maior liberdade criativa na construção da personagem e da ambientação narrativa (Figura 20). Em seguida, essas imagens foram digitalizadas e retrabalhadas no *software CorelDraw*, em que foram vetorizadas, redesenhadas e coloridas digitalmente. Esse processo permitiu um refinamento técnico das ilustrações, possibilitando o uso de texturas e paletas cromáticas específicas, que contribuíram para a ambientação da narrativa e para o apelo visual da obra. A finalização do projeto gráfico e a diagramação do livro foram realizadas no *Adobe InDesign*, assegurando a qualidade e a padronização necessárias para a produção editorial e impressão profissional.

**Figura 20:** Originais de *As aventuras do Jacaré Astolfo*



**Fonte:** Santana (2015).

A concepção visual do livro partiu da criação autoral do personagem central, Astolfo, bem como da ambientação onde se desenvolve a narrativa, situada no bioma do Pantanal, no

estado de Mato Grosso. Para compor esse cenário, recorreram-se a elementos característicos da flora local, como a vitória-régia, planta aquática emblemática da região. O estilo visual adotado foi o minimalismo gráfico, cujo objetivo foi captar a atenção do público infantojuvenil de forma direta e eficaz, sem comprometer a riqueza narrativa das imagens. Nesse caminho, Astolfo foi desenvolvido com uma fisionomia lúdica e expressiva, buscando um equilíbrio entre simpatia e leve tensão dramática, perceptível no olhar e na postura corporal da personagem. Olhos grandes, cílios destacados e um leve sorriso no canto da boca compõem uma expressão ambígua, que evoca carisma e vulnerabilidade, promovendo identificação e empatia por parte do leitor (Figura 21).

**Figura 21:** Arquivo final de *As Aventuras do Jacaré Astolfo*



Fonte: Santana (2015).

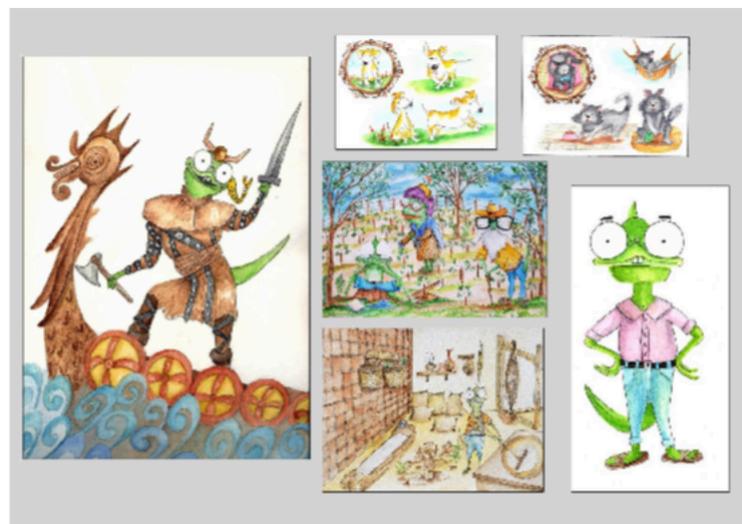
Dessa forma, *As aventuras do Jacaré Astolfo* configura-se não apenas como uma obra literária, mas como um projeto editorial integrado, no qual texto e imagem são concebidos em conjunto para proporcionarem uma experiência estética e narrativa completa. As ilustrações, além de complementarem a simplicidade do texto, adquirem profundidade mediante a aplicação de texturas digitais que evocam a atmosfera do Pantanal. Esse cuidado com a construção visual contribui significativamente para a imersão do leitor no universo da obra, estimulando a imaginação e enriquecendo o processo de leitura.

Em *Aff, o herói: a história do guerreiro nordestino*, publicado pela EDUEFS em 2024, a ênfase recai sobre o papel desempenhado pelos softwares *Adobe Photoshop* e *Adobe InDesign*, bem como pela mesa digitalizadora, como ferramentas essenciais ao trabalho de design gráfico,

adequação visual de imagens e montagem editorial do projeto.

Inicialmente, realizou-se uma reunião entre a equipe editorial e as autoras da obra, Gláucia Trinchão e Valéria Nanci, com o propósito de avaliar a condição técnica e estética dos arquivos de imagem que comporiam o conteúdo ilustrado do livro (Figura 22). As ilustrações, desenvolvidas originalmente em técnica mista (lápiz de cor e aquarela) por uma das autoras, foram digitalizadas em alta resolução e, posteriormente, editadas com o auxílio de uma mesa digitalizadora, que permitiu ajustes manuais mais precisos e orgânicos durante o processo de tratamento digital.

**Figura 22:** Originais de *Aff, o herói: a história do guerreiro nordestino*



**Fonte:** Trinchão (2024).

As ilustrações demonstraram elevado nível de qualidade artística, tanto em acabamento quanto em expressividade visual, mostrando-se coerentes com a proposta narrativa e estética da obra. No entanto, devido à discrepância entre o suporte original (formato retangular) e o formato editorial previsto (quadrado), foi necessário adaptar cuidadosamente as imagens. Essa transformação foi conduzida pela equipe de *design* gráfico utilizando *Adobe Photoshop*, com o suporte da mesa digitalizadora, que facilitou intervenções mais refinadas em áreas complexas da composição.

O *Adobe Photoshop* foi utilizado como principal ferramenta de edição, possibilitando ajustes de composição, redimensionamento e redistribuição de elementos visuais. Operações como o deslocamento de personagens, expansão de texturas e ambientes, e criação de transições suaves entre planos de fundo foram realizadas com o auxílio de técnicas de mesclagem,

duplicação de camadas e retoques digitais. A mesa digitalizadora foi fundamental nesse processo, pois proporcionou maior controle gestual e sensibilidade no trabalho de pintura digital, permitindo que os ajustes fossem feitos com maior precisão e fidelidade ao estilo original.

Além disso, todas as edições seguiram o princípio de preservar a coerência estilística e a unidade gráfica da obra, sem inserção de elementos externos. As intervenções visavam potencializar a expressividade das imagens e ampliar a articulação simbólica entre texto e ilustração, utilizando recursos como: recorte, colagem, preenchimento sensível ao conteúdo e ajustes de cor, brilho e contraste. A mesa digitalizadora, mais uma vez, revelou-se imprescindível ao proporcionar fluidez ao trabalho artístico digital.

Após a finalização da etapa de tratamento e adequação das imagens no *Adobe Photoshop*, o processo de diagramação e montagem editorial foi realizado no *Adobe InDesign*, *software* amplamente utilizado no mercado editorial profissional. O *InDesign* foi responsável por organizar os elementos gráficos e textuais nas páginas, definir margens, espaçamentos, tipografias e hierarquias visuais, assegurando a coesão estética e funcionalidade da leitura. Além disso, permitiu a preparação técnica do arquivo final, contemplando marcações de corte, sangrias<sup>2</sup> e perfis de cor necessários para a impressão em gráfica.

A direção artística do livro foi conduzida de maneira colaborativa entre a equipe de *design* da editora e as autoras, em um processo dialógico que buscou alinhar as decisões gráficas à intenção original da obra. Essa abordagem possibilitou um resultado fiel à visão artística das autoras, ao mesmo tempo que aproveitou, com criatividade e domínio técnico, os recursos digitais contemporâneos (Figura 23). Assim, tanto o *Adobe Photoshop* quanto o *Adobe InDesign*, em conjunto com o uso da mesa digitalizadora, foram fundamentais à materialização gráfica do livro, atuando como mediadores entre o projeto autoral e as exigências do produto editorial infantil.

---

<sup>2</sup> Sangria de livro é a extensão de imagens, gráficos, cores de fundo ou outros elementos, além da linha de corte da página. É uma margem extra que garante que os elementos gráficos não fiquem cortados ou com bordas brancas no processo de final de acabamento de impressão do livro.

**Figura 23:** Arquivo final de *Aff, o herói: a história do guerreiro nordestino*



**Fonte:** Trinchão (2024).

*Papo de Homem* surgiu a partir de uma série de atividades voltadas para orientar pessoas e famílias que convivem com o priapismo, condição caracterizada por uma ereção peniana prolongada e dolorosa, não relacionada a estímulo sexual. Essa condição pode estar associada a diferentes enfermidades, sendo a Doença Falciforme uma das mais frequentes. Idealizado por um grupo de pesquisa com causas sociais e educacionais, o projeto teve como culminância a elaboração de uma cartilha didática ilustrada, pensada para crianças, adolescentes e familiares de pessoas acometidas por priapismo. Com o tempo, o material foi ampliado e ganhou forma de livro infantojuvenil, com o propósito de promover conscientização, orientação e acolhimento de forma lúdica e acessível.

O primeiro desafio criativo foi desenvolver um personagem principal representativo, capaz de estabelecer identificação com o público-alvo. Assim, buscaram-se retratar características físicas comuns entre os indivíduos mais afetados pela condição, especialmente homens negros, reforçando a importância da representatividade e inclusão. A figura central da obra é inspirada em Amaury, diagnosticado com Doença Falciforme aos dois anos de idade e fundador da Associação Feirense de Pessoas com Doença Falciforme, a quem o livro presta homenagem.

A proposta visual da obra exigiu sensibilidade, técnica e recursos gráficos eficientes. A construção das ilustrações envolveu o uso do *software CorelDRAW*, amplamente utilizado na produção gráfica vetorial. Essa ferramenta foi essencial tanto na criação original dos

personagens e cenários, quanto na edição, ajustes e finalização dos elementos visuais. O *CorelDRAW* permitiu o controle detalhado das formas, cores e traçados, otimizando a qualidade gráfica das imagens e assegurando sua coerência estilística ao longo da obra.

O processo criativo também contou com a colaboração entre a autora e a equipe de *design* editorial, garantindo que as informações técnicas sobre o priapismo fossem abordadas de forma clara, educativa e visualmente atrativa. Elementos gráficos foram estrategicamente elaborados para explicar, de forma didática, como as crises se iniciam, como preveni-las e o que fazer durante uma ocorrência, respeitando a faixa etária do público leitor.

Concluída a etapa de ilustração e arte-final no *CorelDRAW*, a montagem editorial e diagramação do livro foram realizadas no *Adobe InDesign*, ferramenta profissional que permite controle preciso sobre a disposição de textos, imagens, margens e demais elementos editoriais. O *InDesign* também foi utilizado na finalização técnica do arquivo, incluindo a configuração de sangrias, perfis de cor CMYK<sup>3</sup> e marcações de corte para o envio à gráfica (Figura 24).

**Figura 24:** Arquivo final de *Papo de homem*



**Fonte:** Carvalho (2024).

A realização deste trabalho representa um marco na produção de conteúdos educativos sobre o priapismo, destacando-se pelo cuidado estético e pelo compromisso social. Ao homenagear Amaury e tantos outros que convivem com a Doença Falciforme, *Papo de Homem*

<sup>3</sup> O perfil de cor CMYK é um padrão de cores usado para imprimir livros e outros materiais gráficos. A abreviação CMYK traz as iniciais de *cyan*, *magenta*, *yellow* e *key* - traduzido para o português como ciano, magenta, amarelo e, a cor chave, preto. Sendo composto por tais pigmentos, o sistema é considerado subtrativo, ou seja, é necessário remover cores para chegar ao tom pretendido.

reafirma seu propósito como instrumento de educação, empoderamento e inclusão social. A combinação entre *design*, tecnologia e sensibilidade humana resultou em uma obra que transcende seu caráter informativo, tornando-se também uma mensagem de esperança, união e responsabilidade coletiva.

Em novembro de 2024, foi lançada a obra *Retirantes*, de Aristeu Vieira da Silva e Lara Leal Marques, que se configura como uma produção editorial de notável densidade poética e simbólica, situada na intersecção entre arte, educação ambiental e crítica social. Seu projeto gráfico-literário destaca-se por empregar, de maneira inovadora, imagens geradas com o auxílio do *ChatGPT* e suas ferramentas visuais integradas, combinadas a intervenções humanas manuais, promovendo uma convergência estética entre o desenho tradicional e os recursos da inteligência artificial (IA). Segundo Lupton (2020), essa prática reflete uma tendência contemporânea no campo das artes visuais, em que a IA não substitui o fazer artístico, mas atua como coautora e catalisadora de processos criativos.

A escolha da figura do morcego como protagonista da narrativa revela-se uma operação simbólica potente, pois ressignifica um animal frequentemente associado ao medo e à marginalidade, recolocando-o no centro de uma crítica ambiental. A metáfora do deslocamento forçado, expressa tanto pelo conteúdo textual em formato de cordel moderno, quanto pelas composições visuais densas, denuncia os efeitos do desequilíbrio ecológico e das práticas humanas predatórias. A criação das imagens, embora mediada por tecnologias generativas, foi orientada por diretrizes poéticas e pedagógicas definidas pelos autores, o que garante intencionalidade e coerência temática à visualidade do livro (Figura 25).

Do ponto de vista técnico, a utilização de sistemas de inteligência artificial como o *ChatGPT* para a geração e edição de ilustrações permite explorar rapidamente múltiplas variações iconográficas, texturas e cenários, o que potencializa a experimentação visual e amplia o repertório estilístico dos artistas. No entanto, a eficácia estética da obra reside na posterior curadoria e edição humana dessas imagens, nas quais a ação do ilustrador não se limita à escolha, mas envolve também recomposição, sobreposição, ajustes cromáticos e reinterpretção gráfica. Esse processo híbrido resulta em ilustrações que não apenas ilustram o texto, mas o expandem sensorialmente, criando atmosferas que reforçam os afetos, tensões e subjetividades da narrativa (Kane, 2011).

**Figura 25:** Arquivo final de *Retirantes*



**Fonte:** Silva (2024).

Visualmente, *Retirantes* apresenta uma paleta cromática densa, com contrastes dramáticos e composições que evocam movimento, travessia e resistência, elementos que dialogam diretamente com o título da obra e com a condição da personagem. A capa, em especial, antecipa o conteúdo lírico e engajado do miolo, estabelecendo uma cena liminar entre a representação plástica e a evocação simbólica. A presença da IA na criação de tais imagens não diminui sua expressividade; ao contrário, amplia as possibilidades de construção imagética, ao permitir a visualização de conceitos complexos com agilidade, favorecendo a articulação entre linguagem visual, textual e sensível.

A tipografia rústica e a diagramação com páginas respiradas<sup>4</sup>, reforçam o caráter oralizado do texto, aproximando-o de tradições populares e comunitárias, ao mesmo tempo em que criam espaços de contemplação visual. Nesse sentido, o livro atua como objeto pedagógico e estético, mediando saberes e afetos, ciência e arte, tecnologia e humanidade. A presença da IA não é, aqui, um recurso meramente técnico, mas parte de processo criativo, em que o fazer artístico é compartilhado entre sujeitos humanos e sistemas de geração simbólica de conteúdo. Dessa forma, *Retirantes* representa um exemplo maduro da capacidade da IA de colaborar criativamente para a produção de ilustrações, desde que inserida em projetos que reconheçam o valor da mediação humana, da ética autoral e da função crítica da arte. O livro

<sup>4</sup> Páginas respiradas, ou com espaços em branco, são páginas diagramadas com espaços vazios que ajudam a organizar a informação e a evitar a sobrecarga visual.

propõe, assim, uma pedagogia ambiental que ultrapassa o discurso científico tradicional, apostando na imagem e na palavra como dispositivos de transformação social. Trata-se de uma obra cuja potência não reside apenas em sua mensagem, mas em seu modo de produção, que instaura novas possibilidades para o campo das artes visuais e para a prática do desenho na era digital.

Entender como utilizar a IA enquanto ferramenta no processo de criação, produção e organização dos objetos editoriais é o grande desafio desses novos tempos. Fatores como direitos autorais, capacidade criativa, propriedade intelectual e outros, são pontos importantes nessa caminhada de construção de um modelo justo de produção editorial.

## 5.2 DIREITOS AUTORAIS E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO EDITORIAL UNIVERSITÁRIA

A publicação do livro *Retirantes*, em 2024, marca a estreia da EDUEFS no cenário editorial, incorporando, em sua produção, recursos de inteligência artificial como apoio aos processos editoriais. Nesse contexto, torna-se imprescindível a realização de uma análise crítica dos elementos que compõem tais processos, com o objetivo de compreender os fundamentos operacionais dessas tecnologias e avaliar sua aplicação à luz da legislação brasileira vigente.

O desenvolvimento das tecnologias digitais, especialmente a Inteligência Artificial, tem promovido profundas transformações nos meios de produção e disseminação de conteúdos culturais, acadêmicos e comerciais. De acordo com Pinheiro (2021), no campo editorial, essas mudanças impactam diretamente a maneira como imagens e textos são criados e utilizados em obras publicadas. Diante desse cenário, emerge a necessidade de refletir sobre os aspectos legais que envolvem os direitos autorais no Brasil, considerando tanto o uso tradicional de obras protegidas quanto os novos desafios trazidos pela criação automatizada.

A Lei nº 9.610/1998, que regula os direitos autorais no Brasil, constitui o principal marco jurídico aplicável à matéria. No entanto, frente às inovações proporcionadas pela inteligência artificial, diversos aspectos da legislação demandam reinterpretações ou atualizações normativas para que se mantenham eficazes diante das novas realidades tecnológicas (CUNHA, 2020). Neste sentido, os direitos autorais asseguram aos criadores de obras intelectuais o direito exclusivo de utilização, reprodução, adaptação e distribuição de seus trabalhos. No Brasil, a proteção é automática, conforme disposto no Art. 18 da Lei nº

9.610/1998 (Brasil, 1998). Essa proteção abrange não apenas textos, mas também imagens, fotografias, ilustrações, diagramas e outras expressões gráficas.

A utilização de obras de terceiros requer autorização expressa dos titulares dos direitos, salvo exceções legais, como o direito de citação (Art. 46, III), desde que identificada a fonte e respeitado o limite do uso. O descumprimento dessas exigências pode configurar violação de direitos autorais, sujeitando o infrator a sanções civis e penais (Pinheiro, 2021). Além disso, os direitos autorais se dividem em direitos morais e patrimoniais. Os primeiros são inalienáveis e asseguram ao autor prerrogativas como o direito de reivindicar a autoria e de ter seu nome indicado na obra. Já os direitos patrimoniais, que podem ser transferidos, dizem respeito à exploração econômica da obra (Cunha, 2020).

Com a introdução de sistemas de Inteligência Artificial Generativa, tornou-se possível a criação de textos, imagens e outros tipos de conteúdo a partir de comandos fornecidos por usuários humanos. Ferramentas como processadores de linguagem natural e geradores de imagens automatizados já são amplamente utilizadas na produção de materiais diversos.

Todavia, a legislação brasileira ainda não contempla a criação de obras por meio de IA. Como a Lei de Direitos Autorais (LDA) define o autor como a pessoa física criadora da obra (Art. 11), entende-se que a IA, por não ser titular de direitos ou obrigações jurídicas, não pode ser considerada autora (Brasil, 1998). Assim, a titularidade da obra recai sobre o ser humano que operou ou dirigiu o processo criativo, desde que haja intervenção intelectual suficiente para justificar tal autoria (Viana, 2023).

O debate jurídico gira em torno do grau de participação humana exigido para que se reconheça a autoria de conteúdos gerados por IA. Quando o conteúdo é criado de forma quase autônoma pela máquina, sem curadoria ou modificação humana, a atribuição de autoria torna-se controversa (Mendes, 2022). Outro ponto sensível diz respeito à utilização de obras protegidas como base de treinamento de modelos de inteligência artificial. A extração e análise de grandes volumes de dados, prática conhecida como *data mining*, pode envolver o uso de textos e imagens protegidos por direitos autorais sem a devida autorização dos titulares (Cunha, 2020).

A LDA não trata diretamente do uso de obras para fins de treinamento computacional, o que gera lacunas legais e insegurança jurídica. Como alerta Mendes (2022), o uso de tais dados pode configurar infração, ainda que não haja cópia literal das obras utilizadas. A doutrina aponta a necessidade de se estabelecerem parâmetros legais mais claros, a fim de garantir o equilíbrio entre inovação e proteção de direitos. Complementando esse debate, Viana (2023) observa que a crescente demanda por regulamentações específicas se dá em um contexto

internacional de transformação tecnológica, em que países como os Estados Unidos e membros da União Europeia já discutem normas sobre a utilização de conteúdo protegido por IA. No Brasil, o debate está em uma crescente, mas tende a se intensificar ainda mais com o aumento da utilização da inteligência artificial no mercado editorial.

No campo da produção editorial universitária, as editoras universitárias, com o apoio da ABEU, têm promovido espaços e oportunidades para a discussão e a implementação de procedimentos éticos relacionados ao uso da inteligência artificial nos processos editoriais de livros acadêmicos. Um exemplo dessa iniciativa foi a realização do I Encontro Baiano de Editoras Universitárias (EBEU), ocorrido nos dias 27 e 28 de março de 2025, na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), em Ilhéus (BA). O evento, organizado com o apoio da Editus – Editora da UESC, reuniu membros da comunidade acadêmica e colaboradores de editoras universitárias da região para debater temas fundamentais do campo editorial, com destaque para as implicações da inteligência artificial em questões como o direito autoral, a revisão de textos e as estratégias de divulgação editorial (ABEU, 2025).

A utilização de imagens e textos em livros, sejam eles de natureza acadêmica, didática ou literária, continua sujeita às regras estabelecidas pela legislação autoral vigente no Brasil. O advento da inteligência artificial, embora represente uma significativa inovação no processo criativo, não elimina a necessidade de observância desses direitos, especialmente quanto à autorização de uso e à identificação da autoria (Pinheiro, 2021). Nesse contexto, Mendes (2022) afirma que o vácuo normativo acerca da criação por IA e do uso de obras protegidas como insumos para algoritmos demanda um esforço legislativo e interpretativo, de modo a garantir segurança jurídica aos autores, editores, desenvolvedores e usuários. Já Viana (2023) complementa dizendo que a proteção à criatividade humana deve coexistir com o avanço tecnológico, em um equilíbrio que preserve os direitos autorais sem sufocar a inovação.

A utilização da IA nos processos editoriais será debate permanente durante um bom tempo; os avanços diários e o não acompanhamento das legislações específicas acerca do tema, no mesmo modo, fazem com que as editoras tenham de redobrar os cuidados e o rigor nos seus processos de produção para continuarem sendo destaque no contexto da edição de livros.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou compreender o processo editorial de construção do desenho nos livros infantis publicados pela EDUEFS, tendo como pano de fundo o cenário da produção editorial universitária brasileira, especialmente no que se refere à literatura voltada ao público infantil. Ao longo do estudo, foi possível constatar que, embora as editoras universitárias desempenhem papel relevante na difusão do conhecimento científico e cultural, a produção de obras infantis e, em particular, aquelas que exploram o potencial expressivo do desenho, ainda ocupa um espaço marginal em suas linhas editoriais.

A escassez de publicações e estudos acadêmicos sobre a relação entre imagem e literatura infantil no contexto das editoras universitárias reforça a urgência de ampliar os horizontes dessa produção, considerando a potência formativa dos livros ilustrados no desenvolvimento das crianças, tanto no que se refere à alfabetização visual quanto ao estímulo à imaginação e à construção crítica da realidade. Conforme aponta Buffrem (2015), a editora universitária é responsável por muito mais que a produção técnica de livros: ela é agente mediadora entre o conhecimento e a sociedade, devendo, portanto, estender suas ações a públicos diversos, inclusive o infantil.

Neste sentido, a EDUEFS, ao retomar e expandir suas publicações infantis nos anos de 2023 e 2024, rompe com a inércia editorial observada em anos anteriores, apresentando uma nova perspectiva para o papel da universidade na formação de leitores desde a infância. A inserção de obras como: *Lunáticos* (2023); *Papo de Homem*; *Aff, o herói: a história do guerreiro nordestino* e *Retirantes* (2024), com propostas gráficas e narrativas diversificadas, revela o esforço institucional em promover a interlocução entre a universidade, a infância e o campo da leitura literária ilustrada.

Ademais, a análise das publicações permitiu verificar que o desenho, como linguagem visual, não apenas complementa o texto, mas constitui elemento estruturante na mediação das narrativas e na recepção estética por parte do leitor infantil. O diálogo entre autor, ilustrador, *designer* gráfico e editor torna-se, assim, um aspecto fundamental para a construção de uma obra coerente e significativa. A presença de soluções técnicas distintas e experimentações visuais, inclusive com o uso de inteligência artificial, como observado no livro *Retirantes*, sinaliza um caminho de inovação e ruptura com paradigmas tradicionais, abrindo margem para novas metodologias e abordagens editoriais.

A pesquisa também evidenciou a necessidade de formação e articulação entre os profissionais envolvidos na cadeia editorial do livro infantil universitário. A compreensão ampliada do papel do ilustrador, do editor e do *designer* na constituição do projeto gráfico revela-se central para a valorização da imagem como componente formador e comunicativo. Nesse aspecto, a profissionalização e a reflexão crítica sobre os processos de criação e edição tornam-se fundamentais para que as publicações infantis possam alcançar maior relevância no mercado editorial e maior impacto junto ao seu público-alvo.

Ao revisitar minha trajetória pessoal com os livros e com o universo editorial, a pesquisa reafirma o caráter afetivo, político e social da literatura infantil, que, além de seu valor estético, constitui-se ferramenta de cidadania e de formação sensível do sujeito. Assim, este trabalho contribui para a valorização do livro infantil como objeto de estudo acadêmico legítimo, e para o fortalecimento de políticas editoriais mais inclusivas e comprometidas com a diversidade de leitores e de expressões culturais.

A presente pesquisa, orientada pela abordagem qualitativa, procurou compreender as especificidades da produção de livros infantis publicados pela Editora da Universidade Estadual de Feira de Santana (EDUEFS), com especial atenção aos desenhos e ilustrações presentes nessas obras. Nesse sentido, o estudo se insere no campo da análise de imagem e da cultura visual, refletindo sobre os modos de representação, memória e identidade que permeiam as publicações infantis no contexto editorial universitário. A abordagem qualitativa revelou-se adequada para acessar os múltiplos significados e construções simbólicas presentes nos materiais analisados, por possibilitar a apreensão de dimensões da realidade que escapam à mensuração objetiva, envolvendo valores, crenças, subjetividades e interpretações contextuais, bem como por compreender o fenômeno a partir da percepção subjetiva dos sujeitos, considerando a interação com o contexto em que estão inseridos.

A utilização da pesquisa bibliográfica permitiu o embasamento teórico e histórico necessário para compreender os elementos constitutivos da imagem e do desenho nos livros infantis, bem como o processo de constituição das editoras universitárias no Brasil. Foram fundamentais para o entendimento da trajetória editorial brasileira e baiana os aportes teóricos de Joly (2007), Gomes (1996), Ramos (2011) e Mendes (2019) no campo da imagem e da ilustração, além de Brufem (2015), Hallewell (2012) e Rosa (1989).

Adicionalmente, a pesquisa documental viabilizou o acesso direto às fontes primárias, analisando textos e ilustrações originais dos livros publicados pela EDUEFS até 2024. Esta

técnica foi fundamental para garantir a fidedignidade e a originalidade dos dados, conforme preconizado por Helder (2006), ao trabalhar com documentos não analisados previamente, reforçando o caráter empírico da investigação. Já a análise descritiva dos dados coletados proporcionou a sistematização das informações obtidas, permitindo identificar padrões e tendências na produção editorial infantil da EDUEFS.

Dessa forma, a pesquisa contribui para o fortalecimento dos estudos sobre o livro infantil no campo editorial universitário e abre possibilidades para novos olhares sobre a construção imagética e simbólica nas obras destinadas à infância. Além disso, reforça a importância das editoras universitárias, como a EDUEFS, na difusão de uma produção cultural e acadêmica comprometida com a diversidade, a memória e a formação leitora de qualidade.

A trajetória histórica do livro e da editoração universitária, desde os primeiros registros escritos até a consolidação das editoras acadêmicas no Brasil, revela um processo contínuo de construção, transmissão e legitimação do conhecimento. Ao longo dos séculos, o livro deixou de ser apenas um artefato físico para se tornar um dos principais vetores da cultura escrita, desempenhando papel central na formação intelectual, científica e cultural da humanidade. Nesse contexto da história editorial ocidental, a invenção da imprensa por Gutenberg representou uma verdadeira ruptura epistemológica. Sua contribuição tecnológica não apenas acelerou a reprodução textual, mas democratizou o acesso à leitura, contribuindo para o fortalecimento de uma esfera pública crítica e letrada. A institucionalização da produção editorial nas universidades, como visto na criação da *Cambridge University Press*, em 1534, reforça o vínculo entre livro e ensino superior, estabelecendo as editoras universitárias como instâncias privilegiadas de mediação entre a ciência e a sociedade.

No Brasil, o atraso histórico da implantação de uma estrutura editorial sólida revela o impacto das restrições coloniais impostas pela metrópole portuguesa, que proibiu a instalação de tipografias até o início do século XIX. O surgimento das primeiras editoras nacionais, como a Editora Francisco Alves e, posteriormente, a Companhia Editora Nacional, evidenciam os esforços de consolidação de uma indústria cultural autônoma, ainda que fortemente influenciada por modelos europeus. Outro fato importante foi que a institucionalização da editoração universitária no Brasil, embora tardia, marca um ponto de inflexão no acesso à produção acadêmica e científica. A partir das décadas de 1950 e 1960, com a criação das primeiras editoras universitárias nas universidades públicas, o país passa a desenvolver uma infraestrutura capaz de responder à crescente demanda por divulgação científica, sobretudo no âmbito das instituições federais e, mais recentemente, das estaduais.

Já na Bahia, o panorama editorial universitário, apesar de suas limitações históricas, apresenta avanços significativos, especialmente a partir da década de 1990. A consolidação de editoras como a EDUFBA, EDITUS, EDUNEB, EDIÇÕES UESB e EDUEFS configura um ecossistema editorial plural, comprometido com a democratização do conhecimento e com a valorização da produção acadêmica local. Tais instituições não apenas ampliam a visibilidade da pesquisa científica produzida nas universidades públicas, como também asseguram a diversidade de vozes e saberes no cenário editorial brasileiro.

Especificamente no caso da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), a criação da EDUEFS representa um marco para a institucionalização de práticas editoriais anteriormente dispersas. A trajetória da editora revela um amadurecimento das políticas de publicação, que passam a integrar diferentes áreas do conhecimento, inclusive projetos voltados à literatura infantil, como demonstrado neste estudo. Nesse sentido, o livro infantil universitário configura-se como uma ferramenta estratégica para a extensão universitária, articulando ensino, pesquisa e cultura.

Em síntese, a história da editoração universitária no Brasil e na Bahia demonstra que o livro permanece como um instrumento insubstituível de mediação cultural e científica. A existência e o fortalecimento das editoras universitárias reafirmam o compromisso das universidades públicas com a produção e a circulação do conhecimento, ampliando seu papel social e epistemológico indo além dos muros institucionais.

Quando abordamos a produção de livros infantis por editoras universitárias, ainda que recente e numericamente modesta em comparação com outras linhas editoriais, representa uma significativa expansão dos papéis sociais e acadêmicos dessas instituições. A partir da segunda década do Século XXI, observa-se um esforço crescente das editoras universitárias baianas, a exemplo da EDITUS, EDUFBA e EDUEFS, no sentido de incorporar obras infantis aos seus catálogos, articulando texto e imagem em propostas editoriais que buscam dialogar com a infância não apenas como público-alvo, mas como sujeito estético, cultural e cognitivo em formação.

Nesse processo, o desenho ganha centralidade como linguagem e como elemento constitutivo da construção de sentido. O que se tem verificado é a ascensão de uma abordagem que valoriza o papel do ilustrador como coautor das obras, ampliando o escopo tradicional da ilustração editorial além da mera função complementar ao texto verbal. Tal perspectiva está em consonância com os estudos de Gomes (1996), Joly (2007) e Mendes (2019), que situam a

imagem e o desenho como linguagens autônomas, dotadas de potência narrativa e simbólica própria, fundamentais na mediação entre o livro e o leitor infantil. Esse entendimento está alicerçado na visão do desenho como linguagem fundadora e primitiva, conforme defendido por Derdyk (2016) e Arnheim (1986), sendo o traço gráfico uma forma de expressão sensível e cognitiva que antecede a própria linguagem verbal. A imagem, portanto, não é apenas reflexo ou adorno, mas signo cultural, como propõe Joly (2007), exigindo uma leitura ativa, contextualizada e crítica, inclusive por parte do público infantil.

Nesse contexto, o trabalho editorial universitário com livros infantis revela-se como prática complexa e interdisciplinar, na qual convergem preocupações estéticas, pedagógicas e políticas. O investimento nesse tipo de produção editorial por parte das editoras universitárias baianas representa não apenas a diversificação de seus catálogos, mas também a ampliação de suas funções sociais e formativas. Ao assumir a infância como interlocutora legítima, essas editoras potencializam o alcance de suas ações de extensão e democratizam o acesso ao conhecimento, oferecendo obras que articulam rigor acadêmico, sensibilidade artística e responsabilidade social.

Dessa forma, o livro infantil universitário torna-se um espaço privilegiado para a experimentação de novas formas de pensar a relação entre texto e imagem, entre universidade e sociedade, entre ciência e cultura. O desenho, como linguagem autônoma e estruturante, surge como eixo teórico e prático fundamental para compreender essa produção e seus desdobramentos. Cabe às editoras universitárias, portanto, reconhecerem e consolidarem o papel formativo do livro infantil, investindo em processos colaborativos entre autores, ilustradores, *designers* e pesquisadores, a fim de ampliar o repertório estético e simbólico das novas gerações de leitores.

Acrescentando a isso, permite-se compreender o papel central que a EDUEFS tem atribuído ao ilustrador na produção de obras infantojuvenis, evidenciando um reposicionamento autoral que acompanha transformações contemporâneas no campo da literatura ilustrada. A partir da adoção de diretrizes editoriais que reconhecem formalmente o ilustrador como coautor da obra, a editora alinha-se a um movimento mais amplo de valorização das múltiplas linguagens que compõem o livro infantil, promovendo uma ruptura com modelos editoriais tradicionais centrados exclusivamente no texto verbal.

Ao institucionalizar esse reconhecimento, a EDUEFS contribui para o fortalecimento da profissionalização dos ilustradores e para a construção de processos editoriais mais

equitativos. A ilustração, nesse contexto, deixa de ser tratada como um elemento secundário ou meramente decorativo e passa a ser compreendida como instância narrativa e estética com protagonismo na produção de sentidos. Como demonstram estudiosos como Nikolajeva e Scott (2001), a relação entre texto e imagem é dialógica e co-constitutiva, sendo a narrativa visual capaz de articular conteúdos complexos e de operar como linguagem autônoma, especialmente na literatura voltada ao público infantil.

Já no campo das visualidades, a valorização da linguagem visual também é reforçada pelas exigências técnicas e legais presentes no manual editorial da EDUEFS (2025), que atribuem ao ilustrador responsabilidades específicas quanto à autoria e à qualidade dos arquivos visuais. Tal atribuição representa uma mudança de paradigma ao situar o ilustrador como agente ativo e corresponsável pela materialidade final do livro, tanto em sua dimensão estética quanto funcional.

Além disso, a elaboração e utilização sistemática de instrumentos técnicos, como a ficha analítica, consolidam uma prática editorial que busca a excelência e o rigor nos processos de produção. Conforme apontam Corrêa (2015) e Kishi (2005), ferramentas dessa natureza não apenas organizam e registram informações relevantes, mas também orientam decisões editoriais com base em critérios estéticos, pedagógicos e técnicos. A ficha analítica proposta neste estudo, ao contemplar dimensões literárias, visuais e de produção, representa um avanço metodológico no acompanhamento das obras infantojuvenis publicadas pela EDUEFS.

Tais práticas evidenciam o compromisso institucional com a democratização do acesso à leitura, a valorização da autoria compartilhada e a qualificação dos produtos editoriais voltados à infância. A convergência entre texto e imagem, nesse cenário, é entendida como fundamento de uma política editorial que reconhece a complexidade e a potência formativa dos livros ilustrados. Assim, o reconhecimento do ilustrador como autor, articulado ao uso de fichas analíticas como ferramentas técnico-reflexivas, reforça o papel da editora universitária como agente cultural comprometido com a qualidade, a inovação e a responsabilidade social. Trata-se de um posicionamento que não apenas reconfigura as práticas editoriais, mas que também contribui para uma formação leitora mais crítica, sensível e plural, valorizando a diversidade de linguagens e saberes presentes na literatura infantojuvenil contemporânea.

A trajetória da EDUEFS no campo das publicações infantis, desde sua primeira incursão em 2015 até os lançamentos mais recentes em 2024, revela uma linha editorial em constante amadurecimento, que combina compromisso institucional com a formação de leitores e atenção

às demandas contemporâneas da infância e da juventude. A diversidade temática e estética das obras publicadas evidencia o esforço da editora em produzir materiais que dialoguem com os múltiplos aspectos da realidade sociocultural brasileira, promovendo o conhecimento, a inclusão e a valorização das identidades regionais. A publicação de obras como *Tem morcegos no meu telhado!* e *Nem cobra, nem duas cabeças: quem sou eu?*, marcou o início de um percurso voltado à educação ambiental e científica, utilizando a narrativa lúdica como ferramenta de mediação entre saber acadêmico e linguagem acessível ao público infantil. Essa proposta ganha continuidade com *As aventuras do jacaré Astolfo*, cujo diferencial está na integração direta entre autoras, ilustradora e a equipe editorial da própria EDUEFS, estabelecendo um modelo de produção colaborativa que fortalece a autonomia editorial da instituição.

A retomada das publicações infantis em 2023 com *Lunáticos*, e, posteriormente, em 2024, com *Papo de Homem e Aff, o herói: a história do guerreiro nordestino*, representa não apenas uma reativação do selo infantil, mas também uma ampliação de sua abrangência temática. Em *Aff, o herói*, a narrativa acompanha a vida de Alfredo, um carismático calango do agreste, cuja jornada destaca práticas culturais nordestinas como a produção de mandioca, farinha e beiju. A história, construída inicialmente a partir dos desenhos, valoriza elementos do patrimônio imaterial brasileiro e convida à reflexão sobre o significado de heroísmo a partir de uma perspectiva local, lúdica e profundamente humanizada. Do mesmo modo, *Papo de Homem* insere-se em um campo sensível de discussão ao abordar saúde e sexualidade infantil a partir da perspectiva de uma criança negra com doença falciforme. Ao tratar de temas como o priapismo de maneira acessível e com rigor informativo, o livro rompe com o tabu em torno da corporeidade infantil e contribui significativamente para o letramento em saúde na infância, dentro de uma perspectiva étnico-racial.

O lançamento de *Retirantes*, também em 2024, insere a EDUEFS em uma nova fronteira editorial: o uso da inteligência artificial como ferramenta de apoio à produção de imagens. O livro, que integra o projeto *Noite de Morcego Bahia*, é ilustrado com imagens geradas com auxílio do *ChatGPT* e retrabalhadas manualmente, constituindo um marco na experimentação editorial da casa. O poema narrado por um morcego da espécie *Molossus molossus* denuncia os impactos das ações humanas sobre os ecossistemas e promove a sensibilização ecológica, inserindo-se em uma tendência contemporânea que combina literatura, ciência e tecnologia.

Assim, a EDUEFS, ao longo desses quase dez anos de produção infantojuvenil, consolida-se não apenas como um espaço de disseminação de conhecimento e estímulo à leitura, mas também como agente cultural ativo, capaz de articular inovação editorial, compromisso social e identidade regional. A continuidade dessa linha, aliada ao incentivo à autoria local e à experimentação de novas ferramentas gráficas e narrativas, poderá garantir à editora um papel de vanguarda no cenário das editoras universitárias brasileiras.

A análise editorial dos livros infantis publicados pela EDUEFS ao longo da última década revela um compromisso crescente com a convergência entre *design* gráfico, acessibilidade visual e mediação do conhecimento científico voltado à infância. A diversidade de abordagens adotadas, que vão desde o uso de ilustrações autorais em técnicas mistas até a exploração de recursos avançados de edição digital e inteligência artificial, evidencia um processo editorial amadurecido, atento tanto às demandas técnicas da produção gráfica quanto às especificidades cognitivas e afetivas do público infantojuvenil. No conjunto das obras analisadas, é possível observar que os critérios de escolha das soluções gráficas e narrativas estão diretamente alinhados aos propósitos comunicacionais de cada título. A presença de personagens animais como mediadores simbólicos, o uso da linguagem dos quadrinhos como estratégia de aproximação com o leitor, e a adoção de paletas cromáticas e estilos visuais coerentes com os temas tratados, configuram-se como práticas editoriais que transcendem a função estética para assumirem papel formativo e social.

Nesse sentido, é notável o esforço da EDUEFS em posicionar seus livros infantis como instrumentos de letramento científico, inclusão sociocultural e educação ambiental. A edição de obras como *Papo de Homem* e *Retirantes*, por exemplo, amplia o escopo da produção editorial ao integrar questões de saúde pública, representatividade racial e crítica ecológica em formatos acessíveis e visualmente impactantes. A incorporação de novas tecnologias, como a mesa digitalizadora e sistemas baseados em inteligência artificial, além de otimizar os processos técnicos de produção, abre caminhos para novas formas de criação colaborativa e experimentação estética, sem comprometer o rigor narrativo nem o engajamento sensível do leitor.

Assim, os livros infantis da EDUEFS configuram-se como artefatos pedagógicos e culturais de alta relevância, contribuindo para a democratização do conhecimento e a formação de uma consciência crítica desde a infância. A articulação entre texto e imagem, mediada por uma editoração criteriosa e sensível, reafirma o papel da editora universitária como agente ativo na construção de uma literatura infantil comprometida com valores sociais, científicos e

artísticos.

À luz das discussões apresentadas, observa-se que a inserção da inteligência artificial nos processos editoriais universitários impõe desafios inéditos ao regime jurídico dos direitos autorais. No caso da EDUEFS, a publicação de “Retirantes” (2024) simboliza não apenas o início de sua trajetória editorial, mas também a adoção de práticas tecnológicas que exigem reconfigurações nos procedimentos tradicionais de produção, revisão e edição de obras acadêmicas. Esta realidade demanda o estabelecimento de parâmetros éticos e legais claros, que assegurem tanto a integridade das publicações quanto a proteção dos direitos de autores humanos envolvidos.

Nesse cenário, faz-se necessário um posicionamento mais efetivo dos entes reguladores e das instituições acadêmicas frente à lacuna normativa existente. A ausência de legislação específica que contemple os produtos gerados por sistemas de inteligência artificial gera um estado de insegurança jurídica que pode comprometer a credibilidade e a responsabilidade das editoras universitárias no que se refere à titularidade das obras e ao uso legítimo de conteúdos protegidos. Assim, a atuação criteriosa das editoras, baseada no rigor técnico e no compromisso com a legislação vigente, torna-se condição essencial para a manutenção da qualidade e da legalidade dos materiais publicados.

Além disso, é fundamental que haja um esforço coletivo para promover a capacitação contínua de editores, revisores e demais profissionais do livro, a fim de que possam compreender e lidar adequadamente com as novas ferramentas tecnológicas. Eventos como o I Encontro Baiano de Editoras Universitárias (2025), promovido pela ABEU, constituem espaços estratégicos para a partilha de experiências e a formulação de diretrizes institucionais diante do avanço da IA no setor editorial.

Ainda nessa linha de pensamento, a convivência entre criatividade humana e inovação tecnológica requer equilíbrio e diálogo constante entre as partes envolvidas. A proteção aos direitos autorais, estabelecida pela Lei nº 9.610/1998, deve ser resguardada mesmo diante das novas dinâmicas criativas mediadas por algoritmos. Nesse sentido, o futuro da produção editorial universitária dependerá, em grande parte, da capacidade das instituições de se adaptarem de maneira crítica, ética e juridicamente responsável aos desafios impostos pela inteligência artificial.

Por fim, espera-se que esta investigação possa fomentar novos estudos, políticas institucionais e ações editoriais que reconheçam a centralidade da infância como etapa

fundamental para o desenvolvimento da leitura, imaginação e da cidadania, e que as editoras universitárias possam assumir, de forma plena, seu papel social nesse processo.

## REFERÊNCIAS

- ABEU. **Seminário de Edição Universitária e Acadêmica**. 4., 2022. São Paulo, SP.: UNESP, 2022.
- ABEU. **Resultados 2023**. 2025. Disponível em: <https://www.premioabeu.com.br/resultado-2023>. Acesso em: 8 abr. 2025.
- ABEU. **Notícias**. 2025. Disponível em: <https://abeu.org.br/noticias/confira-as-fotos-do-1%C2%BA-encontro-baiano-de-editoras-universit%C3%A1rias-abeu/#:~:text=O%201%C2%BA%20Encontro%20Baiano%20de,universo%20editorial%20C%20a%20exemplo%20da>. Acesso em: 12 abr. 2025.
- ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. 9 ed. São Paulo: Pioneira, 1986.
- BARROS, César. **Cultura e edição na Bahia: história das editoras privadas e universitárias**. Salvador: EDUFBA, 2007.
- BARROS, Heloísa Tavares. **A leitura e o livro na Bahia: percurso histórico e situação atual**. Salvador: EDUFBA, 2006.
- BARROS, Heloísa Tavares. A dinâmica editorial em Salvador: retrato de uma década (1994–2004). In: BARROS, Heloísa Tavares; ROSA, Flávia Goulart Mota Garcia. **A comunicação científica na Universidade Federal da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 277-290.
- BRASIL. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 20 fev. 1998. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19610.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm). Acesso em: 12 abr. 2025.
- BUFREM, Leilah. **Editoras universitárias no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2015.
- CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS. **Entrevista coletiva**. São Paulo, 1990.
- CAMPOS, Carmen Lúcia. **O livro infantil e juvenil: do autor ao leitor**. São Paulo: Editora Moderna, 2013.
- CAMPOS, Odilon Moraes. **A imagem nos livros para crianças**. São Paulo: DCL, 2013.
- CARVALHO, Evanilda Souza Santana. **Papo de homem**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2024.
- CASTILHO, José Marques Neto. A editora universitária, os livros do século XXI e seus leitores. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 10, n. 20, p. 11-22, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/QTFVfRtwdNBKMG4XzdVnKSj/>. Acesso em: 22 maio 2023.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP. São Paulo: Editora Unesp, 1990.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teorias, análises, didáticas**. São Paulo: Ática, 2000.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

CORRÊA, Cristina. **Design gráfico e editoração do livro ilustrado infantil**. São Paulo: Rosari, 2015.

COSTA, João Ricardo. **Design gráfico: princípios e práticas**. São Paulo: Blucher, 2013.

CUNHA, Mario Mastriani. **Direito Autoral e Novas Tecnologias**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2020.

CUNHA, Paulo. **História do livro no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2015

DERDYK, Edith. **O desenho do gesto e dos traços sensíveis**. São Paulo: Tempo de Creche, 2016.

DONDIS, Donis. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ECO, Umberto. **A estrutura ausente: Introdução à semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

EDIÇÕES UESB. **Quem somos**. 2025. Disponível em: [http://www2.uesb.br/editora/?page\\_id=22](http://www2.uesb.br/editora/?page_id=22). Acesso em: 9 abr. 2025.

EDIFBA. **Portal**. 2025. Disponível em: <https://portal.ifba.edu.br/prpgi/editora/sobre-a-edifba>. Acesso em: 7 abr. 2025.

EDITUS. **Apresentação**. 2025. Disponível em: <https://www.uesc.br/editora/>. Acesso em: 7 abr. 2025.

EDUEFS. **Apresentação**. 2025. Disponível em: <https://www.editora.uefs.br/>. Acesso em: 3 mar. 2025.

EDUFBA. **Apresentação**. 2024, p. 1. Disponível em: <https://edufba.ufba.br/a-editora/apresentacao>. Acesso em: 6 mar. 2024.

EDUFBA. **Histórico institucional**. Salvador, 2020. Disponível em: <https://www.edufba.ufba.br>. Acesso em: 2 jun. 2025.

EDUFRB. **A Editora**. 2025. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/editora/a-editora>. Acesso em: 6 mar. 2025.

EDUNEB. **Home**. 2025. Disponível em: <https://www.eduneb.uneb.br/>. Acesso em: 06 mar. 2025.

- FEBVRE, Lucien.; MARTIN, Henri-Jean. **O Aparecimento do livro**. São Paulo: Editora Unesp, 1993.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos II**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 267–298.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOBBI, Márcia. **Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisas com crianças pequenas**. São Paulo: USP, 2009. 153 p.
- GOMES, Luiz Vidal Negreiros. **Desenhismo**. 2. ed. Santa Maria: EDUFMS, 1996.
- GOMES, Maria da Conceição. **Tem morcegos no meu telhado**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2015.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2012.
- HELDER, R. **Como fazer análise documental**. Porto: Universidade de Algarve, 2006.
- JOLY, Martine (1994). **Introdução à análise da imagem**. Lisboa: Ed. 70, 2007.
- KANE, John. **Uma introdução ao design gráfico**. São Paulo: Blucher, 2011.
- KISHI, Rita. **A produção editorial no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.
- KLOPP, Bruno. **Design gráfico: princípios e práticas**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2015.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LAJOLO, Marisa. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: UNESP, 2022.
- LIMA, Carolina Oliveira de Cerqueira. **Lunáticos**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2023
- LIMA, Luiz Costa. **O controle do imaginário: razão e imaginação na modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- LUPTON, Ellen. **Pensar com tipos: um guia crítico para designers, escritores, editores e estudantes**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- MARTINS, Mariana; OLIVEIRA, Caio. Adobe Photoshop como ferramenta de apoio no design editorial: estudos de caso em livros ilustrados. **Revista Brasileira de Design**, [s. l.], v. 14, n. 2, p. 45-58, 2021.
- MENDES, André Melo. **Metodologia para análise de imagens fixas**. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG, 2019. (Série Ensaios). Disponível em: <https://www.poscom.fafich.ufmg.br/serie-ensaios/>. Acesso em: 12 abr. 2025.
- MENDES, Mariana Valente. Inteligência artificial e direitos autorais: desafios

jurídicos da criatividade automatizada. **Revista Brasileira de Propriedade Intelectual**, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 155–172, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. **How Picturebooks Work**. New York: Garland Publishing, 2001.

PINHEIRO, Maria do Rosário. **Monteiro Lobato: o livro como instrumento de civilização**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

PINHEIRO, Patrícia Peck. **Direito Digital**. 8 ed. São Paulo: Saraiva, 2021.

PLATÃO. **A República. Livro VI**. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

RAMOS, Alcides Villaça. **Panorama histórico da edição no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

RAMOS, Graça. **A Imagem nos livros infantis – Caminhos para ler o texto visual**. São Paulo: Autêntica, 2011.

RAMOS, Graça. **A imagem nos livros infantis: caminhos para leitura**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

ROSA, Arlindo. **A formação das editoras universitárias no Brasil: estudo da ABEU**. Rio de Janeiro: ABEU, 1989.

ROSA, Arlindo; BARROS, César. **Editoras baianas: entre a resistência e a produção cultural**. Salvador: EDUFBA, 2004.

ROSA, Flávia Goulart Mota Garcia. **Editoras universitárias: identidade e políticas editoriais**. Salvador: EDUFBA, 1989.

ROSA, Flávia Goulart Mota Garcia. **Dinamizando o PIDL**. Salvador: UFBA: Centro Editorial e Didático, 1989.

ROSA, Flávia Goulart Mota Garcia; BARROS, Heloísa Tavares. Panorama do setor editorial em Salvador: considerações iniciais. **Cadernos de Comunicação**, Salvador: UFBA, v. 3, n. 1, p. 45-61, 2004.

SANTANA, Zenilda de Oliveira Novais. **As aventuras do jacaré Astolfo**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2015.

SILVA, Aristeu Vieira da; MARQUES, Lara Leal. **Retirantes**. Feira de Santana: EDUEFS, 2024.

SILVA, Regina Abreu. Impressos e cultura letrada no Brasil oitocentista. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 30, n. 60, p. 27-45, 2010.

SILVA, Tânia. **Autores brasileiros no exterior: impressões em Paris no século XIX**. São Paulo: Annablume, 2010.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. **A pesquisa científica**. In: GERHARDT, T. E.; 2009. p 68-69.

SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.

TAVARES, Luiz. **A aventura editorial de Pinto de Aguiar**. Salvador: Instituto Baiano do Livro, 1993.

TAVARES, Luis Henrique Dias. **História da imprensa na Bahia**. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 1993.

TAVARES, Luis Henrique Dias; ROSA, Flávia Goulart Mota Garcia. **Imprensa e tipografia na Bahia: do século XIX aos anos 1970**. Salvador: EDUFBA, 2010.

TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa. **Aff, o herói: a história do guerreiro nordestino**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2024.

UEFS EDITORA. **Normas para Publicação de Livros Infantojuvenis**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2025.

VALVERDE, Maria Celeste Costa. **Nem cobra, nem duas cabeças: quem sou eu? : uma abordagem sobre os Amphisbaenia**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2015.

VEIGA, José Valadares de. A arte tipográfica no Mosteiro de São Bento da Bahia. **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**, Salvador, n. 114, p. 55-70, 2019.

VIANA, André Lucas de Oliveira. Direitos autorais e inteligência artificial: a autoria de obras criadas por máquinas. **Revista de Direito, Inovação, Propriedade Intelectual e Concorrência – RDIPIC**, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 45–62, 2023.

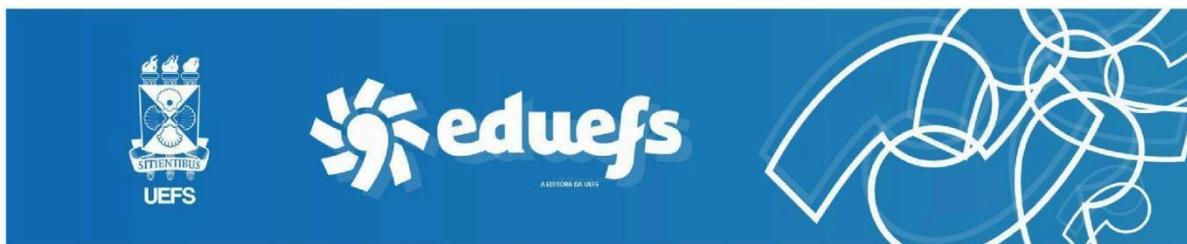
VILANOVA, Luciana. **O desenho como linguagem – práticas com ditado visual**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/40642>. Acesso em: 9 mar. 2024.

WILLIAMS, Robin. **Design para quem não é designer: princípios de design com aplicações práticas**. São Paulo: Callis, 2015.

YOUYI. **A tradição literária chinesa**. Disponível em: <https://www.youyi.com.br/blog/a-tradicao-literaria-chinesa>. Acesso em: 10 abr. 2023

# **ANEXOS**

## ANEXO I - FICHA ANALÍTICA



## FICHA ANALÍTICA DE EDITORAÇÃO LIVRO INFANTIL

### 1. Dados Gerais da Obra

Critério	Observações / Preenchimento
Título provisório	
Autor(es)	
Ilustrador(es)	
Editora / Coedição (se aplicável)	
Gênero literário	
Faixa etária indicada	
Obra inédita ou adaptação?	
Número estimado de páginas	
Suporte previsto	

### 2. Avaliação de Conteúdo Literário

Critério	Observações / Preenchimento
Pertinência temática para a infância	
Adequação da linguagem à faixa etária	
Estímulo à imaginação, criatividade ou pensamento crítico	
Representatividade e diversidade	
Consonância com valores éticos e pedagógicos	
Narrativa visual complementar ou redundante?	
Potencial de formação de leitores	
Comentários adicionais sobre o texto	

### 3. Avaliação Visual e Gráfica

Critério	Observações / Preenchimento
Estilo das ilustrações	
Diálogo entre texto e imagem	
Adequação ao público-alvo	
Formato sugerido	

Tipo de papel sugerido	
Cores	
Tipografia	
Sugestão de acabamento	
Comentários sobre aspectos visuais	
Lorem ipsum	

#### 4. Aspectos Técnicos e de Produção

Critério	Observações / Preenchimento
Estado do original	
Necessidade de preparação de texto?	
Necessidade de revisão gramatical/ortográfica?	
Original já diagramado ou será produzido?	
Prazos estimados - Preparação	
Prazos estimados - Revisão	
Prazos estimados - Ilustração	
Prazos estimados - Diagramação	
Prazos estimados - Prova final	
Prazos estimados - Impressão/publicação	

#### 5. Propostas de Difusão e Ações Educativas

Critério	Observações / Preenchimento
Potencial para uso em escolas?	
Sugestão de material de apoio	
Parcerias possíveis	
Inclusão em projetos ou editais?	

#### 6. Observações Finais e Parecer Editorial

Critério	Observações / Preenchimento
Pontos fortes da obra	
Riscos ou limitações percebidas	
Recomendações para aprovação e ajustes	
Parecer editorial	